

PESQUISA EM LETRAS



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Chanceler:

Dom Dadeus Grings

Reitor:

Joaquim Clotet

Vice-Reitor:

Evilázio Teixeira

Conselho Editorial:

Ana Maria Tramunt Ibaños
Antônio Hohlfeldt
Dalcídio M. Cláudio
Delcia Enricone
Draiton Gonzaga de Souza
Elvo Clemente
Jaderson Costa da Costa
Jerônimo Carlos Santos Braga
Jorge Campos da Costa
Jorge Luis Nicolas Audy (Presidente)
Juremir Machado da Silva
Lauro Kopper Filho
Lúcia Maria Martins Giraffa
Luiz Antonio de Assis Brasil
Maria Helena Menna Barreto Abrahão
Marília Gerhardt de Oliveira
Ney Laert Vilar Calazans
Ricardo Timm de Souza
Urbano Zilles

EDIPUCRS:

Jerônimo Carlos Santos Braga – Diretor
Jorge Campos da Costa – Editor-chefe

**Vera Teixeira de Aguiar
Vera Wannmacher Pereira
(Organizadores)**

PESQUISA EM LETRAS



**PORTO ALEGRE
2007**

© EDIPUCRS, 2007

Capa: Gabriel Santos Pinto

Diagramação: Gabriela Viale Pereira

Revisão: dos autores

P474 Pesquisa em letras [recurso eletrônico] / Vera Teixeira Aguiar, Vera Wannmacher Pereira (Org.) – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2007. 136 p.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de Acesso: World Wide Web:

<<http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>>

ISBN 978-85-7430-692-6 (on-line)

1. Letras – Ensino - Pesquisas. I. Aguiar, Vera Teixeira. II.

Pereira, Vera Wannmacher.

CDD 407

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Processamento Técnico da BC-PUCRS

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 Porto Alegre, RS - BRASIL
Fone/Fax: (51) 3320-3523
E-mail: edipucrs@pucrs.br
<http://www.pucrs.br/edipucrs/>

Sumário

AS LETRAS EM FOCO DE PESQUISA.....	7
<i>Vera Teixeira de Aguiar</i>	
CONSTRUÇÕES TEÓRICAS DO CAMPO LITERÁRIO	16
<i>Daniela Silva da Silva</i>	
LITERATURA: Memória e História *	26
<i>Alice Therezinha Campos Moreira</i>	
SUJEITO, ETNIA E NAÇÃO NAS LITERATURAS LUSÓFONAS.....	33
<i>Maria Luiza Ritzel Remédios</i>	
LITERATURA INFANTO - JUVENIL, LEITURA E ENSINO	37
<i>Diógenes Bueno Aires de Carvalho</i>	
O AUTOR, SUA FORMAÇÃO E A INCLUSÃO NA VIDA LITERÁRIA	44
<i>Luiz Antonio de Assis Brasil</i>	
PESQUISAS EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	49
<i>Gabriela Castro Menezes de Freitas</i>	
A PESQUISA EM FONOLOGIA.....	62
<i>Leda Bisol</i>	
A TEORIA DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA.....	71
<i>Cláudia Regina Brescancini</i>	
PESQUISA EM SINTAXE E SUAS RELAÇÕES PRÓXIMAS: SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA.....	86
<i>Ana Maria Tramunt Ibaños</i>	
LÓGICA E LINGUAGEM NATURAL: UMA ABORDAGEM FORMAL DA LINGUAGEM.....	90
<i>Gabriel de Ávila Othero</i> <i>Gustavo Brauner</i>	
ESTUDOS SOBRE O TEXTO/DISCURSO	104
<i>Susana de Quinteros Creus</i>	
A PESQUISA EM PSICOLINGÜÍSTICA.....	119
<i>Joselaine Sebem de Castro</i>	

AS LETRAS EM FOCO DE PESQUISA

Vera Teixeira de Aguiar
PUCRS

Quando as Letras se tornam o foco da pesquisa, é preciso elaborar um projeto viável, isto é, capaz de ser posto em ação. Para isso, devemos, antes de mais nada, esclarecer questões relativas à natureza das ciências e do trabalho científico, à especificidade da produção acadêmica, à estruturação do projeto em seus itens até a elaboração da pesquisa e a redação do relatório final.

Quando concebemos um projeto de pesquisa, estamos aliando a teoria desenvolvida em todos os níveis do Curso a um esforço de realização prática, isto é, vamos buscar, instrumentalizados com os conhecimentos adquiridos, uma intervenção na realidade, de modo a modificar essa realidade em algum aspecto. Temos aqui uma concepção de ciência que prevê um comportamento controlado, preditivo, analítico, baseado em operações racionais. Mas a propriedade de pensar e resolver problemas todos têm e, nesse sentido, vamos partir do cotidiano, detectar aí as questões a serem resolvidas e só então projetar soluções formais, verificáveis, capazes de provocar mudanças. Fazer ciência, pois, não é afastar-se da realidade, mas com ela dialogar. *(Toda vez que, no dia-a-dia, nos deparamos com alguma dificuldade (por exemplo, queremos assistir a um jogo de futebol e não temos entrada, ou precisamos fazer um trabalho escolar e não dispomos de um computador ou, ainda, gostaríamos de ir a uma festa e não temos roupa apropriada) precisamos providenciar os meios para resolver a situação do modo mais satisfatório e menos dispendioso. Toda a tarefa, desde a descoberta do problema até sua solução, é um trabalho de pesquisa, embora não nos demos conta disso, porque passamos o tempo todo resolvendo problemas, isto é, pesquisando para viver melhor.)

Todos nós, portanto, no dia-a-dia, resolvemos problemas, de modo assistemático, espontâneo, para atender às necessidades da vida prática. O comportamento científico, no entanto, exige sistematização, passos calculados, para chegar à formulação de um conhecimento o mais exato possível. A

ciência, no entanto, não é conclusiva, não dá a palavra final sobre determinado tema; suas respostas são sempre provisórias, passíveis de reformulações, provocadoras de inquietações, motivadoras de novas pesquisas. É, portanto, a insatisfação e a curiosidade que nos movem a fazer ciência, a criar conhecimentos novos, num fazer constante.¹

Quando atentamos para a linguagem estamos diante de toda a gama de problemas teóricos e práticos que ela envolve, desde a concepção do termo e seus modos de abordagem até os fatos atinentes a sua natureza, diversidade, material de que se compõe, modalidades de uso e funções que exerce na vida social, além de precisar levar em conta o funcionamento das instituições sociais envolvidas, como a família, a escola, a biblioteca, a igreja e os demais segmentos públicos e privados além das orientações oficiais decorrentes da política cultural adotada pelo País. Estamos, por isso, no campo da ciência factual, aplicada, que trata de objetos empíricos ou materiais, em constante efervescência. Não lidamos com entes ideais, como o faz a ciência formal (por exemplo, a matemática), que se utiliza de símbolos abstratos para a construção puramente teórica, com vistas à precisão conceitual. Em nosso caso, os achados científicos fundam-se na observação do real e precisam ser constantemente verificados e reformulados, porque as constrições sociais assim o exigem.²

Outro dado a considerar diz respeito ao lugar a partir do qual interferimos na realidade – o meio acadêmico. À Universidade é reservada, por sua vocação, a tarefa de produzir conhecimento novo, transmiti-lo às novas gerações e dirigi-lo ao bem-estar social (pesquisa, ensino e extensão). Precisamos, pois, estar atentos às necessidades da comunidade, recolher dados da vida diária, para refletir sobre eles, esquematizar um quadro de referências e propor alternativas de ação com vistas à melhoria da qualidade

¹ Nesse sentido, o pesquisador assemelha-se muito ao artista, pois é profundamente inquieto, disposto a fazer algo novo, oferecer a seus contemporâneos algo que eles ainda não têm, que lhes é desconhecido. Criar uma nova máquina ou um método de ensino ou de descrição de uma língua ou, ainda, descobrir a cura de uma doença é o mesmo que escrever um poema, compor uma sinfonia, pintar um quadro. Em todas essas situações estamos diante de alguém que exerce sua capacidade de pesquisa, percebendo necessidades e inventando soluções.

² É claro que, em linguagem, também se faz ciência formal, quando tratamos da descrição de um objeto lógico, comum a todas as línguas, que foge das questões empíricas, diferentes em cada ambiente e sujeitas às mudanças segundo os sujeitos que falam. Os estudos de lógica da linguagem abstraem todos os dados variáveis no cotidiano e consideram os universais lingüísticos, comuns a todos os homens de todos os tempos e, por isso, podem criar modelos que se aproximam da matemática.

Algumas descobertas nessa área são bem conhecidas por nós. Por exemplo, em todas as línguas, as sentenças possuem sujeito e predicado ou, também, em todas elas, o plural é mais longo que o singular.

de vida. Por outro lado, os novos projetos devem estar em sintonia com as linhas de pesquisa do Curso, que, por seu turno, vão sendo reformuladas segundo o “estado da arte” em questão e os apelos sociais.

Um projeto de pesquisa nasce da decisão de um sujeito que, por interesse próprio ou de alguma entidade (órgão de desenvolvimento científico, Universidade, Secretarias Municipais ou Estaduais, outras instituições públicas ou privadas), resolve interferir na realidade, diagnosticando situações e procurando alternativas de ação. O mais difícil nesse momento é a definição do tema de pesquisa, o foco específico que se pretende analisar. Quando ele não é bem dimensionado, todo o processo acaba por perder-se, porque da precisão do objeto a ser tratado dependem os procedimentos futuros.

A escolha do tema de pesquisa apresenta várias implicações. Em primeiro lugar, como já acentuamos, vamos orientar nosso estudo segundo uma necessidade detectada e um interesse. É preciso, antes de mais nada, mobilização interior para o problema, convicção da importância de seu tratamento, desejo de agir. A partir de então, é mister delimitar o assunto, com base em critérios de exequibilidade e validade. Em outras palavras, precisamos avaliar nossas condições de tempo para cumprimento de prazos, materiais de pesquisa, acesso a fontes, conhecimentos prévios, possibilidades de locomoção, enfim, todos os fatores externos e internos que facilitarão ou impedirão a realização da pesquisa. O bom pesquisador é aquele que conhece seus limites e, decidindo-se por um tema aparentemente restrito, o explora em profundidade e dele auferir resultados muito positivos para a área em que atua. Tal postura significa considerar também a importância do assunto para a comunidade, as vantagens que o mesmo pode trazer e, ainda, seu grau de representatividade científica.³

Se um projeto de pesquisa surge das incertezas que temos sobre uma questão a ser resolvida, significa que já conhecemos o problema, que estamos diante dos dados a serem analisados e não frente ao vazio. Ninguém tem dúvidas sobre o que não sabe, pois é preciso ter conhecimento sobre algo para

³ Não podemos propor, por exemplo, um tema muito amplo, como investigar todas as bibliotecas públicas do Brasil quanto às consultas sobre Machado de Assis. Nunca vamos dar conta do recado, porque não teremos os meios de viajar por nosso extenso País, não disporemos seguramente de todo o tempo exigido para levantar, organizar e analisar os dados. Então, o que, em princípio, parecia uma grande idéia está destinada ao fracasso enquanto pesquisa.

questioná-lo, embora ainda de modo impreciso. Para proceder à pesquisa é preciso, assim, construir uma ordem, com base na desordem imediata, organizando os conhecimentos de que dispomos. O resultado é a formulação de um constructo teórico, um modelo que servirá de fundamento para a análise.

Se o problema de pesquisa deve ser definido com clareza, da teoria exigimos coerência na disposição dos quadros explicativos de referência, que vão nos servir de suporte para refletirmos sobre os dados recolhidos. A orientação teórica que escolhermos determina as questões de pesquisa, as hipóteses, os objetivos e a metodologia de trabalho. Uma opção teórica diz respeito a uma visão de mundo, a uma concepção de homem e sociedade que consideramos a melhor. Portanto, nossa ação é sempre guiada por uma atitude diante do real.⁴

Delimitado o tema e esboçada a teoria, para bem orientarmos o processo de pesquisa, o passo seguinte é a formulação de perguntas norteadoras sobre o assunto em foco, que expressem com clareza o que queremos investigar. Nosso caminho será, a partir daí, responder a essas questões, que dão conta do problema a ser investigado. Para isso, vamos traçar objetivos específicos, de preferência um para cada item, porque nosso intento é encontrar as respostas satisfatórias. Objetivos claros e sempre que necessário retomados durante o percurso da pesquisa são a garantia do êxito final, porque eles representam o alvo a ser atingido e, se não os temos bem definidos, não podemos saber se os alcançamos.

Dependendo da natureza da pesquisa a ser empreendida e dos fundamentos teóricos que vão embasar todo o processo, podemos optar por construir hipóteses em vez de questões norteadoras para o trabalho. As hipóteses são respostas provisórias ao problema levantado, suposições iniciais que antecedem a constatação dos fatos, que devem ser testados para determinar sua validade. De acordo ou contrárias ao senso comum, as

⁴ Assim sendo, a elaboração desse quadro referencial deve resultar de um trabalho reflexivo, que leve em conta nossas convicções sobre as relações e trocas sociais, já que estamos no campo das ciências humanas. Teorias antagônicas, que explicam a realidade de modo divergente, uma, por exemplo, voltada para o ideal de unidade, em que um espírito superior centraliza todas as respostas, e outra, depositária da diversidade, convicta de que não existe a verdade absoluta, mas forças opostas que dialogam constantemente, dificilmente podem conviver num modelo coerente. Precisamos, portanto, revisar continuamente o arcabouço construído, para que ele possa iluminar a análise dos fenômenos que observamos.

hipóteses, pois, conduzem a uma verificação empírica ou formal, segundo a natureza da pesquisa.⁵

Quando começamos um projeto de pesquisa, já sabemos algo sobre o assunto e, portanto, podemos tomar posição em relação aos tópicos que ele levanta – daí as hipóteses. O desenvolvimento da pesquisa vai confirmá-las ou negá-las, em sua totalidade ou em parte. O que acontece muitas vezes, no entanto, é que a diversidade e o inusitado dos comportamentos das pessoas fazem com que, em ciências humanas, as hipóteses sejam difíceis de serem delimitadas. Nesse caso, optamos pelas questões norteadoras, mais abertas e adequadas à nossa área de atuação.⁶

A etapa seguinte do planejamento diz respeito à metodologia de trabalho a ser adotada, isto é, a como vamos agir para atingir os objetivos propostos, responder às questões ou verificar as hipóteses e solucionar o problema de pesquisa.⁷

Nesse momento, é necessário delimitar, de modo aleatório, no universo que queremos investigar, uma amostra representativa que, por conter as características do todo, ofereça informações significativas para a sua compreensão. Nesse sentido, quanto maior for o universo menor será a percentagem amostrada, isto é, se temos 1.000 alunos, podemos constituir uma amostra de 5 %, com 50 alunos, mas, se o universo se compõe de 100 alunos, precisamos providenciar uma amostra de 30 % (30 alunos), para que ela nos dê resultados seguros.

A composição da amostra deve levar em conta as variáveis de pesquisa que vamos considerar na análise. Uma investigação sobre interesses de leitura pode indagar, por exemplo, a idade, o sexo, o nível socioeconômico,

⁵ Se o pesquisador for trabalhar com universais lingüísticos, por exemplo, ele vai construir um modelo teórico baseado em raciocínio dedutivo, para provar suas hipóteses. Ao contrário, se a investigação for indutiva, o pesquisador vai colher e analisar dados da realidade empírica, como anotar as diferentes formas de falar de uma região, segundo a origem dos falantes.

⁶ Um exemplo claro da vantagem das questões norteadoras em relação às hipóteses pode estar em uma pesquisa sobre interesses de leitura. Quando traçamos hipóteses, supomos as respostas de nossos entrevistados e, nesse sentido, limitamos suas preferências àquilo que atribuímos possível, segundo nossa visão de mundo. Acontece que, durante a investigação, certamente inúmeras alternativas surgirão, enriquecendo os resultados, pois a pesquisa empírica lida com a multiplicidade da natureza humana.

⁷ O planejamento envolve vários procedimentos, a começar pela decisão pelo tipo de pesquisa a ser realizada, se bibliográfica documental (em livros e outros materiais impressos, informatizados ou de tipos vários, recolhidos na comunidade) ou de campo, essa última podendo ser diagnóstica (com base no registro de dados do objeto observado, como o acervo de uma biblioteca ou os hábitos de leitura dos jovens) e experimental (com planejamentos de situações às quais os participantes são expostos e análise de suas reações durante toda a experiência, como aulas de leitura em língua estrangeira ou oficinas de criação literária).

a escolaridade dos informantes. Quanto maior o número dessas variáveis independentes, mais complexo é o resultado, porque cada uma delas deve ser cotejada com as variáveis dependentes, aquelas provenientes do problema em pauta, como, por exemplo, os interesses relativos a gênero de leitura, assunto, tipo de personagem.

A partir de então, podemos elaborar os instrumentos de pesquisa, que vão depender do tipo elegido e das variáveis consideradas. Para um trabalho bibliográfico/documental, utilizamos fichas ou formulários, com tópicos referentes aos dados a serem recolhidos; para um diagnóstico, podemos nos valer, entre outros, de questionários, roteiros de entrevistas, fichas de observação, e, para uma investigação experimental, precisamos de um experimento (o material de ensino, por exemplo), questionários, roteiros de entrevistas, fichas de acompanhamento, fichas de observação, materiais para pré e pós-testes, de acordo com a natureza da experiência a ser empreendida.

Antes de serem aplicados junto à amostra selecionada, os instrumentos devem ser testados e reformulados até chegarem a sua forma final, satisfatória para os propósitos da pesquisa. O projeto, pois, deve contemplar a testagem (onde? quando? com quê?/quem? como?) e as condições para reformulação, segundo os resultados dos testes prévios, até chegarmos à forma final dos instrumentos a serem aplicados.⁸

O tópico seguinte do planejamento refere-se à aplicação dos instrumentos, que deve prever, como no caso da testagem, os aspectos que o processo envolve (lugar, tempo, instrumentos, informantes, investigadores, modos de ação). Essa coleta, de acordo com o tipo de pesquisa, vai ser bibliográfica/documental ou de contato direto, no caso da investigação de campo de cunho diagnóstico ou experimental. Em qualquer uma das situações,

⁸ Certa vez, uma pesquisadora que queria investigar os interesses de leitura das crianças de quarta a oitava série de Ensino Fundamental, preparou-se, criteriosamente, para empreender uma testagem com um grupo de crianças de quarta série que não participaria da investigação final. Aplicado o questionário e recolhidos os dados, ela empenhou-se na análise dos resultados e verificou que seus sujeitos garantiam, em massa, um interesse inusitado pela leitura de livros, de preferência grossos e longos. Descontente com tal resultado que, por certo, não correspondia à realidade, foi avaliar seu instrumento de pesquisa e deu-se conta de que a palavra *livro* aparecia quinze vezes ali. Tal fato direcionou as respostas obtidas, pois nossos interlocutores não mentem, eles tentem atender àquilo que julgam ser a expectativa do pesquisador, como, de resto, em toda a comunicação humana. O saldo final da testagem foi, pois, a melhoria do instrumento a ser aplicado.

damos espaço para o registro de todas as informações importantes para a compreensão da realidade.⁹

Uma vez de posse dos dados registrados durante a coleta, cabe organizar, analisar e interpretar os resultados, etapas que vão ser planejadas com cuidado, de modo a aproveitarmos bem o material que teremos em mãos. A organização propõe a elaboração de listas, gráficos, quadros, esquemas, tabelas, de modo a facilitar a visualização e o estabelecimento de relações entre os elementos. Para a análise, planejamos a reflexão sobre o objeto, à luz dos fundamentos teóricos considerados e, para a interpretação, um movimento em relação à síntese das descobertas feitas, enfatizando aproximações possíveis.

O projeto dá espaço, ainda, para a formulação das conclusões, que devem retomar as questões de pesquisa ou as hipóteses, conferir os objetivos e responder ao tema inicial. É o momento de refazer todo o caminho percorrido, avaliar acertos e erros e levantar novas questões de pesquisa, num processo contínuo. Por isso, o pesquisador deve ser um sujeito inquieto, observador e criativo

Para melhor paramentar os futuros pesquisadores, é preciso discutir os aspectos atinentes ao escrito científico e ao relatório da pesquisa, chamando a atenção para as exigências formais, a redação e o discurso científico. Exposição geral da pesquisa levada a efeito, desde o planejamento às conclusões, incluindo os procedimentos metodológicos empregados, esse documento tem por finalidade dar informações sobre o trabalho e os resultados atingidos, de modo a que os mesmos possam circular no âmbito da comunidade interessada. Por isso, são imprescindíveis a obediência às normas técnicas, a clareza, a precisão e a lógica, para garantir a objetividade na exposição do problema focado no estudo, no detalhamento dos processos de pesquisa, na enumeração dos resultados, na discussão das conseqüências deduzidas dos mesmos e no levantamento de novos problemas a serem investigados. Um relatório, portanto, deve contemplar todas as seções

⁹ Podemos reunir os dados preenchendo fichas, por exemplo, em que colocamos os tópicos que interessam ao nosso trabalho (dados de identificação, dados referentes à caracterização de uma personagem ou registros de fala, observações de uma aula, etc). Quando a pesquisa é de campo, precisamos fazer gravações de entrevistas, filmagens de cenas, também preenchimentos de fichas, enfim, usar instrumentos de dêem conta do processo realizado, de modo a poder interpretar as informações depois.

previstas no projeto, agora entendidas como etapas cumpridas na realização da investigação.

Se o relatório tem um propósito comunicativo, destinando-se a todos aqueles que podem auferir lucros científicos e/ou sociais das conclusões alcançadas pela pesquisa, sua linguagem deve ser ao mesmo tempo especializada, fluente e acessível. Tais exigências têm a ver com o lugar da ciência e o papel do cientista na sociedade. A pesquisa, produtora do conhecimento científico, nunca é neutra, mas, como fenômeno político, está a serviço de interesses sociais. Ela deve se destinar, pois, ao bem-estar das pessoas, na medida em que seus achados possam se transformar em suportes de novos comportamentos. A relação da ciência com a vida prática supõe, por isso, um pesquisador participante, inserido nas contingências de seu meio, disposto a contribuir para a solução das questões que ali se colocam. Uma linguagem e uma postura inacessíveis são mecanismos de acesso ao poder, através da alienação acadêmica e da desmobilização social. Assim, um relatório que poucos eruditos podem decifrar é um instrumento de dominação, destinado, possivelmente, à promoção e à obtenção de vantagens pessoais. O verdadeiro cientista, portanto, deve ser sensível às dificuldades de seu tempo, encaminhar seus estudos na busca de resolução das mesmas e divulgar suas descobertas de modo a beneficiar a comunidade em que vive.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO/HORKHEIMER. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1989.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 1996.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

GAILLARD, Françoise et al. **A ciência e o imaginário**. Brasília: UnB, 1994.

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1982.

MARINHO, Pedro. **A pesquisa em ciências humanas**. Petrópolis: Vozes, 1980.

CONSTRUÇÕES TEÓRICAS DO CAMPO LITERÁRIO

Daniela Silva da Silva
PUCRS

Dizem as teorias da Física que um campo magnético é formado por elementos que se atraem e que estão em movimento. O modificador nominal “magnético”, nesse caso, não apenas qualifica o nome “campo”. Constitui-se, além disso, em propriedade indispensável à sua condição, natureza e circunstância. É graças ao magnetismo, outro ramo da Física, que os corpos se atraem ou se repelem entre si de acordo com seu grau de afinidade. Não se trata aqui de discutir o ferramental teórico proposto por essa Ciência, mas de utilizá-lo como metáfora para apontar que no Campo Literário de que se vai tratar também há forças agindo umas em relação às outras, conforme grau de parentesco, a favor ou em posição de enfrentamento, umas em dire(oposi)ção às outras. As teorias propostas pela linha de pesquisa Construções Teóricas do Campo Literário exercem sobre esse campo forças magnéticas. Portanto, são delas a responsabilidade pela sua constituição.

A força inauguradora do Campo é o Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. A linha de pesquisa Construções Teóricas do Campo Literário é parte integrante desse Programa desde a criação do Curso de Doutorado, na área de Teoria da Literatura, em 1977. Agindo sobre ele e o constituindo está, ainda, a Oficina de Criação Literária. Do magnetismo entre idéias e ações origina a força inauguradora desse Campo que, por sua vez, está inserido em outro mais vasto: a Literatura.

LINK 1

A principal atividade desse Campo é fornecer embasamento teórico ao exame de produções literárias em diferentes línguas, como em espanhol, alemão, francês, inglês, dentre outras. É seu objetivo, ainda, a investigação das questões do literário, focalizando os fatores constituintes da Literatura, tanto periféricos quanto centrais.

LINK 2

São desenvolvidos estudos sobre a personagem, o tempo, o espaço, o narrador e o discurso, para exemplificar tipos de elementos representativos do

grupo de elementos centrais, constituintes materiais de uma obra de arte. No grupo dos periféricos está o debate sobre as questões relacionadas à crítica, seja ela textual, sociológica ou genética. A discussão do Literário a partir da teoria proposta por essa linha de pesquisa também se dá através de temas, os quais apontam em várias direções, uma vez que o Curso trabalha com questões de criação, crítica da obra e recepção.

LINK 3

A Oficina de Criação Literária, cujo objetivo é a inclusão de escritores na vida literária, dá conta de representar os debates que envolvem o primeiro item para o qual o essa Linha de Pesquisa se volta. Os alunos admitidos na seleção têm contato com a experimentação narrativa, estudando, dentre outras coisas, o tempo, o espaço, o diálogo e as estruturas que compõem um texto dessa natureza, a fim de evidenciar o arsenal técnico que um escritor deve possuir. Ao estudo crítico compete o exame do processo de concepção das obras literárias pelos seus autores e do próprio texto enquanto resultado desse processo. O terceiro item, a recepção, preocupa-se com o leitor, tanto do ponto de vista interno quanto do externo à obra, avaliando, ao mesmo tempo, o receptor implícito no texto, bem como fatores contextuais que influenciam a leitura do objeto literário e sua circulação na sociedade.

LINK 4

São exemplos de trabalhos de pesquisa nessa Linha os projetos desenvolvidos por mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.

LINK 5

Todo o projeto de pesquisa parte de uma hipótese inicial do pesquisador. A busca por essa resposta, em vista disso, depende e é guiada pelo aparato teórico escolhido por ele para embasar o tema a ser discutido e com isso produzir conhecimento. Como modelos teóricos dessa Linha de trabalho são utilizados textos de Sociologia da Literatura, Sociologia da Leitura, Estética da Recepção, Crítica Genética, Crítica Textual e Estudos Culturais.

Se pesquisar é conhecer, por um lado, por outro, é construir, gerar, discutir, corroborar, refutar. Dessa forma, pesquisar constitui-se num processo de (auto)conhecimento por parte dos indivíduos, bem como deles em relação à(s) comunidade(s) social(is) com a(s) qual(ais) interagem. Pesquisa é

interação. Do acordo entre a teoria e a obra de arte também surge um diálogo permanente e perene. Tal diálogo é estabelecido pelo pesquisador, no sentido de conhecer o objeto de estudo com o qual trabalha e de, em contrapartida, dá-lo a conhecer, como se vê, num processo de negociação mútua. A isso se pode denominar processo e é dele que resulta o Campo do qual se está tratando.

Dessa forma, é o pesquisador uma força ativa e construtora do Campo em questão. São as suas dúvidas, situadas dentro das possibilidades oferecidas por essa Linha de Pesquisa, como o debate acerca da obra, do autor e da recepção, segundo os princípios teóricos aventados, que constrói a teoria que a ampara e dão continuidade ao que foi começado em em 27 de abril de 1977, pelo Conselho Universitário da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Como se vê, muitas são as forças: teóricas, literárias e humanas. Muitas são, dessa forma, as edificações. Conseqüentemente, variada é a arquitetura dos projetos e o *design* da Literatura que dessas for(ç)mas se alimenta para continuar se desenvolvendo.

LINK 6

O ferramental teórico que instrumenta essa linha de pesquisa pode ser representado pelos títulos que compõem a seção “Sugestões bibliográficas”.

LINKS

LINK 1

O Programa de Pós-Graduação em Letras foi criado em 1969 pelo Conselho Universitário da Universidade. Em 1970, é instalado o Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras (CPGLL), com a atribuição de implantar o Programa de Mestrado no Instituto de Letras e Artes (ILA), hoje Faculdade de Letras (FALE). O credenciamento do curso pelo Conselho Federal de Educação deu-se em 8 de outubro de 1973. Os subseqüentes credenciamentos, em 04 de outubro de 1979 e 05 de dezembro de 1985. Em 27 de abril de 1977, o Conselho Universitário aprovou a criação do Curso de Doutorado nas áreas de Lingüística Aplicada e Teoria da literatura.

LINK 2

No endereço a seguir é possível encontrar exemplos trabalhos teóricos desenvolvidas nessa Linha de pesquisa:

<http://www.pucrs.br/uni/poa/fale/pos/guia.pdf>.

LINK 3

Cada uma dessas forças age sobre o Campo e está em relação de reciprocidade com ele, pois ao mesmo tempo em que o determina são determinadas por ele. Além disso, exercem uma negociação entre si, negociação essa fruto da sintonia ativa e dependente que mantêm com o contexto de que fazem parte, bem como com o objeto sobre o qual se debruçam: o texto literário.

LINK 4

A Oficina de Criação Literária foi instituída em agosto de 1985, pelo Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil, Coordenador do projeto, como tem sido desde o momento primeiro. Informações sobre o projeto estão disponíveis em:

<http://www.pucrs.br/fale/oficialiteraria/>

LINK 5

São esses dois exemplos de Projeto de Pesquisa, produzidas por alunos de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, em que são utilizados o aparato teórico proveniente da Linha de Pesquisa Construções Teóricas do Campo Literário e que, por sua vez, constituem-se como forças que o determinam e são, ao mesmo, tempo determinadas por ele:

Título: “Itinerários de leitura: o processo recepcional de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*”

Aluno: Verbena Maria Rocha Cordeiro

Orientador: Prof^ª. Dr. Vera Teixeira de Aguiar

Resumo:

Este estudo analisa o percurso crítico da recepção da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, tendo como suporte teórico a Estética da Recepção de Hans Robert Jauss e de Wolfgang Iser. Seguindo essa abordagem, assume a perspectiva de dialogar com o leitor, no intento de compreender a obra literária à luz da hermenêutica da pergunta e da resposta, considerando sua natureza indeterminada e lacunar e seus condicionamentos históricos. Para tanto, rastreia, em ensaios de jornais e revistas, em dissertações, teses e livros, a recepção dessa obra desde sua publicação, em 1881, até a contemporaneidade. Busca, concomitantemente, explicitar as condições estéticas, filosóficas e histórico culturais que asseguram atualidade ao texto literário. Destaca os eixos de continuidades e rupturas entre as gerações de críticos, suas tendências, seus movimentos de rejeição e apropriação da poética machadiana. A partir daí examina a atitude receptiva do leitor, mapeada na fortuna crítica de MPBC e configurada no confronto entre seu horizonte de expectativa e o caráter emancipatório da obra de arte. O presente trabalho instaura, finalmente, a leitura dessa pesquisadora, modulada na pluralidade de vozes de uma crítica secular, e nos vazios e negações que aí se expressam, como elementos detonadores da participação ativa do leitor e da historicidade de MPBC.

Título: “*La Saga/Fuga de J. B.*, de Gonzalo Torrente Ballester”

Aluno: Regina Kohlrausch

Orientador: Prof. Dr. Maria Eunice Moreira

Resumo:

Análise do romance *La Saga/Fuga de J. B.*, do ficcionista espanhol Gonzalo Torrente Ballester, tendo como suporte teórico as teorias da intertextualidade, na perspectiva do pensador russo Mikhail Bakhtin e dos estudos de seus seguidores, Julia Kristeva e Laurent Jenny, que propõem a aplicação teórica ao campo da literatura.

Além de um panorama teórico sobre intertextualidade, de um levantamento da fortuna crítica sobre a obra de GTB, do destaque das relações que culminam no processo de mitificação, desmitificação e confirmação do mito Jota Bê e da lenda do “Santo Cuerpo Iluminado” em *La Saga/Fuga de J. B.*, desvenda-se o diálogo do romance com as diversas áreas da cultura ocidental, dentre elas o mito, a história e a literatura com vistas à caracterização da obra como espaço lúdico.

LINK 6

De acordo com a Wikipédia – uma das muitas enciclopédias virtuais disponíveis na Internet: “uma pesquisa é um processo de construção do conhecimento que tem como metas principais gerar novos conhecimentos e/ou corroborar ou refutar algum conhecimento pré-existente. É basicamente um processo de aprendizagem tanto do indivíduo que a realiza quanto da sociedade na qual esta se desenvolve. A pesquisa como atividade regular também pode ser definida como o conjunto de atividades orientadas e planejadas pela busca de um conhecimento.” Esse fragmento de informação foi retirado do seguinte endereço: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pesquisa>.

Sugestões Bibliográficas

- ADORNO, Theodor E. Lírica e sociedade. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 193-208.
- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1883.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- BARTHES, Roland. O efeito do real. In: BARTHES, Roland et al. **Literatura e semiologia**. Petrópolis: Vozes, 1972 (35-44).
- BORGES, J. - L. **Ficções**. Porto Alegre: Globo, 1970. Trad. Carlos Nejar,
- BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. **O universo do romance**. Coimbra: Almedina, 1976.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 3-28.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. v1-v2.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca produções culturais LTDA, 1999.
- DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Lisboa: Afrontamento, 1992.
- FARACO, S. **Contos completos**. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- GIARDINELLI, M. **Assim se escreve um conto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- GOTLIEB, N.B. **Teoria do conto**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1990.

- GENETTE, Gerard. **Fiction et diction**. Paris: Seuil, 1991.
- GENETTE, Gerard. Verossímil e motivação. In: BARTHES, Roland et al. **Literatura e semiologia**. Petrópolis: Vozes, 1972 (7-34).
- GOLDMANN, Lucien. **A criação cultural na sociedade moderna**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do Romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GOLDMANN, Lucien. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GOLDMANN, Lucien. **Sociologia da literatura**. Lisboa: Presença, 1980.
- GOLDMANN, Lucien. **Literatura e sociedade**. Lisboa: Estampa, 1976.
- HAMBURGER, K. **A lógica da criação literária**. São Paulo: Perspectiva, 1975. Trad. Margot P. Malnic.
- HAMON, Philippe. Para um estatuto semiológico da personagem. In: SEIXO, Maria Alzira (org.). **Categorias da narrativa**. Lisboa: Arcádia, 1976.
- JAMESON, Frederick. Em defesa de Georg Lukács. In: **Marxismo e forma**. São Paulo: Hucitec, 1985. p. 127-160.
- JAUSS, Hans Robert. **Pour une esthétique de la reception**. Paris: Gallimard, 1975.
- KRISTEVA, Julia. A produtividade dita texto. In: BARTHES, Roland et al. **Literatura e semiologia**. Petrópolis: Vozes, 1972 (45-88).
- KRISTEVA, Julia. **O texto do romance**. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.
- LAMAS, B. D. e HINTZ, M.M. **Oficina de criação literária: um olhar de viés**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- LAURETIS, Teresa de. The technology of Gender. In: **Technology of gender: Essays on Theory, Film and Fiction**. Bloomington: Indiana U.P., 1977. (p.1-30).
- LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Estampa, 1978.
- LOTMAN, Iuri. **Estética e semiótica do cinema**. Lisboa: Estampa, 1978.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Lisboa: Presença, s.d.
- LUKÁCS, Georg. Narrar ou descrever. In: **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p. 43-94.
- MELLO e SOUZA, Antonio Cândido. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: TA Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.
- MARX-ENGELS. **Sobre literatura e arte**. São Paulo: Global, 1979.

MUKAROVSKI, Jan. A arte como fato semiológico. In: TOLEDO, Dionísio (org.). **Círculo Lingüístico de Praga**: estruturalismo e semiologia. Porto Alegre: Globo, 1978. (p. 132-138).

MUKAROVSKI, Jan. A denominação poética e a função estética da língua. In: TOLEDO, Dionísio (org.). **Círculo Lingüístico de Praga**: estruturalismo e semiologia. Porto Alegre: Globo, 1978. (p. 159-169).

TOLEDO, Dionísio. **Escritos sobre estética e semiótica da arte**. Lisboa: Estampa, 1981. (p.19-94; 195-207).

NOVAKOVICH, J. **Fiction writer's workshop**. Cincinatti: Story, 1995.

NYE, Andrea. *Teoria feminista e as Filosofias do Homem*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Ventos, 1995. (p.18-47).

PIMET, O; BONIFACE, C. **Ateliers d'écriture: mode d'emploi**. Paris: ESF, 1999.

QUENEAU, R. **Exercícios de estilo**. Rio de Janeiro: Imago, 1995. Trad. Luiz Resende.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina Macário. **Dicionário de narratologia**. Coimbra: Almedina, 1998.

REIS, Carlos. Criação literária e periferismo cultural; para uma ideologia da marginalidade. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, PUCRS, vol. 26, mar. 1991.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura** - Introdução aos estudos literários. Coimbra: Almedina, 1995.

REIS, Carlos. Atração fatal: sobre a telenovela como ilusão e verdade. In: REIS, Carlos (org.) **Discursos**: Revista de Estudos de Língua e Cultura portuguesa, n.10, Coimbra: Universidade Aberta, 1995. (p.25-42).

RICOEUR, Paul. **Do texto à acção**. Ensaios de Hermenêutica II. Porto: Rés, s/d.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia da. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SARTRE, Jean Paul. **Que é literatura?** São Paulo: Ática, 1989. p. 9-124.

SARAIVA, Juracy Assmann (Org.) **Narrativas verbais e visuais**. Leituras refletidas. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

SEGOLIN, Fernando. **Personagem e antipersonagem**. São Paulo: Cortez, 1978.

- SEIXO, Maria Alzira (org.). **Análise semiológica do texto fílmico**. Trad. Fernando Martins Cabral e Magda de Figueiredo. Lisboa: Arcádia, 1979.
- SHOWALTER, Elaine. **Anarquia sexual**: sexo e cultura no *fin de siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. (p.13-35; 36-60; 61-86).
- TYNIANOV, J. A noção de construção. In: EIKHENBAUM, B. et al. **Teoria da Literatura**: Formalistas russos. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.
- THOMAS, D. **Retrato do artista quando jovem cão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. Trad. Hélio Pólvora.
- TIMBAL-DUCLAUX, L. **Eu escrevo meu primeiro romance**: guia técnico da escrita criativa. Lisboa: Pergaminho, 1997.
- TSCHECOV, A. **Histórias imortais**. São Paulo: Cultrix, 1959.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **As idéias estéticas de Marx**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1972. p. 121-129.
- VILLA-MAIOR, Dionisio. Literatura e cinema: discursos da descontinuidade. In: REIS, Carlos (org.) **Discursos**: Revista de Estudos de Língua e Cultura portuguesa, n.11/12, Coimbra: Universidade Aberta, 1996. (p.53-104).
- WILLEMART, Ph. **Universo da criação literária**. São Paulo: EDUSP, 1993.

LITERATURA: Memória e História *

**Dr. Alice Therezinha Campos Moreira
PUCRS**

Caracterização da pesquisa

Partindo do princípio de que a pesquisa compreende uma busca minuciosa na averiguação de dados acerca da realidade, os estudos e produção científica que envolvem a linha de pesquisa LITERATURA: Memória e História reúne pesquisadores, tanto de Literatura quanto de História da Literatura, com o objetivo de coletar e analisar as fontes de conhecimento relativas às áreas citadas.

A linha objetiva a organização de acervos de escritores e de periódicos literários, base para o desenvolvimento de estudos históricos da literatura como sistema de criação, produção e consumo das obras, visões de mundo e relacionamentos que estabelecem com sua época e com outros momentos históricos, visando à preservação da memória literária cultural.

São considerados fontes de pesquisa documentos objeto de estudos literários, tais como: textos raros, manuscritos e edições de obras, esboços, cadernos de notas, correspondência, fotografias, registros de prêmios literários, medalhas e diplomas, notas de imprensa, artigos críticos, revistas e jornais literários, enfim, todo documento do autor ou sobre o autor que possibilite, sobretudo, uma revisão da história e da crítica literárias.

Os pesquisadores vêm se utilizando, tradicionalmente, dos acervos de bibliotecas, museus, arquivos públicos e particulares, próprios para a realização de vários estudos culturais, mas limitados no que se refere às necessidades das pesquisas na área da Literatura.

A evolução das pesquisas literárias apresenta, hoje, significativo desenvolvimento por dois motivos: o apoio institucional com o estabelecimento, em alguns centros de pesquisas universitários, de um espaço específico: bancos de textos e acervos literários; o incentivo à formação de grupos de pesquisas alterando seu padrão especificamente individual para coletivo.

Os acervos podem atender consulentes interessados em conhecer a vida e a obra do escritor bem como obter dados documentais para elaboração de trabalhos acadêmicos ou produção científica nas seguintes áreas: história e crítica da literatura, publicação de inéditos e edições críticas de obras literárias, indústria cultural, história nacional, história do cotidiano, história das mentalidades, história da vida privada e cultura brasileira.

Nesse sentido, além de promover a imagem do Autor e conservar viva a sua obra através da repercussão junto ao público dos produtos desenvolvidos pelos projetos de pesquisa junto ao material dos acervos, promovem a divulgação das obras, a edição de obras inéditas ou esgotadas e a organização de eventos como concursos, congressos e exposições.

Como suporte das pesquisas são utilizados modelos teóricos de autores renomados nas áreas da Teoria Literária, História da Literatura, Crítica Literária, Crítica Genética, História da Leitura, História do Leitor, entre outros.

Os temas passíveis de serem trabalhados compreendem as relações da história da literatura com o sistema literário, a definição do cânone, trabalhos de crítica genética e textual, estudos sobre histórias da leitura e do leitor, etc.

Pesquisa na PUCRS

A implantação, no Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, em 1977, que se desdobrou ao longo dos anos em vários centros, a partir dos grupos de pesquisas que se formaram e definiram as linhas de pesquisas literárias do Programa de Pós-Graduação em Letras, abriu um leque de alternativas de estudos nos campos da História da Literatura e da Memória Literária, ou seja, descortinou-se um novo caminho aos pesquisadores interessados na recuperação e divulgação de documentos e obras de autores importantes para a literatura sul-rio-grandense e brasileira.

Desde então, são desenvolvidos projetos que visam não só enriquecer a bibliografia literária do Estado, como também estabelecer uma rede eletrônica de bancos de dados sobre as fontes primárias da literatura nacional e das obras que a constituem.

Os projetos são desenvolvidos em acervos que atendem consulentes interessados em conhecer a vida e a obra do escritor e também obter dados

documentais para trabalhos de história literária, crítica literária, editoração, indústria cultural, história nacional, história do cotidiano, história das mentalidades, história da vida privada e cultura brasileira.

A linha *Literatura: Memória e História*, do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, é organizada a partir de três centros de pesquisas: Banco de Textos, Acervos de Escritores Sulinos e Centro e Pesquisas Literárias.

Os Centros de Pesquisa são responsáveis por desenvolver projetos, divulgar os trabalhos desenvolvidos através de publicações, de periódicos científicos, de teses e dissertações, da promoção de eventos e ainda por iniciar os alunos da graduação na pesquisa científica.

Criado em 1977, o Centro de Pesquisas Literárias (CPL) reúne a equipe de pesquisadores, constituída por alunos e professores que trabalham no campo dos estudos literários, incluindo os pontos de vista teórico, histórico e aplicado.

Inicialmente voltado para projetos de valorização da literatura infanto-juvenil, o CPL ampliou o espectro das investigações visando ao campo histórico e da memória através do resgate, preservação e publicação de matérias literárias. Para tanto, conta com um Centro de Editoração responsável pela publicação de livros e periódicos científicos. O CPL mantém convênios e permutas com entidades, públicas e privadas.

Os Centros são responsáveis por desenvolver projetos, divulgar os trabalhos desenvolvidos através de publicações, de periódicos científicos, de teses e dissertações, da promoção de eventos e ainda por iniciar os alunos da graduação na pesquisa científica.

O Banco de Textos tem por objetivos coletar, reproduzir, recuperar, atualizar e transcrever textos visando à constituição de um banco de textos raros ou de difícil acesso de Literatura Brasileira; facilitar a consulta via rede (correio eletrônico e Internet). Recuperar e publicar textos literários, historiográficos e críticos de Literatura Brasileira e Literatura Sul-Rio-Grandense e realizar atividades de divulgação e disseminação de resultados, tais como Seminário Internacional de História da Literatura, Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros e Jornada de Estudos de História da Literatura.

Os Acervos de Escritores Sulinos adotam medidas tecnológicas para a preservação e a investigação dos documentos neles reunidos. A matéria dos acervos inclui manuscritos, datiloscritos, esboços, notas de pesquisa e de leitura, correspondência, iconografia, itens audiovisuais, obras de arte, ilustrações, bibliotecas pessoais, edições nacionais e internacionais, toda espécie de notas de imprensa, desde entrevistas até anúncios, registros de adaptações, fontes de fortuna crítica, contratos, folhetos e cartazes de publicidade, objetos pessoais, souvenirs, homenagens de toda sorte e documentos pessoais.

Seus objetivos são a preservação da memória literária (manutenção da imagem dos autores; expansão do conhecimento da obra); abrir um espaço de consulta aos documentos para pesquisas em nível de graduação e pós-graduação (história e crítica literária; história do Brasil e do Rio Grande do Sul; sociologia da literatura e da leitura; história editorial brasileira); favorecer a produção teórica fundada na diversidade de cada acervo (multidisciplinaridade); incentivar a renovação do pensamento sobre a literatura (abordagens transtextuais; estudos interinstitucionais).

Um exemplo que ilustra o trabalho em acervos literários diz respeito ao acervo do escritor gaúcho Manoelito de Ornellas. O Acervo Literário Manoelito de Ornellas, criado em 1998, faz parte do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS e reúne o espólio desse escritor, poeta, ensaísta, crítico, e historiador, cuja obra é integrante do patrimônio literário e cultural do Rio Grande do Sul.

O Acervo é composto de obras, originais dos textos e publicações na imprensa, uma coleção de notícias, crônicas, entrevistas, reportagens e anúncios entre outros artigos publicados em jornais e recortados e organizados pelo próprio autor em 17 volumes. Pode-se apreciar, ainda, biblioteca, objetos pessoais, discos, fotografias, correspondências, entre outros materiais que participaram da vida do escritor e hoje, como objeto de pesquisa, constituem sua memória.

Sugestões Bibliográficas

- ANKERMIST, Frank R. **History and Theory**, 28, 1989.
- ARIÈS Philippe et alii. **A nova história**. Lisboa: Edições 70, 1984.
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BURKE, Peter. **A escrita da história**. Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- FURET, François. **A oficina da história**. Lisboa: Gradiva, s.d.
- GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. **Estudos Históricos**, v. 4, 1991.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Histórias da literatura**. Novas teorias alemãs. São Paulo: Ática, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. **Pour une esthétique de la reception**. Paris: Gallimard, 1975.
- LE GOFF, Jacques. **História: novos objetivos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **História: novos objetivos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- KRACAUER, Siegfried. **History and Theory**. Beiheft, 6, 1996.
- KRAVETZ, Marc. **História e nova história**. Lisboa: Teorema, 1986.
- LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, J. (Org.). **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LE GOFF, J. (Org.). A história nova. In: _____. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- NORA, Pierre. O acontecimento e o historiador do presente. In: _____ et alii. **A nova história**. Lisboa: Edições 70. 1984.
- RUSCH, Gebhard. Teoria da história e da diacronologia. In: OLINTO, Heidrun Krieger. **História da literatura**. Novas teorias alemãs. São Paulo: Ática, 1996. p. 133-167.
- SCHMIDT, Siegfried. Sobre a escrita da história e da diacronologia. In: OLINTO, Heidrun Krieger. **Histórias da literatura**. Novas teorias alemãs. São Paulo: Ática, 1996. p. 101-132.
- VEYNE, Paul. Tudo é histórico, logo a história não existe. In: _____. **Como se escreve a história**. Lisboa: Edições 70, 1983, p. 27-45.

VOVELLE, Michel. A história e a longa duração. In: LE GOFF, J. e NORA, Pierre (Org.). In: _____. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 65-96.

ANDRADE E SILVA, Antônio Paulo de (Ed.). *Processamento eletrônico de imagens: tecnologia e sistemas*. São Paulo: CENADEM, 1993.

AVEDON, Don M. *Gerenciamento da imagem eletrônica: processamento da imagem e discos óticos*. São Paulo: CENADEM, 1993.

BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 1993.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1976.

CASTILHO, Ataliba Teixeira (org.). *A sistematização dos arquivos*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1991.

CENADEM. *Gerência da imagem e informação*. São Paulo, 1988.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Porto Alegre: Globo, 1956.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imagens sentimentais da cidade*. Porto Alegre: Globo, 1940.

FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1986.

INFOIMAGEM, 1994, São Paulo. *Anais...* São Paulo: CENADEM, 1994.

LIVRARIA DO GLOBO. *Relatório da Diretoria – 100 anos. 1883-1983*. Porto Alegre: Globo, 1983.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: DAC/SEC - RS, 1978.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1990.

MOTTIN, Antonio J. Silvestre e outros. *Catálogo Literário da Revista do Globo*. Porto Alegre, 1996. Base de dados desenvolvida em software micro-ISIS, de propriedade da UNESCO, V. 3 07. Catálogo Informatizado.

REVISTA DO GLOBO. *Porto Alegre. Barcellos, Bertaso & Cia. Ltda. 1929-1967. Quinzenal*.

TORRESINI, Elisabeth Wendhausen Rochadel. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 40*. Porto Alegre: Curso de Pós-Graduação em História. IFCH. PUCRS, 1988.

THORSTENBERG, Valdiria. *Página de Rosto da Revista do Globo: uma amostra do potencial da revista*. Porto Alegre: Curso de Pós-Graduação em Letras. ILA. PUCRS, 1998.

UNESCO. *Mini-Micro CDS/ISIS reference manual V. 3.07*. Paris, 1989.

VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Porto Alegre: Globo. 1972.

VILLAS-BOAS, Pedro Leite. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: A Nação/SEC, 1991.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

SUJEITO, ETNIA E NAÇÃO NAS LITERATURAS LUSÓFONAS

Dr. Maria Luiza Ritzel Remédios
PUCRS

Trata do estudo da identidade cultural e nacional no discurso das literaturas lusófonas, conforme diferentes modelos de construção do sujeito, da etnia e da nação, é a principal linha de pesquisa do CECLIP (Centro de Estudos de Culturas de Língua Portuguesa), espaço em que se desenvolvem diversos projetos.

A meta principal da linha de pesquisa é preparar recursos humanos para a graduação e pós-graduação em Letras, habilitados para o trato das questões lusófonas, a partir da experiência de centros de pesquisa ligados a instituições universitárias com tradição de pesquisa nessa área, cuja característica principal é a focalização da literatura de expressão portuguesa.

Como operacionalização desses propósitos, a tentativa é de estreitar os vínculos de colaboração entre pesquisadores de instituições diferentes em torno de um objeto comum, já inicialmente trabalhado por elas, de modo a fortalecer a produção de conhecimento e a formação de especialistas num campo fundamental não só para a atividade acadêmica de Letras, mas para a discussão da identidade cultural de países que de certa maneira partilham de uma história comum e de práticas culturais subjacentes a todas as outras diferenças superficiais.

Sujeito¹⁰, etnia¹¹ e nação¹² nas literaturas lusófonas

¹⁰ **Sujeito** e o agente, a fonte de atividade. As narrativas centradas no sujeito ajudam a libertar o autor de seu ego narcísico, possibilitando a construção de um sujeito-pessoa cuja unidade não é substancial, mas relacional. A questão da identidade, para o teórico francês Paul Ricoeur, resulta de o sujeito não se conhecer de forma intuitiva e imediata, mas sim através da mediação de episódios que se registram ao longo de sua vida. Tal afirmativa é importante, porque, se se a aproximar das histórias centradas no sujeito, percebe-se que ela revela a formação da identidade através da escrita e, mais ainda, na manifestação da *mesmidade* (permanência da personalidade no tempo) e da *ipseidade* (propriedade reflexiva do si). A identidade que se revela como ato de escrita está essencialmente ligada à capacidade reflexiva e o sujeito enquanto agente da ação encontra na identidade do relato seu ponto mais alto de explicitação. Colocando em evidência a identificação do agente da ação, Ricoeur aponta para a dialética que se instaura entre o mesmo e outro subjacente ao relato e que permite dar à história de uma vida a identidade dinâmica de um destino singular (a unidade narrativa de uma vida) sobre o qual se inscreve a visão de uma vida que não se circunscreve aos limites do biológico, ela se configura a partir da idéia que o sujeito faz de si mesmo, tornando-se especificamente humana quando é a vida de um ser livre que a si mesmo se projeta.

¹¹ O conceito de **etnia** vem substituir a já desgastada definição de raça. Uma etnia ou um grupo étnico é, no sentido mais amplo, uma comunidade humana definida por diversas afinidades. Essas comunidades geralmente reivindicam para si uma estrutura social, política e um território. Portanto, etnia, palavra derivada do grego *ethos*, que significa povo, é um conceito da antropologia para classificar as diferenças culturais. As diferenças não são necessariamente marcadas por aspectos biológicos, como queriam os defensores de "raça". Além disso, existem aspectos geográficos e

Trata do estudo da identidade cultural e nacional no discurso das literaturas lusófonas¹³, conforme diferentes modelos de construção do sujeito,

lingüísticos pontuando a questão da identidade étnica, que se vê ainda mais complexa por sua relação com os sentimentos associados com a idéia de nação. A amplitude da definição de etnia permite-lhe abarcar os pequenos grupos como as feministas, os negros, os homossexuais, entre outros, além das minorias étnicas propriamente ditas. Tal fato se dá pela reformulação política e econômica constante no planeta. Os conceitos de “diáspora”, de Stuart Hall e o de “entre-lugar”, de Homi Bhabha, atualmente, apontam para os deslocamentos dos grupos em dispersão tanto pela geografia interna e externa dos países quanto pelo deslizamento de culturas próprias dentro das fronteiras nacionais e internacionais. Abordar a etnia, através da hermenêutica, é um dos caminhos possíveis para se desvendar a complexa rede cultural constitutiva, principalmente, de uma nação. Ao centralizar esse ângulo, o pesquisador vai além da definição de raça e seu biologismo. Ele consegue ampliar o leque da base constituinte de um povo, por menor que ele seja, dentro de um contexto mais amplo, que é a possibilidade de se definir nacionalidade, mesmo que seja pela negativa da asserção.

¹² Os conceitos de **nação** e o de nacionalismo são compreendidos como fenômenos culturais e não apenas como ideologia ou forma de política. O nacionalismo se relaciona com o conceito de identidade nacional, de caráter multidimensional que compreende sentimentos, simbolismo e uma linguagem específica. Assim, a identidade nacional é encarada como um fenômeno cultural coletivo. A identidade individual, por sua vez, que vai compor esse coletivo, é formada por múltiplos papéis sociais e categorias culturais baseados em classificações de caráter móvel. Essas categorias, segundo Smith (1997), são classificadas conforme as identidades: familiar, territorial, de classe, religiosa, étnica e de gênero sexual. O conceito ocidental de nação passa por uma concepção predominantemente espacial ou territorial, onde povo e território pertencem um ao outro. A terra possui um sentido histórico, ou seja, não é uma terra qualquer, mas é aquela que, junto com o povo, exerce influência mútua e benéfica sobre várias gerações: “A terra natal torna-se um depósito de memórias e associações históricas, o local onde viveram, trabalharam, oraram e lutaram os ‘nossos’ sábios, santos e heróis”. (SMITH, 1997, p. 23) Assim, seus ambientes naturais, rios, montanhas e cidades tornam-se locais sagrados de veneração e exaltação, cujos significados íntimos são compreendidos pelos seus membros autoconscientes. Junta-se a isso a idéia de pátria, que se expressa freqüentemente através de instituições reguladoras comuns, no intuito de dar expressão a sentimentos e objetivos políticos coletivos, e no ideal da existência mínima de direitos e obrigações recíprocos entre os membros. A identidade nacional, em sua natureza complexa e abstrata, é multidimensional e irredutível a um único elemento. Não pode ser comparada apenas à concepção de Estado, que se refere exclusivamente às instituições públicas. Pode-se, portanto, definir os seguintes aspectos fundamentais na formação da identidade nacional: constituição do território histórico ou terra de origem; presença de mitos e memórias históricas comuns; cultura de massas pública comum; direitos e deveres legais comuns a todos os membros; economia comum e mobilidade territorial. A idéia de nação encontra-se no centro de um dos mitos mais populares do mundo moderno: o mito do nacionalismo, que carrega em si a idéia de que as nações existem desde tempos imemoriais e que os nacionalistas devem despertá-las do seu longo sono, para que ocupem seu lugar num mundo de nações. Parte do princípio de promessa do próprio drama de salvação nacionalista, que é aumentado pela presença de tradições nas memórias, símbolos, mitos e valores de épocas anteriores à própria comunidade. O nacionalismo liga-se diretamente a terra e às profundas raízes de uma nação. Seus aspectos práticos juntam-se aos simbólicos na demarcação de uma terra natal, definida pela história e pelo local onde viveram seus antepassados. A localização da nação, portanto, depende, a nível subjetivo, da interpretação de sua história étnica e seus elos de ligação de história e destino entre as gerações de uma comunidade em determinados locais do planeta. As nações da era moderna carregam em si elementos pré-modernos, sem que com isso sejam caracterizadas como nações antigas. A sobrevivência dessas nações se dá nos níveis sócio-político e psicológico-cultural e os elementos pré-modernos são preservados para manter a visibilidade da nação através dos mitos de linhagem partilhados, memórias históricas comuns, marcadores culturais únicos e do sentido de diferença. A presença de símbolos e doutrinas específicas do nacionalismo em geral aponta para os sentidos profundos de ideologia, linguagem e consciência. No universo das nações cada nação é singular, pois carrega valores culturais que, reinterpretados e reconstituídos, formam uma única identidade nacional, entre muitas outras identidades culturais. Assim, toda e qualquer cultura em sua singularidade contribui para o conhecimento total dos valores culturais humanos. A identidade nacional torna-se, dessa forma, parte da vida de indivíduos e comunidades em quase todas as esferas de atividade: é, na esfera cultural, que se revelam pressuposições, mitos, valores e memórias, assim como linguagens, leis, instituições e cerimônias.

¹³ O termo **lusofonia** segue o modelo de formação que se encontra em “francofonia”, “anglofonia”, “hispanofonia”. Literalmente significa a fala portuguesa / o som português. É possível encontrar o conceito de “lusofonia” traduzido em definições que sublinham os seus diferentes conteúdos – histórico, lingüístico, sociocultural e político.

No acompanhamento da história da língua identificam-se marcos importantes – individualização do português a partir do tronco galego-português nos fins do séc., 16; a difusão da língua no mundo graças ao movimento da expansão (entre os séculos 16 e 17) que fez dela “o primeiro idioma europeu a historicamente assumir o papel de língua de comunicação internacional”, segundo Dário Castro Alves; a adoção do português como língua oficial pelos países africanos de colonização portuguesa após a independência.

Nesse percurso, parte-se de um dialeto que, no século 16, tendo-se tornado a língua nacional do reino de Portugal, era falado apenas por cerca de um milhão e meio de pessoas, se espalhou gradualmente por diversos continentes e se tornou no que é atualmente o meio de comunicação oral ou escrito de perto de 200 milhões de pessoas.

O conteúdo lingüístico é particularmente realçado por José Vítor Adragão quando afirma que “a noção de lusofonia correspondente ao conjunto dos espaços geográficos majoritariamente ocupados por lusófonos é, pois, originariamente uma noção lingüística e cobre as normas e as variantes do sistema a que chamamos Português”.

Aníbal Pinto de Castro chama a atenção para o sentido cultural, para além do lingüístico, que o conceito de lusofonia encerra, porquanto a língua não se limita a ser veículo de comunicação, ela é “veículo de expressão do fenômeno de aculturação que acompanhou a expansão portuguesa e das novas formas de cultura que desse fenômeno foram nascendo”. Portanto, existe uma relação intrínseca entre língua e cultura. O conceito de lusofonia

da etnia e da nação, é a principal linha de pesquisa do CECLIP¹⁴ (Centro de Estudos de Culturas de Língua Portuguesa), espaço em que se desenvolvem diversos projetos.

A meta principal da linha de pesquisa é preparar recursos humanos para a graduação e pós-graduação em Letras, habilitados para o trato das questões lusófonas, a partir da experiência de centros de pesquisa ligados a instituições universitárias com tradição de pesquisa nessa área, cuja característica principal é a focalização da literatura de expressão portuguesa.

Como operacionalização desses propósitos, a tentativa é de estreitar os vínculos de colaboração entre pesquisadores de instituições diferentes em torno de um objeto comum, já inicialmente trabalhado por elas, de modo a

remete a fatos sócio-culturais antes do que a fatos singelamente lingüísticos; designa a comunidade daqueles que podem exprimir-se na língua portuguesa e assim por hábito o fazem. Lusofonia não é um conceito lingüístico, mas antes um conceito social e cultural, cuja invocação é útil sempre que se trate de defender as virtudes da comunicação privilegiada entre povos que estiveram, ou ainda estão, em contato através da língua portuguesa.

Reveladora da carga política é a apropriação da língua do colonizador pelo colonizado para fazer dela um instrumento nacional de unidade – contra o regionalismo e o tribalismo – e simultaneamente de resistência e de libertação, tal como o fizeram a FRELIMO, o PAIGC, o MPLA e a UNITA. Esses movimentos, que já na década de 60 utilizavam a língua portuguesa como veículo de esclarecimento e informação política, por via escrita e na rádio, determinaram que a escolarização nas zonas libertadas fosse feita em português.

Um dos aspectos mais vinculados da fonética do português europeu, e que já se notava nos séc. 17 e 18, é a atenuação e progressivo desaparecimento de muitas vogais e mesmo de sílabas de palavras em contraste com o português de África e do Brasil fortemente vocalizado e, portanto, muito mais próximo da língua antiga.

A língua portuguesa se faz presente nos seguintes países: Portugal; na Madeira e nos Açores; Angola; Moçambique; Cabo Verde; Guiné-Bissau; São Tomé e Príncipe; Goa; Macau, Timor-Leste e Brasil. E o que se estuda nessa linha de pesquisa são os sistemas literários dos países lusófonos

¹⁴ O **Centro de Estudos de Culturas de Língua Portuguesa (CECLIP)** é órgão de pesquisa do Curso de Pós-Graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Sua preocupação maior, desde 1989, é expandir a pesquisa em *Literaturas de Expressão Portuguesa*, propiciando, principalmente, o desenvolvimento dos estudos de culturas e de sistemas literários de Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Timor, Portugal

Muitas atividades e eventos já foram realizados sob a coordenação do CECLIP/PUCRS, desde a organização de números da revista *Letras de Hoje* até a promoção de cursos com professores de diferentes universidades portuguesas e brasileiras - Doutores Carlos Reis (Univ. de Coimbra), José Júlio Esteves Pinheiro (Univ. Católica de Lisboa), Helena Carvalhão Buescu (Univ. de Lisboa), Jose Luis (Univ. Coimbra), Maria do Rosário Duarte Cunha (Universidade Aberta), e de centros de estudos portugueses de universidades americanas - Ana Paula Ferreira (Univ. da Califórnia, Irvine), José Ornelas (Univ. de Massachusset, Amherst), Nelson Vieira (Brown Univ). Escritores como Teolinda Gersão, Helder Macedo, Mia Couto, Paula Morão estiveram na PUCRS a convite do CECLIP que também realizou o *XIV Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa*, congregando especialistas na área de todo o Brasil e convidados estrangeiros como os doutores Fernando Martinho (Univ. de Lisboa), Pires Laranjeira (Univ. de Coimbra), Arnaldo Saraiva (Univ. do Porto), Angel Marcos de Diós (Univ. de Salamanca), entre outros. Outro evento importante, patrocinado pelo CECLIP, foi a criação, durante a realização do *XIV Encontro*, da ABRAPLIP - Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa, Também esteve sob responsabilidade do CECLIP os I e II Colóquios da AIL, com participação de professores de literaturas lusófonas de todo o Brasil e de Portugal.

A par dessas atividades, como conseqüência do trabalho que se vem desenvolvendo no CECLIP, muitas dissertações e teses de doutorado¹⁴ têm sido realizadas com o objetivo de analisar a produção literária de escritores luso-afro-brasileiros. Também é uma preocupação do Centro expandir os estudos de culturas e de literaturas de língua portuguesa na região **Sul**, reunindo pesquisadores de diferentes universidades (UFSC, UNISC, FURG, UCPEL, UFSC, UFRGS, entre outras), para desenvolverem atividades conjuntas. Assim, há um grupo emergente de pesquisadores da área que, agora, se consolida na concretização de projetos certificados pela PUCRS e pelo CNPq:

Memória das gentes: O sentido e o alcance da narrativa de ficção de língua portuguesa: a história, a identidade, a nação e o gênero;

Estudos culturais e literaturas lusófonas

A constituição do campo literário – interações Portugal-Brasil;

Figuras de Ficção.

As duas últimas pesquisas realizadas em convênio com a Universidade Aberta e Universidade de Coimbra de Portugal. Os pesquisadores que integram hoje os grupos de pesquisas, além daqueles que exercitam sua docência em outras universidades, são alunos de Doutorado, Mestrado, AT/CNPQ e PIBIC.

fortalecer a produção de conhecimento e a formação de especialistas num campo fundamental não só para a atividade acadêmica de Letras, mas para a discussão da identidade cultural de países que de certa maneira partilham de uma história comum e de práticas culturais subjacentes a todas as outras diferenças superficiais.

LITERATURA INFANTO - JUVENIL, LEITURA E ENSINO

Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho
UEMA

A linha de pesquisa *Literatura Infanto - Juvenil, leitura e ensino* centra sua atuação acadêmica em três eixos: análise da produção literária para crianças e jovens nos diferentes gêneros e suportes; diagnóstico da situação do ensino da leitura e da literatura e proposição de alternativas metodológicas; e descrição e análise histórico-social dos processos de leitura e formação do leitor em contextos institucionais e não-institucionais. A partir desses três eixos, a linha pretende contribuir para o desenvolvimento dessa área do conhecimento, cujos estudos pioneiros possibilitaram o surgimento de uma gama variada de pesquisas que permitem fortalecer uma produção científica capaz de interferir positivamente na sociedade. No âmbito da leitura, os trabalhos da escritora e pesquisadora Cecília Meireles, *Leitura infantis*, datado de 1944, e da psiquiatra Nise Pires, *Crianças, jovens e a literatura. Relatório de Pesquisa: literatura consumida pelos alunos de ensino de 1º grau do Município do Rio de Janeiro*, datado de 1976, os quais colocam em cena a importância da relação texto-leitor e seus efeitos para a formação sócio-histórica dos sujeitos em formação, revelando, assim, os papéis que a leitura da literatura exerce na vida de crianças e adolescentes. A contribuição dessas pesquisas não está restrita ao foco inovador, à medida que estão centradas no leitor, mas também na perspectiva metodológica, visto que a pesquisa de campo passa a ser uma metodologia relevante na obtenção de resultados que não podem ser encontrados em pesquisa de cunho bibliográfico.

Numa perspectiva teórica sobre a literatura infantil, tem-se a discussão empreendida por Cecília Meireles em *Problemas de literatura infantil*, datado de 1951, que, ao se dirigir a um público formado por professores, visto que o livro é uma coletânea de palestras, engendra uma discussão conceitual que é imprescindível para a conformação da literatura infantil enquanto gênero literário distanciando-a do caráter pedagógico que a acompanha desde a sua origem. Desse modo, Meireles dá o pontapé inicial para esse debate que ainda perdura e tem desafiado a comunidade acadêmica que é a composição do estatuto

literário desse gênero, tendo em vista o estreito vínculo dessa produção literária com a escola. Essa ligação proporciona, por um lado, a garantia de um público leitor, e, por outro, a preocupação com a má escolarização da literatura infantil, cujo resultado é a sobreposição do pedagógico sobre o literário. Depois desse estudo, diversos pesquisadores vem empreendendo discussões no tocante à relação entre literatura geral e infantil, pedagogia e literatura infantil, o estatuto literário desse gênero e a correlação da literatura para crianças com diversos setores da cultura (biblioteconomia, crítica literária, psicologia e folclore), como, por exemplo, ***A literatura infantil na escola***, de Regina Zilberman, ***Literatura infantil: autoritarismo e emancipação***, de Lígia Cadermatori Magalhães e Regina Zilberman, e ***Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico***, organizado por Sônia Salomão Khedé, e ***Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores***, coordenado por Vera Teixeira de Aguiar.

A importância do aspecto literário na produção editorial endereçada a crianças e jovens também se reflete nos estudos das obras de autores importantes para a consolidação da literatura infantil brasileira, como, por exemplo, Monteiro Lobato¹⁵, em que são exemplares os trabalhos de Marisa Lajolo. Ressalta-se que a pesquisa não se restringiu ao “pai da literatura infantil brasileira”, mas também a outros autores que mostram o quão é multifacetado o “pirlimpimpim” literário brasileiro capaz de extrapolar fronteiras, sendo reconhecidos internacionalmente por meio de premiações como o Prêmio HANS CHRISTIAN ANDERSEN – IBBY¹⁶, em que foram agraciadas as escritoras Lygia Bojunga¹⁷ e Ana Maria Machado¹⁸, e Prêmio ALMA – Astrid Lindgren Memorial Award¹⁹ – o maior prêmio internacional jamais instituído em prol da literatura para crianças e jovens, criado pelo governo da Suécia, em que Lygia Bojunga foi agraciado pelo conjunto de sua obra.

E o de caráter histórico, ***Literatura infantil brasileira: ensaios de preliminares para a história da literatura infantil no Brasil***, datado de 1968, de Leonardo Arroyo. A obra abrange do período colonial até a inserção de Monteiro Lobato, concluindo o estudo no ano de 1966. As fontes documentais recolhidas por Arroyo vão desde os impressos produzidos pela imprensa

¹⁵ Mais informações consultar a página oficial de Monteiro Lobato: www.lobato.globo.com

¹⁶ Mais informações consultar a página oficial do IBBY: www.ibby.org

¹⁷ Mais informações consultar a página oficial de Lygia Bojunga: www.casalugiabojunga.com.br

¹⁸ Mais informações consultar a página oficial de Ana Maria Machado: www.anamariamachado.com.br

¹⁹ Mais informações consultar a página oficial: www.alma.se

escolar até o levantamento de *fac-símiles*. Para realizar tal arrolamento, o autor toma como referência um conceito amplo de literatura infantil, reunindo num mesmo grupo tradição oral, contos populares, rondas, parlendas e literatura escolar. Evidencia-se, destarte, a preocupação do autor em recolher todas as fontes possíveis para a elucidação da formação da literatura infantil no Brasil, bem como a estreita relação com a escola, o que faz, segundo Glória Pondé, do livro de Arroyo, não apenas uma história da literatura infantil, mas também uma história da pedagogia brasileira. Com essa obra, Arroyo torna-se a referência básica para a elaboração de outras histórias da literatura infantil brasileira, a exemplo de ***Panorama histórico da literatura infantil/juvenil***, de Nelly Novaes Coelho, e ***Literatura infantil brasileira: história e histórias***, de Regina Zilberman e Marisa Lajolo, ou de histórias com um caráter regional como o trabalho de Diana Maria Marchi, ***A literatura infantil gaúcha: uma história possível***, realizado a partir de dados coletados pelo Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS.

Tais estudos desencadearam, posteriormente, inúmeros outros que consolidaram a literatura infanto-juvenil e a leitura como objetos de pesquisa instigantes e cada vez mais promissores à medida que a produção e circulação do livro endereçado à criança e ao jovem permanecem como desafios para a universidade, tendo em vista a recorrente renovação tanto no nível textual como nas formas de apresentação (impressa, multimídia e digital) e, por conseguinte, seus efeitos. Quanto à leitura, nota-se a recorrente preocupação com a formação do leitor literário, o que implica no desenvolvimento e debate de teorias da leitura e do leitor, que fundamentam a análise de práticas leitoras, cujos dados podem ser coletados através de pesquisa bibliográfica ou de campo. A escolha de uma das metodologias aponta para diferentes ângulos do objeto de pesquisa, que não só retratam o caráter caleidoscópico do objeto como também o compromisso do pesquisador com uma perspectiva mais teórica ou com uma perspectiva de intervenção da realidade mediante a proposição de ações que promovam a formação do leitor.

Como sustentação teórica, diversos modelos teóricos tem fundamentado tais pesquisas como, por exemplo, recepcional, sociológico, histórico, hermenêutico, psicanalítico, semiológico e multiculturalismo, os quais

dão conta dos distintos recortes e objetivos lançados pelos pesquisadores da área.

Essa heterogeneidade de modelos possibilita, por sua vez, a uma variedade de temáticas que podem explorar aspectos intrínsecos da literatura infanto-juvenil como o processo de criação literária no que tange à linguagem, às representações (da criança, da família, da escola e do leitor), à escolarização da literatura, à relação entre a literatura infanto-juvenil e outras linguagens (ilustração, música, cinema, televisão, computador); bem como aspectos extrínsecos que enfocam os interesses e histórias de leitura, a história da literatura infanto-juvenil, a recepção do livro literário em diferentes contextos formais de formação de leitores (escolas, bibliotecas, salas de leitura, editoras, etc.) e não-formais (classe social, família, igreja, centros comunitários, hospitais, etc.).

Para ilustrar algumas dessas perspectivas, têm-se os seguintes projetos em desenvolvimento pelos grupos de pesquisa, **Centro de Pesquisas Literárias - CPL, Leitura da literatura: a escola e as demais agências sociais**²⁰ e **Centro de Referência para o desenvolvimento da linguagem – CELIN**²¹, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS:

1. **Contar e encantar é só começar**, sob a coordenação da Profa. Dr. Maria Tereza Amodeo. Constituição do Grupo de Contadores de Histórias da Faculdade de Letras da PUCRS para atuar na comunidade, investindo na narração de histórias como estratégia de formação de leitores, divulgando as possibilidades da capacitação acadêmica do Curso de Letras e associando a imagem da PUCRS a uma ação de efetivo valor cultural.

2. **Conto de fadas: leituras e releituras - a recepção dos contos clássicos infantis e suas recriações contemporâneas**, sob a coordenação da Profa. Dr. Sissa Jacoby. A partir da descrição de um corpus de contos de fadas e de sua apresentação à criança, o projeto visa investigar a recepção dos contos clássicos e de suas novas formas, pelo leitor/espectador infanto-juvenil, através dos diferentes meios à disposição. O objetivo da pesquisa é promover

²⁰ Para mais informações sobre o grupo de pesquisa cadastrado no CNPq, como, por exemplo, pesquisadores e projetos, consultar a página <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhepesq.jsp?pesq=9659010551070837>

²¹ Para mais informações sobre o grupo de pesquisa cadastrado no CNPq, como por exemplo, pesquisadores e projetos, consultar as páginas:
<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0006801YXPYS0M>
<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0006802U4BLX6E>

um diálogo entre o conto clássico e suas releituras, buscando uma proposta de trabalho com a literatura infanto-juvenil que, ao invés de negar os diferentes meios à disposição da criança na atualidade, tais como cinema, TV, jogos de computador, internet, contemple os novos recursos como elementos de apoio no incentivo à leitura e no trabalho com os textos literários clássicos junto à criança. O corpus será constituído pelos contos de fadas mais conhecidos - histórias tradicionais e suas releituras contemporâneas - escritas ou em transposições audiovisuais, através dos diferentes meios à disposição: narração oral, livro, desenho animado, filme, livro de imagens, CD-ROM, etc. A metodologia contempla tanto os estudos de Bruno Bettelheim, em **A psicanálise dos contos de fadas**, quanto os estudos de Wolfgang Iser, relativamente à estética da recepção.

3. Literatura Infantil e Medicina Pediátrica: uma aproximação de integração humana, sob a coordenação da Profa. Dr. Solange Medina Ketzer, que busca integrar conteúdos e atividades desenvolvidas na disciplina de Literatura Infantil com alunos do Curso de Graduação em Letras aos procedimentos realizados no Setor de Recreação do Hospital São Lucas da PUCRS com crianças enfermas de seis meses a doze anos de idade, com vistas à manutenção da comunicação com a realidade externa do hospital através do universo ficcional.

4. Multiculturalismo e ensino de literatura, sob a coordenação da Profa. Dr. Maria Tereza Amodeo. Elaboração de uma obra de apoio pedagógico para professores de Literatura do Ensino Básico que considere a pluralidade cultural contemporânea, investindo na delimitação de um espaço significativo para essa forma artística. Realizar uma vasta revisão bibliográfica que possa sustentar a elaboração de material de apoio com vistas a contribuir para a formação continuada dos professores. Ampliar a base teórica que deve dar sustentação a uma prática de ensino da Literatura compatível com a complexidade do mundo contemporâneo, com vistas a uma publicação dirigida especialmente a professores de Ensino Básico e que será utilizada como ponto de referência de cursos e seminários a serem realizados numa etapa posterior.

5. Muita prosa e muito verso, sob a coordenação da Profa. Dr. Maria Tereza Amodeo. Propõe-se a promover a autonomia, integração e participação mais efetiva na sociedade de pessoas da comunidade com mais de

50 anos, partindo da leitura e análise de textos literários, da narração/recitação de histórias e poemas e da produção de textos em prosa e verso, com vistas a desenvolver formas de atuação concreta na sociedade.

6. Mundo mágico da poesia: potencialidades lingüísticas e alfabetização sob a coordenação da Profa. Dr. Solange Medina Ketzner, que pretende construir uma proposta de trabalho pedagógico de desenvolvimento cognitivo através da poesia que contribua para o aprendizado da leitura e da escrita de crianças freqüentando a primeira série do ensino fundamental; capacitar professores alfabetizadores para o trabalho com esta proposta; investigar a contribuição desta proposta para o aprendizado da leitura e da escrita dessas crianças. A proposta de trabalho esta baseada na articulação da teoria da literatura, da lingüística e da educação. Caracteriza-se pela exploração dos planos fônico, sintático, semântico e pragmático da poesia, com vistas ao desenvolvimento de potencialidades lingüísticas de alfabetizando. O trabalho realiza-se em duas etapas: desenvolvimento de oficinas de poesia com crianças de primeira série e desenvolvimento de oficinas de socialização com professores alfabetizadores.

7. Oficinas de leitura no CLIC: a formação de educadores para formar leitores sob a coordenação da Profa. Dr. Vera Teixeira de Aguiar, que objetiva o desenvolvimento de pesquisas de leitura no Centro de Literatura Interativa da Comunidade - CLIC com vistas à formação do hábito de leitura das crianças e a formação e à preparação de profissionais mediadores de leitura entre os alunos de Letras, a partir da criação de materiais impressos e softwares de apoio à leitura literária.

8. Tendências contemporâneas da produção cultural para a criança, sob a coordenação da Profa. Dr. Sissa Jacoby, é uma investigação das manifestações culturais dirigidas à infância na atualidade bem como das influências dessa produção na formação da criança e sua experimentação do mundo simbólico

Tais projetos congregam estudos em nível de Iniciação Científica, com alunos de graduação, bem como em nível de Mestrado e Doutorado, o que representa a formação de novos pesquisadores oriundos da PUCRS e de outras IES brasileiras e estrangeiras. Desse modo, a linha irradia as discussões teóricas e metodológicas que realiza para outros espaços acadêmicos,

ampliando, assim, o diálogo tão necessário para o desenvolvimento da produção de conhecimentos.

Resultam desses projetos diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado²², como, por exemplo:

1. Brincar de ler: um método lúdico de ensino de leitura literária, de Renata Cavalcanti Eichenberg.

2. A presença da metalinguagem na literatura infantil contemporânea, de Annete Baldi.

3. “Poesia é voz de fazer nascimentos”: a construção da subjetividade do leitor através da leitura da poesia, de Zila Letícia Goulart Pereira Rego.

4. Uma viagem através da poesia: vivências em sala de aula, de Gláucia de Souza.

²² A Biblioteca Central da PUCRS, através do Catálogo On line, disponibiliza para download as teses e dissertações defendidas a partir de março de 2006 no Programa de Pós-Graduação de Letras. Consultar a página: <http://verum.pucrs.br/ALEPH>

Referências

- AGUIAR, V. T (Coord.). **Era uma vez na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira: ensaios de preliminares para a história da literatura infantil no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990. (A 1ª edição data do ano de 1968)
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. 4. ed. rev. São Paulo: Ática, 1991. (Série Fundamentos, 88)
- KHÉDE, Sônia Salomão. **Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. (A 1ª edição data do ano de 1983)
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos, 5) (A 1ª edição data do ano de 1984)
- MAGALHÃES, Lúcia Cadermatori, ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil: emancipação e autoritarismo**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987. (Ensaio, 82) (A 1ª edição data do ano de 1982)
- MEIRELES, Cecília. **Leitura infantis**. Rio de Janeiro, Departamento de Educação do Distrito Federal, 1944.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas de literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. (A 1ª edição data do ano de 1951)
- PIRES, Nise. **Crianças, jovens e a literatura**. Relatório de Pesquisa: literatura consumido pelos alunos de ensino de 1º grau do Município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: MEC/INEP/INL/FNLIJ, 1976.
- PONDÉ, Glória. Nota. In: ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira: ensaio de preliminares para a história da literatura infantil no Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1988. P. 5.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10. ed. São Paulo: Global, 1998. (Teses, 1) (A 1ª edição data do ano de 1981)
- MARCHI, Diana Maria. **A literatura infantil gaúcha: uma história possível**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000.

O AUTOR, SUA FORMAÇÃO E A INCLUSÃO NA VIDA LITERÁRIA

**Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil
PUCRS**

1. Introdução

Contemplam-se, nesta área, os estudos: a) que digam respeito à teoria e prática acerca da criação do texto literário; b) que tratem dos passos inevitáveis da aquisição da competência para a escrita profissional do texto literário e c) que identifiquem e discutam o processo de inclusão do escritor na vida literária, entendendo-se esta como a inserção no circuito que engloba as editoras, a crítica, os agentes literários, o jornalismo literário, as livrarias, a escola e o leitor.

2. Evolução das pesquisas

Esta área de pesquisas, por sua novidade, ainda não possui um corpus doutrinário e teórico que se possa considerar como significativo. Em geral, os estudos dedicam sua atenção à práxis textual. NA PUCRS, a partir de 2006, instituiu-se, no Mestrado em Teoria da Literatura, uma área referente à Escrita Criativa.

3. Modelos teóricos

Há pouca teoria sobre a área, concentrando-se em alguns autores norte-americanos, franceses e espanhóis.

CRETTON, M. da G. Oficina literária: o artesanato do texto. (Tese de doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

HAMBURGUER, K. A lógica da criação literária. São Paulo: Perspectiva, 1975.

4. Temas possíveis dentro da área

Dentro da área, abre-se espaço para estudos que tratem:

- a) das teorias que estudam o processo de criação literária;
- b) da descrição dos processos mentais que tratam da criatividade em geral e da criação literária em particular;
- c) de casos concretos referentes aos processos mentais de autores determinados;
- d) da escolha, por parte dos autores, da prática predominante de um determinado gênero literário;
- e) da verificação, em determinado autor, de suas preocupações (mito pessoal) estéticas e existenciais;
- f) da vida literária de uma cultura determinada, evidenciando suas constantes;
- g) do papel dos laboratórios de escrita (oficinas) na vida literária;

5. Pesquisas já existentes na PUCRS

5.1. Encerradas, com relatório final:

5.1.1. Análise literária: A partir dos princípios da teoria da criação e da teoria literária - dos textos dos participantes da Oficina de Criação Literária do Curso de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul utilizando, como corpus, os contos da série Contos de Oficina, volumes de 1 a 15, e que abrangem o período entre 1988 e 1995. Líder da Pesquisa: Prof Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil, com apoio de bolsistas de IC. [LINK PARA OS RESULTADOS](#)

5.1.2. Identificação das causas determinantes dos diversos caminhos individuais seguidos pelos ex-alunos da Oficina de Criação Literária do Curso de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, utilizando, como amostragem desse universo, depoimentos de ex-discentes que participaram das antologias Contos de Oficina, volumes de 1 a 10, publicados entre 1988 e 1993. Líder da

Pesquisa: Profº Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil, com apoio de bolsistas de IC.
LINK PARA OS RESULTADOS

5.2 Em andamento

5.2.1. Proposta de criação de uma narrativa original em que fiquem evidentes mecanismos intertextuais de construção literária, entendida a partir das teorias da intertextualidade e do processo de criação. Mestrando Bernardo Moraes.

5.2.2. Estudos dos elementos determinantes compostos como guia do leitor busca do efeito proposto. Apresentação da “espinha” da composição, que juntamente com a economia do gênero eleito se pretendem guias para determinado efeito. Mestrando Maurício Chemello.

5.2.3. Identificação do momento do surgimento das obras individuais publicadas pelos egressos de oficina de Criação Literária do Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da PUCRS, intentando verificar como se operou, para seus autores, a inclusão na vida literária. Líder da Pesquisa: Prof Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil, com apoio de dois mestrandos da mesma instituição.

Dissertação de mestrado

O eloqüente silêncio: das oficinas de criação literária à conquista da competência para o conto. PPGL/PUCRS Cíntia Moscovich (2001).

Publicações (livros)

LAMAS, Berenice; HINTZ, Marli. Oficina de criação literária: um olhar de viés. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. Segunda edição em 2000.

ASSIS BRASIL, L.A. (org.) 36 volumes da série Contos de oficina, por diversas editoras.

Publicações (capítulos de livros)

ASSIS BRASIL, L.A. A escrita criativa. In: BARBOSA, Marcia Saldanha; BECKER, Paulo. (Org.). Questões de Literatura. Passo Fundo: EUPF, 2003. p. 57-66.

ASSIS BRASIL, L.A. Invenção e construção literária: o eterno debate. In: MARTINS, Aulus Mandagará. (Org.). Itinerários de leituras. EUPEL: Pelotas, 2003. v. 1, p. 65-78.

Publicações (artigos)

ASSIS BRASIL, L.A. de. Oficina de criação literária: o experimentalismo do texto. Letras de Hoje. (23) 1: 141-148, Porto Alegre, PUCRS, mar. 1988.

ASSIS BRASIL, L. A. Atenção, anfíbios trabalhando. In Revista da ANPOLL, São Paulo, 2003, Vol. 14, 251-252.

Livros publicados por ex-alunos da oficina literária

<http://www.pucrs.br/fale/oficialiteraria/>

PESQUISAS EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Gabriela Castro Menezes de Freitas²³

As pesquisas em aquisição da linguagem constituem uma área multidisciplinar, no caminho entre teorias lingüísticas e psicológicas. Os pesquisadores que investigam essa área têm como questão central descobrir como se dá a aquisição de uma língua. Muitas pesquisas têm sido desenvolvidas no sentido de desvendar essa questão, porém ainda há muito a ser pesquisado, configurando um campo produtivo para a realização de estudos teóricos e empíricos.

1. Dos primeiros passos até os dias de hoje: o caminho das pesquisas

As primeiras pesquisas sobre aquisição da linguagem foram realizadas entre 1876 e 1926 e preocupavam-se em observar o surgimento e o desenvolvimento da linguagem nas crianças. Esses estudos iniciais eram baseados em diários elaborados por lingüistas e filólogos a partir do registro da fala espontânea dos próprios filhos. Esses diários tinham como objetivo registrar o que as crianças faziam com relação à linguagem, a partir de uma observação constante, configurando, assim, [pesquisas longitudinais \(1\)](#). Eram trabalhos descritivos e relativamente intuitivos, pois os pesquisadores não sabiam ainda ao certo o que estavam procurando.

Entre 1926 – 1957 se deu o período dos estudos de grandes amostras, quando cresceu significativamente o número de pesquisas sobre aquisição da linguagem. Esses estudos eram baseados na observação sistemática de vários sujeitos, objetivando descrever o que é o comportamento normal em aquisição da linguagem. Essas observações de grandes grupos perdiam, no entanto, desenvolvimentos individuais importantes.

Através das pesquisas de [Chomsky \(2\)](#), os estudos longitudinais passaram a ser considerados, baseando-se na observação do desenvolvimento da linguagem de um determinado número de indivíduos, em geral três crianças.

²³ Doutora em Letras, na área de Lingüística Aplicada, pela PUCRS. Professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre.

A partir da década de 80, vários bancos de dados foram formados, buscando-se um volume representativo da fala de crianças em fase de aquisição da linguagem. Os registros da fala das crianças começaram a ser gravados em áudio ou vídeo, por um tempo determinado, periodicamente, para depois serem transcritos (Scarpa, 2003). Com isso, objetiva-se construir uma amostra representativa para estudar como o conhecimento é adquirido. Desde então, são realizadas pesquisas transversais (3) e longitudinais, com variado número de sujeitos e desde a mais tenra idade.

2. As abordagens teóricas em aquisição da linguagem

Os primeiros estudos sobre a aquisição da linguagem estavam baseados em uma visão teórica *behaviorista* (Skinner), que assumia que a aprendizagem de uma língua se dava pela exposição ao meio e em decorrência da imitação e do reforço. O ponto de vista teórico *behaviorista* defendia que o ser humano aprende por condicionamento, assim como qualquer outro animal. Porém, como pondera Matzenauer (2004), se uma criança adquire uma língua por imitação, como se explicaria o fato de formar frases ou palavras que nunca ouviu? (4)

A partir do final da década de 50, os estudos de Noam Chomsky impulsionam os trabalhos em aquisição da linguagem, com base na posição assumida de que a linguagem é **inata**. Para o pesquisador, a linguagem é uma dotação genética do ser humano. Segundo a **teoria inatista**, o ser humano vem “equipado” com uma Gramática Universal (GU). Há um dispositivo inato de aquisição que permite que a criança, exposta ao INPUT (5), construa hipóteses sobre a língua, escolhendo os parâmetros que deverão ser marcados ou fixados, gerando a gramática de sua língua nativa (Scarpa, 2003). A criança nasce pré-programada para adquirir a linguagem e é capaz de, a partir da exposição à fala, construir suas hipóteses sobre a língua a que está imersa.

A visão **cognitivista construtivista** (Piaget) entende a aquisição da linguagem como dependente do desenvolvimento da inteligência da criança. Sob esse ponto de vista, a linguagem surge quando a criança desenvolve a função simbólica. É necessária a mediação do outro entre a criança e o mundo (Scarpa, 2003), porém a criança não espera passivamente o conhecimento,

mas constrói tal conhecimento a partir das relações estabelecidas através dessa mediação.

A visão **interacionista social** (Vygotsky) considera os fatores sociais, comunicativos e culturais para a aquisição da linguagem, estudando as características da fala dos adultos. Segundo esse ponto de vista teórico, a interação social e a troca comunicativa são pré-requisitos básicos para a aquisição da linguagem. Nessa perspectiva, a linguagem é atividade constitutiva do conhecimento de mundo e a criança se constrói como sujeito.

Nos últimos anos, surgiram muitas investigações que pretendem descobrir como se dá, no cérebro/mente, a aquisição da linguagem. Desde então, as pesquisas na área **conexionista** (McClelland e Rumelhart, 1986) investigam a aprendizagem da língua materna ou de segunda língua. O **conexionismo** propõe que a aquisição tem como base a formação de unidades neuronais de pensamento. Essas unidades neuronais formam redes de associação. Dessa forma, adquirir conhecimento ou adquirir uma língua implica o estabelecimento de novas conexões neuronais.

3. Os estágios de desenvolvimento em aquisição da linguagem

A trajetória do desenvolvimento da linguagem parece ser universal e contínua, passando pelos seguintes estágios:

- ☆ balbucio – produção de sons: vogais (3-4 meses); consoantes e vogais (em torno dos 6 meses);
- ☆ primeiras palavras – entre os 10 e 12 meses;
- ☆ enunciados de uma palavra – em torno dos 12 meses;
- ☆ crescimento vocabular grande – entre os 16 e 20 meses;
- ☆ fase telegráfica – primeiras combinações de palavras, entre os 18 e 20 meses;
- ☆ explosão vocabular – entre os 24 e 30 meses;
- ☆ domínio das estruturas sintáticas e morfológicas – entre os 3 anos e 3 anos e meio;

4. Pesquisas realizadas, pesquisas por realizar...

No Brasil, muitas pesquisas sobre aquisição da linguagem têm sido realizadas nos últimos anos, porém ainda há muito a pesquisar sobre a aquisição e o desenvolvimento da fala.

Dentre os temas abordados em pesquisas, podem-se citar os estudos pré-lingüísticos, que investigam o balbucio de crianças com desenvolvimento normal e de crianças surdas, a percepção e a produção do bebê, e a interação entre os pais e o bebê. Ainda existem as pesquisas que observam dados de fala das crianças e buscam estabelecer um perfil de aquisição e/ou considerações sobre as diferenças individuais.

A PUCRS já consolidou uma tradição no desenvolvimento de pesquisas sobre aquisição da linguagem, que são principalmente realizadas no [Centro de Pesquisa sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem \(CEAAL\)](#) (6), sob a coordenação da professora Regina Ritter Lamprecht. Esse centro organiza o ENAL – Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem, que promove trocas e debates sobre os principais direcionamentos dos estudos em aquisição da linguagem realizados no Brasil.

O Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS conta com um expressivo número de [pesquisas de mestrado e doutorado](#) (7) sobre fonologia, desvios fonológicos, bilingüismo, língua de sinais, metáforas, semântica, [consciência fonológica](#) (8), aquisição da escrita (Lamprecht, 2003). No entanto, muito ainda está por ser desvendado com relação à aquisição da linguagem.

Referências

LAMPRECHT, Regina Ritter. Memórias do passado, repercussões no presente: vinte anos de pesquisa em Aquisição da Linguagem na PUCRS. **Letras de Hoje**. N. 132, v. 38, p.11-16, jun. 2003.

LAMPRECHT, Regina Ritter Lamprecht et alli. **Aquisição fonológica do português – perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. Bases para o entendimento da aquisição fonológica. In.: Scarpa, Ester Mirian. Aquisição da linguagem. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.) **Introdução à lingüística – domínios e fronteiras**. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2003.

MCCLELLAND, J. D. & RUMELHART, D. E. **Parallel distributed processing: explorations in the microstructure of cognition: psychological and biological models**. V.2. Cambridge: MIT, 1986.

(1) Pesquisas longitudinais

Pesquisas realizadas com o acompanhamento de um ou mais informantes ao longo de um determinado período de tempo (semanas, meses, anos).

(2) Noam Chomsky

Lingüista responsável pelas primeiras idéias relacionadas ao inatismo. Este estudioso é, também, responsável pelo desenvolvimento da Teoria dos Princípios e Parâmetros e de conceitos lingüísticos amplamente difundidos.

(3) Pesquisas transversais

Pesquisas realizadas com o acompanhamento de diferentes informantes, geralmente em maior número, em um momento determinado do seu desenvolvimento.

(4) Formação de formas lingüísticas nunca ouvidas (exemplos)

Mãe: O leite tá quente.

Menina: Então diquenta. (3anos e 11meses)

(mãe fecha a caixa de brinquedos)

Menina: Diabriu! (4anos e 1mês)

(pedindo para a mãe tirar o laço do vestido)

Menina: Deslaça, mãe. (4anos e 6meses)

(5) Input

Fala percebida pela criança.

(6) CEAAL

O CEAAL conta com bancos de dados disponíveis para a realização de pesquisas. São eles:

Inifono – dados da fala de 100 crianças com desenvolvimento normal, entre 1 e 2 anos.

Aquifono – amostras de fala de 310 crianças, entre os 2 anos e 7anos e 1mês.

Desfona – dados da fala de 75 crianças com desvios fonológicos evolutivos.

Issler – gravações longitudinais de díades mãe/criança.

(7) Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado vinculadas ao CEAAL / PUCRS, sob orientação da Profa. Dr. Regina Ritter Lamprecht:

Dissertações de Mestrado

AZAMBUJA, Elen Jane Medeiros. **A aquisição das líquidas laterais do português:** um estudo transversal. 1998. 115 f.: il. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

AZAMBUJA, Roberta Jardim. **Estudo longitudinal sobre a emergência dos contrastes de sonoridade e de ponto de articulação na aquisição fonológica do português brasileiro:** crianças de 1:0 a 1:6. 2004. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

AZEVEDO, Cátia de. **Aquisição normal e com desvios do contraste de sonoridade e de ponto de articulação.** 1994. 132 f. Dissertação (Mestrado em

Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1994.

BORGES, Paulo Ricardo Silveira. **Comparação entre processos fonológicos encontrados na diacronia e na aquisição normal do português.** 1996. 169 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

BRODACZ, Raquel. **Um estudo sobre a memória de trabalho em crianças com desvios fonológicos.** 1998. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

BUBLITZ, Graziela Kieling. **Fatores intervenientes no letramento de crianças antes do ensino formal.** 2005. 76 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

COIMBRA, Miriam. **Aquisição fonológica do português em uma criança bilíngüe: um estudo de caso.** 1993. 243 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1993.

CORONEL, Gabriela Martino. **Um paralelo entre percepção auditiva e os sistemas fonológicos de crianças surdas submetidas à fonoterapia de base oralista.** 1999. 188 f.: il. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

COSTA, Adriana Correa. **Consciência fonológica: relação entre desenvolvimento e alfabetização.** 2002. 155 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

CRIPPA, Claudia da Silva Pacheco. **Análise linguística dos enunciados de uma mãe falando com seu filho pequeno: um estudo de caso.** 1999. 160 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

GONÇALVES, Cíntia Schivinski. **Variáveis linguísticas facilitadoras na reabilitação fonológica das líquidas não-laterais.** 2002. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

ILHA, Susie Enke. **O desenvolvimento fonológico do português em crianças com idade entre 1:8 a 2:3.** 1993. 225 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1993.

ISSLER, Denise Silveira. **A aquisição dos pronomes eu/tu em relação ao desenvolvimento da noção de pontos de vista espaciais.** 1993. 164 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1993.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da LIBRAS:** estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos. 1994. 154 f.: il. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1994.

KESKE, MARCIA COSTA. **Aplicação de um modelo de terapia fonoaudiológica com base na teoria dos traços distintivos para tratamento de crianças com desvios fonológicos evolutivos.** 1996. 228 f.: il. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

LORANDI, Aline. **Formas morfológicas variantes na gramática infantil:** um estudo à luz da Teoria da Otimidade. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

MENEZES, Gabriela Ribeiro Castro. **A consciência fonológica na relação fala-escrita em crianças com desvios fonológicos evolutivos.** 1999. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

MEZZOMO, Carolina Lisbôa. **Aquisição dos fonemas na posição de coda medial do português brasileiro, em crianças com desenvolvimento fonológico normal.** 1999. 186 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. **A aquisição do r:** uma contribuição à discussão sobre o seu status fonológico. 1996. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

OGLIARI, Marlene Maria. **As relações entre desvios fonológicos e produção escrita.** 1991. 413 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1991.

OLIVEIRA, Carolina Cardoso de. **Aquisição das fricativas /f/, /v/, /s/ e /z/ do português brasileiro.** 2002. 160 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

PORTUGUEZ, Mirna Wetter. **Síndrome afasia-epilepsia: aspectos fonológicos e neurofisiológicos.** 1991. 231 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1991.

QUADROS, RONICE MULLER DE. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no pro.** 1995. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1995.

RAMOS, Ana Paula Fadanelli. **Avaliação e tratamento fonológico de crianças portadoras de fissuras do lábio e do palato reparadas na faixa etária de 4 a 9 anos.** 1991. 262 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1991.

RAMOS, Norma Suely Campos. **Consciência fonológica do português do Brasil: descrição e análise de cinco testes.** 2005. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

RANGEL, Gilsenira de Alcino. **Uma análise auto-segmental da fonologia normal: estudo longitudinal de crianças de 1:6 a 3:0.** 1998. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

RIBAS, Letícia Pacheco. **Aquisição do onset complexo no português brasileiro.** 2002. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

RIZZOTTO, Andrea Cristina. **Os processos fonológicos de estrutura silábica no desenvolvimento fonológico normal e nos desvios fonológicos evolutivos.** 1997. 163 F. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1997.

RODRIGUES, Adriane de Felipe. **A fala das mães com os bebês: um estudo sobre a evolução do léxico materno.** 1998. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

ROGGIA, Simone Mariotto. **Um estudo sobre o processamento auditivo em crianças portadoras de desvios fonológicos evolutivos.** 1997. 195 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1997.

ROSA, Silvana Faccin da. **Desenvolvimento fonológico do português: descrição longitudinal de 6 crianças: 2:8 a 3:2.** 1992. 178 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1992.

SANTOS, Daisy Rocha dos. **Consciência fonológica - importância relativa entre rima e aliteração.** 2003. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

SANTOS, Rosangela Marostega. **Reincidência de desvios fonológicos na escrita de crianças.** 1995. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1995.

SAVIO, Carla Baggio. **Aquisição das fricativas /s/ e /z/ do português brasileiro.** 2001. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

SCALCO, Miriam Antunes Gonçalves. **O comportamento do primeiro formante e da largura de banda da nasal palatal em relação a variações de área e volume e nasal.** 2002. 63 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

SOUZA, Valderez Scarrone de. **Influência da otite média tratada no desenvolvimento da fala.** 1991. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1991.

VACCARI, Marivone Faturi. **Aquisição das fricativas /s/ e /z/ por crianças com desvios fonológicos evolutivos.** 2006. 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

VARELLA, Noely Klein. **Na aquisição da escrita pelas crianças ocorrem processos fonológicos similares aos da aquisição da fala?.** 1993. 288 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1993.

VARELA-FUHR, Maria Cristina. **Jacaré ou crocodil? Aquisição fonológica das consoantes líquidas por crianças bilíngües (português/alemão).** 1992. 144 f. (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1992.

VAUCHER, Ana Valéria de Almeida. **Descrição das substituições consonantais presentes nos desvios fonológicos evolutivos: uma**

descrição auto-segmental. 1996. 84 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

VIDOR, Deisi Cristina Gollo Marques. **Aquisição das líquidas não-laterais por crianças com desvios fonológicos evolutivos:** descrição, análise e comparação com o desenvolvimento normal. 2000. 159 F. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2000.

ZITZKE, Bethânia Coswig. **Uma análise da ocorrência de metáteses na fala de crianças em fase de aquisição da linguagem.** 1998. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

Teses de Doutorado

COIMBRA, Miriam. **Metaphonological ability to judge phonetic and phonological acceptability in five-year-old monolingual and bilingual children.** 1997. 159 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1997.

FREITAS, Gabriela Castro Menezes de. **Consciência fonológica e aquisição da escrita:** um estudo longitudinal. 2004. 133 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

FRONZA, Catia de Azevedo. **O nó laríngeo e nó ponto de c no processo de aquisição normal e com desvios do português brasileiro:** a existência de uma tipologia. 1999. 282 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

ILHA, Susie Enke. **A aquisição da estrutura silábica na escrita inicial de crianças e adultos:** uma relação com a consciência fonológica. 2003. 196 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

ISSLER, Denise Silveira. **A aquisição de 'eu' e 'tu': intersecções entre a lingüística e a psicologia.** 1997. 258 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1997.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais:** estudo longitudinal de uma criança surda. 1999. 274 f.: il. Tese

(Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

KESKE-SOARES, Marcia. **Terapia fonoaudiológica fundamentada na hierarquia implicacional dos traços distintivos aplicada em crianças com desvios fonológicos.** 2001. 193 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

MEZZOMO, Carolina Lisbôa. **Aquisição da coda no português brasileiro: uma análise via Teoria de Princípios e Parâmetros.** 2003. 231 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

MOTA, Helena Bolli. **Aquisição segmental do português: um modelo implicacional de complexidade de traços.** 1996. 221 f.: il. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

OLIVEIRA, Carolina Cardoso de. **Aquisição das consoantes róticas no português brasileiro e no espanhol: um estudo comparativo.** 2006. 160 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

RAMOS, Ana Paula Fadanelli. **Processos de estrutura silábica em crianças com desvio fonológico: uma abordagem não-linear.** 1996. 183 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

RANGEL, Gilsenira de Alcino. **Aquisição do sistema vocálico do português brasileiro.** 2002. 170 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

RIBAS, Letícia Pacheco. **Onset complexo nos desvios fonológicos: descrição, implicações para a teoria, contribuições para terapia.** 2006. 140 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

SIMÕES, Luciene Juliano. **Sujeito nulo na aquisição do português brasileiro: um estudo de caso.** 1997. 243 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1997.

SIQUEIRA, Maity Simone Guerreiro. **As metáforas primárias na aquisição da linguagem**: um estudo interlingüístico. 2003. 211 f. Tese (Doutorado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

(8) Consciência fonológica: pesquisa de Freitas, 2004

Título: Consciência fonológica e aquisição da escrita: um estudo longitudinal

Objetivo: investigar a relação entre o desenvolvimento da consciência fonológica e da aquisição da escrita.

Sujeitos: 13 crianças acompanhadas longitudinalmente (pré-escola; 1a. Série); 20 crianças testadas de forma transversal (JA; 2a. Série).

Instrumentos: Teste Metafonológico Seqüencial; coleta de escrita.

Metodologia: Treze sujeitos foram acompanhados longitudinalmente durante dois anos (desde o início do Jardim B até o final da 1ª série), testados seis vezes ao longo da pesquisa. Ainda foram observados dois grupos transversais (10 crianças no Jardim A e 10 crianças na 2ª série), permitindo a comparação do desempenho em consciência fonológica de crianças antes, durante e após o ensino sistemático da escrita. Os dados receberam tratamento estatístico e foram exaustivamente descritos e analisados, considerando-se aspectos quantitativos e qualitativos que levaram às conclusões da pesquisa.

Resultados: Há uma importante relação entre consciência fonológica e aquisição da escrita, que se influenciam de forma recíproca. Existem diferentes níveis e habilidades em consciência fonológica, que são aprimorados a partir da exposição sistemática à escrita.

A PESQUISA EM FONOLOGIA

Leda Bisol
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Letras

A lingüística sincrônica que se emoldurou na linha do estruturalismo lingüístico começou com a Fonologia, estudo da organização de sons lingüísticos em sistemas de LÍNGUAS, seguindo-se a sintaxe, a morfologia e a semântica. Outras múltiplas áreas foram surgindo como sociolingüística, psicolingüística e lingüística textual.

Os arautos que, inspirados em Saussure, abriram esse caminho são nomes deveras conhecidos: Trubetzkoy, Jakobson, Bloomfield e Sapir. **N.S. Trubetzkoy**, nascido na Rússia em 1890, é o autor de **Principles de Phonologie** (1949), reedição em francês da primeira publicação em russo (1939), é referência importante da lingüística européia. **R. Jakobson**, nascido em Moscou em 1896, que saiu de seu País, como Trubetzkoy, na época da revolução, deixou copiosa e importante obra, em que se destaca **Essais de Linguistique Générale**, publicado em Paris em 1963. Uma série de artigos de Jakobson foram traduzidos para o português por Câmara Jr. sob o título de **Fonema e Fonologia** (1967). Em Copenhague, Jakobson fundou com Trubetzkoy e Mathesius o “Cercle of Linguistique de Praga”, um centro de divulgação e discussão de estudos com base em Saussure. Foi a Europa o berço da Fonologia.

L. Bloomfield, que nasceu em Chicago em 1887 e publicou **Language** em 1914 com reedição em 1933, traduzido também para o espanhol, é referência importante da lingüística americana. **Sapir** de origem alemã, que nasceu em 1884, mas viveu desde os cinco anos nos Estados Unidos, é o autor de **Language, an introduction to the study of speech** (1921). Artigos do autor, traduzidos por Câmara Jr, foram publicados no Brasil sob o título **Lingüística como Ciência** (1969). Blomfield e Sapir teceram a fonologia americana, referida por Fonêmica.

Com essas obras inicia-se a Fonologia, cuja história vem percorrendo sucessivos caminhos que se alimentam reciprocamente na busca de novos

horizontes, como acontece em toda e qualquer ciência: Fonologia Estrutural, Fonologia Gerativa, Fonologia Métrica, Fonologia Autossegmental, Fonologia Lexical e Teoria da Otimidade. A última não foi escrita especificamente para a Fonologia, mas a Fonologia é sua maior adepta. Há outras propostas que têm lugar nesta história, e que não foram nomeadas em virtude do caráter sucinto do texto que se limita às de maior impacto.

O estudo minucioso do Fonema, entendido como um feixe de traços ou a menor unidade segmentável que distingue palavras e que foi a pedra de toque da primeira fase, caracterizou o modelo estruturalista que se esmerou na distribuição dos alofones e/ou caracterização da neutralização, da assimilação ou do debordamento e outros fenômenos. Surgem pela primeira vez minuciosas e cuidadosas descrições de sistemas fonológicos de línguas, muitas totalmente desconhecidas, entre as quais línguas indígenas.

Com a voz de Chomsky (1965), dando ênfase à hipótese de que a língua é uma capacidade inata do homem e a publicação de **The Sound Pattern of English** (1968) de Chomsky and Halle, um novo modelo impõe-se. São muitos os pesquisadores que, cativados pela elegância do modelo formal, seguem a nova doutrina, independentemente da aceitação da hipótese do inatismo. Então o campo da abstração é particularmente cultivado, regras e princípios são os mecanismos da descrição que deve ser explicativa. A grande meta é encontrar os princípios universais que representariam a capacidade lingüística do homem.

Sucedem-se as teorias não lineares, Fonologia Métrica, Fonologia Autossegmental e Fonologia Lexical que coexistem e que, embora gerativas em sua essência, controlam o grau de abstração, retomando certos cuidados da teoria da primeira fase, ao limitá-la ao nível fonêmico. Princípios e regras andam juntos na derivação que, a partir de estruturas subjacentes, chega a estruturas de superfície bem formadas, ou seja, às palavras com as quais as frases se organizam.

Impera, hoje, entre os modelos da etapa anterior que persistem, a Teoria da Otimidade. Valendo-se exclusivamente de princípios, define-os, no entanto, como restrições que podem ser violadas, diferenciando-se, neste particular, como em outros, da Teoria Gerativa Clássica. Não admite regras nem derivação, mas submete os dados a uma análise comandada por

princípios, ou seja, restrições que simultaneamente controlam a sua boa formação.

Ao finalizar essa breve introdução, vale lembrar que no Brasil a Lingüística foi introduzida por Mattoso Câmara Jr., que, ao falecer em 1970, deixava na Editora Vozes dois livros, **Estrutura da Língua Portuguesa** e **Problemas da Lingüística Descritiva**, além de outros já publicados.

Como o objetivo deste texto é indicar a estudantes temas de pesquisa na área em foco, vamos nos deter ligeiramente nos seguintes tópicos: segmento, sílaba, pé métrico, palavra e frase.

1. Segmento

Vogais e consoantes são os segmentos cuja constituição vem sendo estudada em termos de traços fonéticos e cujo caráter fonológico é decorrente de sua função no sistema. Verificar que traços fonológicos sustentam o sistema de uma língua é o ponto básico. Daí a necessidade de separar traços redundantes de não redundantes. Isso abre o caminho para a teoria da subespecificação que admite segmentos não totalmente especificados, levando a uma análise com maior grau de abstração, mas com a vantagem de permitir alcançar generalizações com facilidade. Embora o sistema de vogais e consoantes já tenha sido objeto de estudos, novos olhares fundamentados teoricamente sobre todo o sistema ou parte deles, sem ignorar o que já foi feito, pode trazer informações importantes não só para a descrição do português como também para áreas relacionadas, a educação por exemplo.

2. Sílaba

Apenas referida nos dois primeiros momentos da história da lingüística, com esparsas descrições na fase pós-gerativa clássica, conquista seu espaço com o advento das teorias não-lineares, precisamente com a Fonologia Métrica, onde se impôs como base para a formação do ritmo, isto é, do pé métrico, e conseqüentemente, como portadora do acento. De seus elementos constitutivos, ataque, núcleo e coda, das seqüências permitidas, dos ditongos e hiatos, enfim da escala de sonoridade que dirige sua formação, a teoria oferece

os fundamentos. Mas de sua descrição, em termos do português brasileiro, novas análises são aguardadas, sem ignorar evidentemente o que foi feito, em virtude de não se ter ainda explorado devidamente este vasto campo. Por outro lado, uma análise de fatos já analisados sob o prisma de uma nova teoria é sempre bem-vinda.

3. Pé métrico

Uma área aberta a estudos. Se o português possui pé métrico troqueado ou iambo, ou seja, pé de duas sílabas com cabeça à esquerda ou à direita ou é uma língua de ritmo misto é uma questão em discussão, mas importante, pois dela decorre o acento. Embora já contemos com algumas interessantes descrições do acento, o papel do ritmo na palavra e na frase e do acento principal é, sem dúvida, um campo não de todo explorado, à disposição para investidas.

4. Palavra

Distinguir a palavra lexical ou morfológica da palavra prosódica ou fonológica é o primeiro passo. Enquanto a primeira se identifica pela classe morfológica, substantivo adjetivo, verbo etc, a palavra fonológica se identifica pela presença do acento. Uma palavra fonológica possui sílabas e pés métricos delineados e, conseqüentemente, um acento dominante, chamado acento primário. A palavra fonológica tem duas características essenciais, é domínio de restrições fonotáticas e de aplicação de regras. Uma das restrições fonotáticas do português é a não aceitação de palavras iniciadas por soantes palatais. As raras palavras do sistema são empréstimos: *lhama*, *nhoque*. Quanto a regras, muitas são as que têm por domínio a palavra fonológica, entre elas a neutralização das átonas (bElo > beleza), a inserção do glide em sílaba acentuada (passear mas passeio) e o abaixamento datílico (esqueleto > esquelético). Eis aí um campo imenso de estudos, como discussão de regras ou de particularidades ainda não discutidas ou não resolvidas plenamente.

5. Frase

A frase fonológica, que se define por possuir o acento mais forte mais à direita, é o domínio das regras do sândi que ocorre entre palavras: ditongação (verde amarelo > ver[dja]marelo), degeminação (casa amarela > ca[za]marela) e elisão (casa escura > ca[zes]jura). Ritmo, acento principal da frase e secundário, entoação são temas que, independentemente dos trabalhos realizados na área, que não são muitos, convidam para estudos.

Para finalizar, alistamos dissertações e teses realizadas na PUCRS em Fonologia:

6. Dissertações e Teses

6.1. Dissertações

ALMEIDA, Marco Antônio Bomfoco de. **A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngüe de Flores da Cunha: uma análise quantitativa.** 2000. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2000.

ARAKAWA, Adriano Takamuri Moraes. **A monotongação do ditongo nasal átono na fala dos nisseis de Porto Alegre.** 2005. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

BARDEN, Liege Therezinha Vogt. **A variação na concordância verbal da terceira pessoa do plural.** 2004. 73 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

BATTISTI, Elisa. **Elevação das vogais médias pré-tônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha.** 1993. 125 f.:il. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1993.

BORSATO, Daniela. **A degeminação no interior do vocábulo.** 2002. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

CASAGRANDE, Graziela Pigatto Bohn. **Harmonização vocálica: análise variacionista em tempo real.** 2003. 171 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

CABREIRA, Silvio Henrique. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.** 1996. 115 f.: il. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

HOGETOP, Denise Nauderer. **A degeminação no italiano em frase fonológica reestruturada.** 2006. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

KAMIANECKY, Fernanda. **Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis: uma análise quantitativa.** 2003. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

KOELLING, Sandra Beatriz. **A concordância nominal em Porto Alegre (RS): análise variacionista.** 2003. 108 f.: il. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

LEIRIA, Lucia Lovato. **A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /s/.** 1995. 74 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1995.

MALLMANN, Dálcio Otelson. **A elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Santo Ângelo (RS).** 2001. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

MAYA, Leonardo Zechlinski. **A variação da preposição PARA na fala de Porto Alegre.** 2004. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

MELLO, Vera Helena Dentee de. **Formação de ditongo em sílaba travada por /s/ na linguagem coloquial gaúcha.** 1994. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 1994.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. **A vibrante: representação e análise sociolingüística.** 1992. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1992.

PIMENTEL, Rosane Mosmann. **A variação lingüística do fonema /r/ na posição pós-vocálica em falantes da cidade de Porto Alegre.** 2003. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

QUEDNAU, Laura Rosane. **A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear.** 1993. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1993.

RIGATTI, Ana Paula. **Realização do rótico no onset em falantes de Luzerna-SC e Panambi-RS, regiões de imigração alemã.** 2003. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

ROVEDA, Suzana Damiani. **Elevação da vogal média átona final em comunidades bilingües: português e italiano.** 1998. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

SANTOS, Diely Valim dos. **Um estudo sobre os compostos do português.** 2005. 68 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

SCHWINDT, Luís Carlos da Silva. **A harmonia vocálica nos dialetos do sul do país: uma análise variacionista.** 1995. 76 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1995.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. **A neutralização das vogais médias postônicas.** 1994. Dissertação (Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1995.

6.2. Teses

ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. **As classes formais do português e sua constituição: um estudo à luz da teoria da morfologia distribuída.** 2003. 179 f. Tese (Doutorado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

AMARAL, Marisa Porto do. **As proparoxítonas: teoria e variação.** 2000. 222 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras. PUCRS, Porto Alegre, 2000.

BATTISTI, Elisa. **A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições.** 1997. 187 f.: il. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras. PUCRS, Porto Alegre, 1997.

BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. **Aquisição fonológica do português brasileiro: uma abordagem conexionista da teoria da otimidade.** 2005. 371 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras. PUCRS, Porto Alegre, 2005.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. **A fricativa palato-alveolar e sua complexidade: uma regra variável.** 2002. 364 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras. PUCRS, Porto Alegre, 2002.

COLLISCHONN, Gisela. **Análise prosódica da sílaba em português.** 1997. 238 f.: il. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras. PUCRS, Porto Alegre, 1997.

ESPIGA, Jorge Walter da Rocha. **O português dos campos neutrais: um estudo sociolingüístico da lateral posvocálica nos dialetos fronteiriços de Chuí e Santa Vitória do Palmar.** 2001. 154 f.: il. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras. PUCRS, Porto Alegre, 2001.

MAGALHÃES, José Sueli de. **O plano multidimensional do acento na teoria da otimidade.** 2004. 216 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras. PUCRS, Porto Alegre, 2004.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. **A metafonía nominal.** 2000. 190 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras. PUCRS, Porto Alegre, 2000.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica.** 1997. 213 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras. PUCRS, Porto Alegre, 1997.

MORENO, Cláudio. **Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical.** 1998. 205 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras. PUCRS, Porto Alegre, 1998.

QUEDNAU, Laura Rosane. **O acento do latim ao português arcaico**. 2000. 218 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras. PUCRS, Porto Alegre, 2000.

SCHWINDT, Luís Carlos da Silva. **O prefixo no português brasileiro: análise morfológica**. 2000. 191 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras. PUCRS, Porto Alegre, 2000.

TASCA, Maria. **A lateral em coda silábica no sul do Brasil**. 1999. 147 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras. PUCRS, Porto Alegre, 1999.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. **Aspectos do sistema vocálico do português**. 1997. 181 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras. PUCRS, Porto Alegre, 1997.

A TEORIA DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

Cláudia Regina Brescancini
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Letras

1. Introdução

É fato facilmente observado em qualquer língua ou dialeto que seus falantes podem realizar certas *escolhas* entre dois ou mais sons, vocábulos ou estruturas. Alternâncias entre produções como *po[x]ta*, *po[ç]ta*, *po[h]ta*, para *porta*, ou ainda entre o uso dos pronomes *tu* e *você* em *tu vais pra onde?*, *você vai pra onde?* e *tu vai pra onde?*, etc costumam ser identificadas de imediato por qualquer falante do português brasileiro, principalmente quando em contato com falantes provenientes de outras localidades brasileiras ou até mesmo de outros países onde se fala a língua portuguesa.

Também se nota que as *escolhas* podem não ser sempre as mesmas até para um mesmo falante, o qual, por exemplo, pode alternar produções como *m[e]nino* e *m[i]nino* ou *ho[me]j*, *ho[mi]j* e *ho[mi]*.

Tais possibilidades de escolha podem coexistir de modo estável em uma língua até mesmo por séculos. Pode acontecer também de uma delas passar a ser claramente preferida pelos falantes, caso em que se configura uma situação de *mudança em progresso*, prolongada até o momento em que as formas preteridas desaparecem e somente a forma mais usada permanece na língua ou dialeto. Quando esse estágio é atingido, diz-se que a *mudança lingüística* se completou e a regularidade é atingida (Labov, 1972, 1980; Tarallo, 1986).

A idéia de que a variabilidade é uma característica inerente a qualquer sistema lingüístico conduz naturalmente à busca por uma explicação para o fato de o falante, ou grupo de falantes, efetuar uma determinada *escolha* e não outra.

Uma justificativa satisfatória para as *escolhas* realizadas pelos falantes começou a ser delineada com o advento da chamada *Sociolingüística*, termo cunhado nos anos 50 para designar uma perspectiva de análise que reúne as

idéias de lingüistas e sociólogos com relação a questões sobre o lugar da língua na sociedade e, em particular, o contexto social da diversidade lingüística (Romaine, 2001). Pesquisas desenvolvidas principalmente nos Estados Unidos por William Labov na década de 60, e que originaram a chamada *Teoria da Variação Lingüística*, ou Sociolingüística Quantitativa, foram decisivas na constituição dessa concepção.

Ficou claro a partir de então que as escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas não ocorrem simplesmente por opção do falante, mas obedecem a um padrão sistemático regulado por regras especiais, conhecidas como *regras variáveis*, que expressam a covariação entre elementos do ambiente lingüístico e do contexto social.

2. O método de pesquisa em variação

A fim de que se possa definir a configuração de uma regra variável, é necessário percorrer basicamente seis etapas.

Na primeira etapa, o pesquisador deve delimitar precisamente o fenômeno lingüístico variável, ou seja, definir a *variável dependente*, o que envolve o levantamento de todas as possibilidades de produção em variação.

Se desejamos, por exemplo, examinar a produção “**chiada**” (1) de ‘s’ em posição de trava de sílaba em língua portuguesa, em itens como *mesmo*, *feira*, *poste*, diremos que a variável dependente dessa pesquisa é a palatalização de /S/. As formas em variação, ou seja, as chamadas variantes, serão, além das produções “chiadas” - as fricativas palato-alveolares [ʃ,ʒ] -, como em me[ʒ]mo e fe[ʃ]ta, as sibilantes [s,z], como em me[z]mo e fe[s]ta, o apagamento, como em meØmo, e a aspiração, como em me[h]mo.

Definida a variável dependente, o pesquisador está apto a iniciar a segunda etapa da pesquisa, na qual deve apontar as características internas (*variáveis independentes lingüísticas*) e externas (*variáveis independentes sociais*) ao sistema lingüístico que podem, por hipótese, estar influenciando a variável dependente. Deve basear-se para tanto nos dados da língua, na teoria lingüística e na própria estrutura social da comunidade de interesse.

Os possíveis valores de uma variável independente são representados pelos seus fatores, os quais devem obedecer a duas condições básicas: (a) ser mutuamente exclusivos, isto é, nenhum deles deve incluir totalmente ou parcialmente o outro, e (b) representar uma lista exaustiva de todas as possibilidades para seu grupo. No exemplo de pesquisa em questão, poderíamos supor, com base em estudos já realizados (cf. Brescancini 1996, 2002; Gryner e Macedo, 2000; Scherre e Macedo, 2000), que os contextos precedente e seguinte ao /S/, assim como também a localização de /S/ na palavra, podem influenciar a pronúncia palato-alveolar (“chiada”). Em tais casos, estipularíamos três variáveis lingüísticas independentes, a saber Contexto Precedente, Contexto Seguinte e Posição de /S/ no vocábulo. Os fatores que compõem tais variáveis poderiam ser organizados da seguinte forma:

1. Contexto Precedente

vogal **coronal** (2) (p[i]sta; t[e]xto; m[ɛ]scla)

vogal **labial** (2) (s[u]sto; m[o]sca; b[ɔ]sque)

vogal **dorsal** (2) (p[a]sta).

2. Contexto Seguinte

consoante coronal (pis[t]a; des[d]e)

consoante labial (mes[m]o; cas[p]a)

consoante dorsal (mos[k]a; es[g]oto)

3. Posição na Palavra

Medial (pasta; mesmo)

Final (mês; rapaz)

Para a caracterização dos possíveis condicionadores sociais, as chamadas variáveis independentes sociais, é necessário que o pesquisador acesse informações referentes às fronteiras geográficas e sociais da comunidade de fala alvo da pesquisa, como presença de imigrantes, relevância da idade, classe social, sexo, escolaridade, existência de grupos étnicos que

possam apresentar diferentes variantes de fala e variação estilística. Na pesquisa exemplificada, poderíamos propor controlar a informação referente ao sexo do falante, ao seu nível de escolaridade e à faixa etária a que pertence, o que se justificaria pela hipótese de que diferenças entre os sexos e/ou de instrução formal e/ou de idade poderiam estar influenciando o maior ou menor uso da pronúncia palatalizada de /S/. Os fatores que compõem tais variáveis poderiam ser organizados da seguinte forma:

4. Sexo

Masculino

Feminino

5. Escolaridade

ensino fundamental completo ou incompleto

ensino médio completo ou incompleto

6. Idade

de 20 a 50 anos

mais de 50 anos

Variáveis independentes estabelecidas, inicia-se a terceira etapa. O pesquisador deve então procurar reunir os dados de fala real, base para a formulação da regra variável. Para tanto, pode recorrer a bancos de dados, onde se encontra geralmente grande quantidade de material já coletado, ou ainda pode o pesquisador decidir ir a campo e efetuar sua própria coleta de dados.

Dentre os bancos de dados sociolingüísticos no Brasil, destaca-se o [Projeto VARSUL \(3\)](#) (Variação Lingüística Urbana na Região Sul), que reúne amostras de fala representativas das variedades lingüísticas dos estados da região Sul do Brasil – Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

O banco é constituído de amostras de fala gravadas em fita cassete e em CD, e transcritas em material impresso, de habitantes nativos de 12 cidades da região Sul, 4 em cada estado, o que resulta em um acervo de 96

entrevistas por estado e 288 no total. Todas as entrevistas foram feitas em estilo não controlado e versam sobre a vida do habitante da cidade

Os informantes estão distribuídos por sexo, idade, nível de instrução e etnia. O Quadro 1 a seguir apresenta as cidades representadas no banco e os grupos étnicos culturalmente representativos de cada uma. É possível ao pesquisador acessar tais informações, bem como outras relativas à profissão, atividades sociais e de lazer, na ficha social de cada informante.

Quadro 1: Banco de Dados VARSUL – Regiões e Grupos Étnicos

Estado	Cidade	Colonização
Rio Grande do Sul	Porto Alegre (capital) Flores da Cunha Panambi São Borja	italiana alemã espanhol
Santa Catarina	Florianópolis (capital) Chapecó Blumenau Lages	italiana alemã gaúcha
Paraná	Curitiba (capital) Londrina Iratí Pato Branco	mineira e paulista eslava gaúcha

A coleta dos dados referentes a tais localidades teve início em 1990 e deu-se até 1996. Após essa data, o banco foi acrescido ainda de outras amostras, referentes às localidades Ribeirão da Ilha (Florianópolis - SC; colonização açoriana) em 1996, São José do Norte - RS (colonização açoriana) em 2000, e Barra da Lagoa (Florianópolis - SC; colonização açoriana) em 2001, entre outras.

Outros bancos de dados no Brasil também disponíveis a pesquisadores podem ser citados. Para a descrição da variedade culta do português brasileiro,

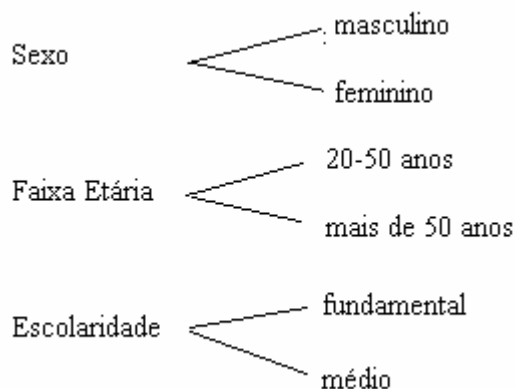
há o Projeto NURC (Norma Urbana Culta), que reúne dados de cinco capitais brasileiras – São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife – em três tipos de inquérito: (a) diálogo entre dois informantes, (b) elocução formal e (c) diálogo entre informante e documentador. Há ainda, entre outros, o Projeto PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), conhecido originalmente como Projeto Censo da Variação Lingüística do Estado do Rio de Janeiro, com mais de vinte anos; o Projeto VALPB (Variação Lingüística da Paraíba), da UFPB (Universidade Federal da Paraíba); o Projeto BDS - Pampa (Banco de Dados Sociolingüísticos da Fronteira e da Campanha Sul-Rio-Grandense), da UFPEL (Universidade Federal de Pelotas) e UCPEL (Universidade Católica de Pelotas) e BDSer (Banco de Dados da Serra Gaúcha), da UCS (Universidade de Caxias do Sul).

Tanto no caso de se recorrer a um banco de dados como no de realizar uma coleta, é necessário que se realize uma espécie de seleção dos indivíduos que farão parte da pesquisa, já que é obviamente impossível, por questões práticas, utilizar todas as entrevistas de um banco de dados ou gravar a fala de todas as pessoas de uma dada região de interesse.

O método mais comum em estudos de variação lingüística para tal fim é o *aleatório estratificado*. De acordo com esse procedimento, deve-se dividir a população de interesse em várias unidades compostas, cada uma delas, de indivíduos com as mesmas características sociais (Oliveira e Silva, 1992, p. 104). Essas unidades são conhecidas como *células* e devem ser preenchidas de forma aleatória, o que significa dizer que cada membro da comunidade de interesse tem a mesma chance de ser escolhido para fazer parte da pesquisa. Esse procedimento oferece a possibilidade de que os resultados obtidos para esse pequeno número de membros possam ser projetados à comunidade de fala como um todo.

Embora nunca estejamos inteiramente seguros de que uma amostra apresente de fato as características da população de onde se origina, o uso de amostras aleatórias oferece ao pesquisador a segurança de que seu estudo não está se restringindo a dados provenientes da fala de indivíduos pertencentes a um único segmento social, o que invalidaria a extensão das inferências feitas com base nos valores obtidos para a amostra da comunidade alvo.

A composição completa da amostra só será atingida quando da decisão sobre o número de informantes que representarão a comunidade de interesse. A técnica de amostragem utilizada sugere que se realize a multiplicação do número total de fatores de cada um dos parâmetros sociais escolhidos, um pelo outro. Desse modo, no caso exemplificado, temos os seguintes fatores para as variáveis sociais:



o que resulta na multiplicação $2 \times 2 \times 2 = 8$.

O produto obtido é entendido como o número de células que serão preenchidas por indivíduos selecionados aleatoriamente na região delimitada como de interesse para a pesquisa. Nota-se que cada célula traz informações específicas sobre qual a faixa etária, o sexo e o nível de escolaridade que o informante deve apresentar para poder preenchê-la. O Quadro 2 a seguir apresenta as oito possibilidades que constituem a amostra da pesquisa sobre a palatalização do /S/. Pode-se localizar geograficamente a comunidade de interesse na cidade do Rio de Janeiro (RJ), de Recife (PE) ou ainda em Florianópolis (SC), todas caracteristicamente produtoras da pronúncia em exame.

Quadro 2: Composição das Células Sociais – A *Palatalização de /S/*

Célula 1	<ul style="list-style-type: none"> • Homem • entre 20 e 50 anos de idade • ensino fundamental 	Célula 5	<ul style="list-style-type: none"> • Mulher • entre 20 e 50 anos de idade • ensino médio
Célula 2	<ul style="list-style-type: none"> • Homem • entre 20 e 50 anos de idade • ensino fundamental 	Célula 6	<ul style="list-style-type: none"> • Mulher • entre 20 e 50 anos de idade • ensino médio
Célula 3	<ul style="list-style-type: none"> • Homem • mais de 50 anos de idade • ensino fundamental 	Célula 7	<ul style="list-style-type: none"> • Mulher • mais de 50 anos de idade • ensino médio
Célula 4	<ul style="list-style-type: none"> • Homem • mais de 50 anos de idade • ensino fundamental 	Célula 8	<ul style="list-style-type: none"> • Mulher • mais de 50 anos de idade • ensino médio

Delimitada a amostra, deve-se então refletir sobre o número de informantes que ocupará cada célula. A situação ideal é a de cinco informantes por célula, o que, no caso em exame, significaria uma amostra final composta de 40 informantes (8 células x 5 informantes em cada célula = 40 informantes).

O próximo passo então deve ser em direção ao campo, na busca pelos indivíduos que se encaixam nas células, e na realização das entrevistas.

Na quarta etapa, o pesquisador dedicar-se-á à transcrição e codificação das ocorrências coletadas. Inicialmente, deve planejar um sistema de codificação. Para cada fator de cada variável independente lingüística e social é atribuído um único código. É aconselhável que este seja escolhido mnemonicamente sempre que possível, a fim de que o trabalho posterior de codificação seja facilitado. Desse modo, se estamos buscando códigos para os fatores da variável Sexo, por exemplo, poderíamos atribuir *m* para masculino e *f* para feminino. Se a variável for Contexto Seguinte, seria conveniente que o fator coronal fosse representado pela letra *c*, labial por *l* e dorsal por *d*.

As entrevistas que compõem a amostra delimitada para a pesquisa são ouvidas e extraem-se desse material as ocorrências de interesse no contexto em que surgem na fala dos informantes gravados. O que realmente constitui o “contexto da ocorrência” irá depender do tipo de variável em exame. Se ela é fonológica, pode envolver uma ou algumas palavras, mas se for sintática, a frase inteira poderá ser extraída ou até mesmo todo o parágrafo. Essa questão está diretamente relacionada à delimitação do que o pesquisador considera que deve ser registrado em sua análise e o que deve ser deixado de lado, decisão esta guiada certamente por princípios lingüísticos de análise.

Extrair as ocorrências também implica, para os estudos fonológicos, em transcrevê-las foneticamente, o que exige do pesquisador, como condição essencial, bons conhecimentos fonéticos, principalmente com relação à percepção auditiva dos sons da fala e ao domínio de um [alfabeto fonético \(4\)](#).

Feito o levantamento das ocorrências de interesse para a pesquisa, parte-se para a codificação de cada uma delas. No Quadro 3 a seguir, tem-se um exemplo de ocorrência codificada considerando-se o estudo sobre a palatalização de /S/. Nota-se que a codificação possui seis caracteres, cada um deles representativo de um dos fatores que compõem cada uma das seis variáveis independentes sociais e lingüísticas propostas.

Quadro 3: Codificação de Ocorrência – *Palatalização de /S/*

Ocorrência	Codificação
['pa]tɛ]	1dcmfx5

O primeiro símbolo refere-se a uma das variantes da variável dependente. No caso em questão, a palatalização de /S/ é definida como uma variável dependente composta por quatro variantes, palato-alveolares (1), alveolares (2), apagamento (3) e aspiração (4), sendo a palato-alveolar exemplificada no Quadro 3. O segundo símbolo, “d”, indica que o contexto precedente ao /S/ é uma vogal dorsal. O símbolo “c” seguinte informa que o contexto seguinte ao /S/ é uma consoante coronal e o “m”, que /S/ encontra-se em posição medial. Os três últimos símbolos referem-se às características sociais do falante: “f”, sexo feminino; “x”, com ensino médio incompleto e “5”, com idade entre 20 e 50 anos.

Independentemente de a variável ser fonológica ou sintática, o trabalho de levantamento de ocorrências em entrevistas e sua codificação consomem, no geral, muito tempo e exigem o máximo de atenção do pesquisador, visto que erros recorrentes podem comprometer o resultado final da pesquisa. Desse modo, uma ou mais revisões se fazem necessárias.

A etapa cinco trata da quantificação dos dados. A medição do papel dos fatores lingüísticos e sociais no condicionamento da variável dependente deve contar com o estabelecimento de um índice quantitativo. Isto significa dizer que a cada um dos fatores estabelecidos na pesquisa deve ser atribuído um valor numérico. Como esses valores *variam* de um fator para outro, é necessário que o pesquisador disponha de um instrumento que o auxilie a extrair inferências. Os programas que compõem o pacote computacional [VARBRUL 2S \(5\)](#) realizam exatamente essa tarefa.

Finalmente, o pesquisador atinge a etapa de interpretação dos resultados, o que envolve compreender e explicar os resultados numéricos oferecidos pelo programa. É importante observar que os valores numéricos

relacionados aos fatores não respondem diretamente às perguntas que motivaram a pesquisa, mas funcionam apenas como uma espécie de direção para se chegar até elas. A teoria lingüística e o conhecimento da estrutura social da comunidade em exame, condutores iniciais da formulação das hipóteses de pesquisa, entram novamente em cena nesta etapa e atuam de modo decisivo na justificativa das tendências apresentadas pelos resultados numéricos.

Pesquisas (6) com essas características são realizadas como Dissertações de Mestrado ou Teses de Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Letras da FALE/PUCRS.

Referências

BRESCANCINI, C. R. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português de influência açoriana do município de Florianópolis**: uma abordagem não-linear. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. **A fricativa palato-alveolar e sua complexidade**: uma regra variável. 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GRYNER, H.; MACEDO, A. A pronúncia do –S pós-vocálico na região de Cordeiro-RJ. In: LABOV, W. **Sociolinguistic Pattern**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MOLLICA, M. C.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Análises lingüísticas**: a contribuição de Alzira Macedo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 26-51.

MOLLICA, M. C.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Análises lingüísticas**: a contribuição de Alzira Macedo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 52-64.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. Coleta de Dados. In: MOLLICA, M. C. **Introdução à Sociolingüística Variacionista**. Rio de Janeiro: Programa de Apoio à Produção de Material Didático (PROMADI 1)- UFRJ, 1992. p. 101-114. (Cadernos Didáticos UFRJ).

ROMAINE, S. **Language in Society**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2000.

_____; MACEDO, A V. T. Variação e mudança: o caso da pronúncia do s pós-vocálico. In:

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

LINKS

(1) Chiantes

As consoantes fricativas palato-alveolares são chamadas de chiantes devido a uma classificação auditiva.

(2) Coronal, dorsal e labial

Os traços coronal, dorsal e labial são considerados como pertinentes para consoantes e vogais, de acordo com a proposta da Teoria Unificada de Traços para Consoantes e Vogais de Clements (1989).

(3) Projeto VARSUL

O Projeto VARSUL possui quatro agências, a saber: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Instituto de Letras), Universidade Federal de Santa Catarina (Centro de Comunicação e Expressão), Universidade Federal do Paraná (Departamento de Lingüística, Letras Clássicas e Vernáculos) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Faculdade de Letras). Maiores informações no site www.pucrs/fale/pos/varsul/

(4) Alfabeto fonético

O alfabeto fonético mais conhecido é o Alfabeto Fonético Internacional (IPA). Há ainda o alfabeto proposto por Kenneth Lee Pike, que utiliza como símbolos principalmente caracteres existentes no teclado do computador.

(5) VARBRUL 2S

Os programas do pacote computacional VARBRUL 2S, de maneira geral, organiza um conjunto de dados lingüísticos, de acordo com a variável dependente, em “ambientes possíveis” do ponto de vista lingüístico e extra-lingüístico. Estabelecidos tais contextos, o programa realiza um algoritmo que oferece informações estatísticas, na forma de pesos relativos, para cada fator condicionador de uma regra variável.

(6) Pesquisadas realizadas em Teoria da Variação na FALE (PUCRS)

ALMEIDA, Marco Antônio Bomfoco de. **A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngüe de Flores da Cunha: uma análise quantitativa**. 2000. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2000.

- BARBOSA, Cláudia Soares. **A elisão da vogal média /e/ no Sul do Brasil: uma regra variável.** 2005. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.
- BARDEN, Liege Therezinha Vogt. **A variação na concordância verbal da terceira pessoa do plural.** 2004. 74 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.
- BORSATO, Daniela. **A degeminação no interior do vocábulo.** 2002. 75 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.
- CARDOSO, Daniela. **Expressão do modo imperativo em português: uma regra variável.** 2004. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.
- CASAGRANDE, Graziela Pigatto Bohn. **Harmonização vocálica: análise variacionista em tempo real.** 2004. 171 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.
- KAMIANECKY, Fernanda. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis: uma análise quantitativa.** 2003. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.
- KOELLING, Sandra Beatriz. **A concordância nominal em Porto Alegre(RS): análise variacionista.** 2003. 108 f.: il. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.
- MAYA, Leonardo Zechlinski. **A variação da preposição para na fala de Porto Alegre.** 2004. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.
- MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica.** 1997. 213 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1997.
- PIRES, Lisiane Buchholz. **A palatalização das oclusivas dentais em São Borja.** 2003. 171 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.
- ROCHA, Everson Ribas da. **A degeminação dos clíticos portadores de vogal média /e/ e /o/ na capital e na fronteira do Rio Grande do Sul.**

BRESCANCINI, Cláudia Regina. **A fricativa palato-alveolar e sua complexidade: uma regra variável.** 2002. 364 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

TASCA, Maria. **A lateral em coda silábica no Sul do Brasil.** 1999. 147 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

PESQUISA EM SINTAXE E SUAS RELAÇÕES PRÓXIMAS: SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA

Ana Maria Tramunt Ibaños

A Sintaxe é uma subteoria lingüística que investiga as propriedades da sentença em linguagem natural. Ela faz interface interna, em suas relações intradisciplinares, com as outras subteorias lingüísticas, a Fonologia (Fonética), a Morfologia, a Lexicologia, a Semântica e a Pragmática. Os tópicos mais investigados são exatamente os relevantes para que a investigação pura e ou aplicada esteja numa relação adequada. Inferências como *acarretamento*, *hiponímia*, *pressuposição* e *implicaturas* estão no centro dessas relações intradisciplinares.

Como a Lingüística tem relações externas, ou interdisciplinares com outras áreas, Psicologia, Computação, Comunicação, etc., a Sintaxe, como área da lingüística, também deve ser entendida em suas interfaces com tais disciplinas. Pode-se, então, caracterizar o conjunto de tais relações interdisciplinares e intradisciplinares como compromissos teóricos da Sintaxe.

Paralelamente, pode-se considerar o conjunto de aplicações potenciais da Sintaxe, por exemplo, no ensino de línguas, maternas e estrangeiras, na implementação de programas de computação, na avaliação e tratamento de doenças cerebrais, na abordagem de textos e fragmentos discursivos de comunicação, etc.

A Sintaxe teórica é a base para aplicações e práticas que dependem de conceitos, princípios e leis, obtidos no contexto das relações interdisciplinares e intradisciplinares mencionados anteriormente. Assim, a Sintaxe mais adequada é a que melhor se adapta a tais relações e, com isso, abre seu escopo de possíveis aplicações. Dessa forma, para se ter uma visão clara das propriedades da teoria sintática que melhor se aplica a um determinado campo de estudo, deve-se fazer “uma rápida inspeção sobre questões metodológicas da teoria da linguagem em suas tendências expressivas mais recentes” (Campos, 2004:26). Saussure (1916), Chomsky (1957/1995) e Montague

(1974) constituem-se em três parâmetros diferenciados e necessários para se compreender a questão metodológica e teórica da ciência da linguagem.

De acordo com Campos (2004), Saussure representa uma expressiva contribuição à definição metodológica e teórica da ciência da linguagem; assume a perspectiva de uma lingüística enquanto ramo da Semiologia e da Psicologia Social e desenha um conceito de língua (*langue*) como sistema de signos socialmente determinado pela prática histórica dos indivíduos. Saussure vê a linguagem como um instrumento estruturado a serviço da comunicação social. Chomsky (1957), por outro lado, inaugura uma nova perspectiva metodológica para a lingüística. “A teoria da linguagem se viu determinada pelo paradigma das ciências naturais, sob a inspiração de um empirismo mais abstrato e sofisticado, compatível com a matematização crescente em áreas como a Física, Química e Biologia” (Campos, 2004:27). A sintaxe é o componente privilegiado do estudo, uma vez que, para Chomsky, tudo o que pode ser descrito está nos limites da forma, portanto, sintaxe. Por fim, Montague (1974) rompe com a tradição de Lingüística como enraizada na Psicologia e define linguagem como algo passível de ser investigado dentro de uma ciência formal, como a Lógica e a Matemática. Diferentemente de Chomsky, Montague estabelece a sintaxe e a semântica como componentes integrados em uma interface isomórfica, mas é a semântica que determina a direção do processo, impondo restrições sobre a sintaxe.

A Sintaxe mais desenvolvida para o trabalho das interfaces é a Gerativa, modelo Chomskyano, que desenvolve uma teoria da linguagem (UG) estimulante em termos teóricos e origina importantes debates para todos os estudos da linguagem. Os objetivos da teoria são o de descrever a linguagem como uma propriedade da mente humana e de explicar sua fonte.

Todos os seres humanos compartilham parte de seu conhecimento da linguagem; independentemente da língua que falem, a UG é sua herança comum.

O conhecimento da linguagem se dá com variações em um pequeno número de propriedades. UG é uma teoria do conhecimento, não de comportamento; preocupa-se com a estrutura interna da mente humana. A natureza deste conhecimento é inseparável do problema de como ele é adquirido; uma proposta para o conhecimento da linguagem necessita de uma

explicação de como ela surgiu. A teoria UG mantém que o falante conhece um conjunto de princípios que se aplicam a todas as línguas e de parâmetros que variam dentro de um escopo claramente definido de uma língua para outra. Adquirir uma língua significa aprender como esses princípios se aplicam a uma língua particular e que valor é apropriado para cada parâmetro.

Dentro deste escopo, destacam-se as pesquisas sobre anáforas, papéis temáticos, parâmetro do sujeito (pro-drop) e forma lógica; a Semântica compatível com tal descrição é a praticada por teóricos como Kai Von Fintel, Irene Heim e, no nível discursivo, a empregada na DRT de Hans Kamp. A Pragmática Griceana e modelos subseqüentes, como o de Sperber&Wilson, são compatíveis tanto com a interface cognitiva quanto com a formal e comunicativa, externamente, e com a sintaxe/semântica, no nível interno.

A metodologia científica empregada consiste de uma parte abdução inicial que prepara hipóteses de trabalho a serem discutidas, seguida por uma parte empírica que se caracteriza como pesquisa indutiva em que se corroboram ou falseiam tais hipóteses, com conseqüente formatação dedutiva para garantir a validade da argumentação. Os resultados de tais pesquisas são aplicados essencialmente às [Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado em Lingüística realizadas no PPGL / FALE / PUCRS \(1\)](#).

Referências

Campos, Jorge. Metateoria Lingüística (considerações ao nível da Filosofia da Ciência) **Revista da ADPPUCRS**, no. 5, p. 25-32, 2004.

Chomsky, N. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouten and Company, 1957.

Chomsky, N. **The minimalist program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

de Saussure (1916). **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1974.

Montague, R. **Formal Philosophy**. New Haven: Yale University Press, 1974.

(1) Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado em Lingüística realizadas no PPGL / FALE / PUCRS

Dissertações de Mestrado

Santos, Júlia Braga dos. **Mecanismos sintáticos e estruturação de parágrafos**. 2005. Dissertação

(Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

Silva, Ana Márcia Martins da. **As vozes verbais sob a perspectiva da teoria da regência e ligação**: uma análise de manuais de ensino da língua portuguesa. 2006. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

Sobieszczanski, Miriam. **Análise funcional das orações adverbiais reduzidas de participio em textos jornalísticos**. 2005. 80 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

Teses de Doutorado

Abreu, Sabrina Pereira. **A negação sentencial**: de Teoria dos Princípios e Parâmetros ao Programa Minimalista. 1998. 232f. Tese (Doutorado em Letras (Lingüística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

Pacheco, Silvana Zardo. **Syntax-Pragmatics interface**: Brazilian Portuguese L2 acquisition of English. 2005. Tese (Pós-Doutorado em Lingüística), Massachusetts Institute Of Technology, MIT, Estados Unidos, 2005.

LÓGICA E LINGUAGEM NATURAL: UMA ABORDAGEM FORMAL DA LINGUAGEM

Gabriel de Ávila Othero
Gustavo Brauner
Doutorandos em Lingüística Aplicada da PUCRS

1. Lógica e Linguagem Natural

A Lingüística é ramo da Ciência que visa a estudar a linguagem. Mas a Lingüística não é apenas uma ciência só. Na verdade, 'lingüística' é o termo usado para definir toda a Ciência da Linguagem, que engloba um grande número de campos de estudo, cada qual dedicado a pesquisar um aspecto específico da linguagem. Assim, temos, dentro da Lingüística, áreas como a Fonética, a Fonologia, a Sintaxe, a Semântica, a Pragmática, entre outras. O importante aqui, contudo, é compreender que a Lingüística não é uma ciência só, única em si mesma, mas uma ciência formada por diversos campos diferentes e específicos de investigação e estudo, e que faz parte de um conjunto maior, aquele das ciências no geral (que aqui nos referiremos como Ciência, com 'c' maiúsculo). E, como mencionado, um dos campos específicos de estudo dentro da Ciência da Linguagem é a Semântica.

Em linhas gerais, podemos dizer que a Semântica é o estudo do significado. Mas como o significado não é um fenômeno empiricamente observável, podemos dizer que a Semântica estuda *propriedades* do significado. Em um paralelo com a Física, mais especificamente com a Física Quântica, temos nos quarks, objetos não-observáveis, formas similares ao que representa o **significado** para o semanticista. Os físicos quânticos estudam *propriedades* dos quarks, buscando investigar a natureza dessas partículas, mesmo impossibilitados de observá-las diretamente. E, assim como os físicos quânticos, os semanticistas buscam estudar a natureza do significado através da investigação de *propriedades* do significado. Por exemplo, os semanticistas estudam fenômenos como **hiponímia** (se isto é uma rosa, então isto é uma flor – mas se aquilo for uma flor, não necessariamente será uma rosa; a passagem do conjunto menor para o conjunto mais amplo, mas não vice-versa),

sinonímia ('cão' é sinônimo de 'cachorro' – mas existem duas palavras diferentes, então, embora de significado aproximado, as duas palavras não referem exatamente a mesma coisa) e **antonímia** ('positivo' é o inverso de 'negativo' – mas o que exatamente torna esses dois conceitos inversos?), entre outros fenômenos envolvendo a significação. Como o significado sempre faz parte de alguma linguagem, seja ela natural (como as línguas humanas – o português, o inglês, o francês), seja ela construída (como as linguagens computacionais – C++, DELPHI, Prolog), podemos concluir a nossa definição de Semântica dizendo que a Semântica é o estudo de propriedades do significado em linguagem.

2. O Programa de Pesquisa em Lógica e Linguagem Natural

O Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da PUC-RS concentra diversas linhas de pesquisa, distribuídas, principalmente, em duas grandes áreas: Teoria da Literatura e Lingüística Aplicada.

Dentre as linhas de pesquisa em Lingüística, existe um programa de pesquisa voltado para os estudos em Semântica: o Programa de Pesquisa em Lógica e Linguagem Natural, idealizado, desenvolvido e orientado pelo Prof. Dr. Jorge Campos da Costa.

À primeira vista, o nome do programa pode causar certo choque, unindo duas áreas aparentemente tão distantes, opostas e inversas, sendo uma formal, exata e precisa, a Lógica, e outra tão mais humana, natural e orgânica, a Linguagem Natural. Mas esse choque é minimizado quando observamos com mais atenção à maneira como essa união é construída.

2.1. A Ciência e suas Interfaces

A Lingüística é o ramo da Ciência que visa a estudar a linguagem. Essa definição explicita o fato de que a Lingüística faz parte de um conjunto maior, que a engloba – a Ciência (usaremos o 'C' maiúsculo para nos referirmos ao conjunto que é a Ciência, em contraste à ciência com 'c' minúsculo, um estudo específico). E assim como a Ciência engloba a Lingüística, esta também

engloba outras áreas, cada qual voltada para pesquisas e estudos específicos: a Física, a Matemática, a Química e a Biologia, por exemplo.

Em um panorama mais amplo e organizado, podemos dizer que existem três grandes áreas dentro da Ciência: as Ciências Formais, as Ciências Naturais, e as Ciências Sociais. Dentro das Ciências Sociais, temos áreas como a Sociologia e as Ciências Políticas. Nas Ciências Naturais, a Psicologia e as Ciências Cognitivas. E, nas Ciências Formais, áreas como a Física, a Matemática, a Lógica e outras Ciências Exatas.

E cada uma dessas disciplinas pode ser articulada com outras, e de outras áreas, dando origem a trabalhos de interface, sejam eles intra-disciplinares (dentro de uma mesma área de conhecimento) ou interdisciplinares (entre áreas diferentes). No caso de estudos interdisciplinares surgem pesquisas de interface tais como os da Psicologia Social, da Matemática Cognitiva, ou da Lingüística Formal, por exemplo. E se por um lado temos interfaces entre áreas diferentes de conhecimento, interdisciplinares, também se pode construir interfaces internas a cada área. No caso da Lingüística, poderíamos construir uma interface entre Sintaxe e Semântica, Semântica e Pragmática, ou Fonologia e Sintaxe, por exemplo, buscando investigar um objeto específico, construído dentro dessa união interdisciplinar.

O principal título referente a estudos de interface, como aqueles propostos pelo Programa de Pesquisa em Lógica e Linguagem Natural, e *Os Enigmas do Nome*²⁴, de autoria do Prof. Jorge Campos. Essa obra traz os fundamentos de como um trabalho de interface pode ser conduzido e desenvolvido, suas vantagens e horizontes, ao mesmo tempo em que vai investigando o tratamento dispensado por filósofos e lingüistas para um tópico por vezes esquecido, por vezes deixado de lado, mas de alta importância: o nome próprio.

A abordagem de interface apresentada em *Os Enigmas do Nome* insere-se em uma tradição de debate sobre o método científico desenvolvida por pesquisadores de renome como Popper, Kuhn e Feyerabend, delineando aquela que é hoje uma das abordagens mais interessantes e bem-vindas em ciência: a perspectiva de estudos realmente inter-, intra-, e multidisciplinares, ou, de maneira mais abrangente e ao mesmo tempo mais específica, de

²⁴ COSTA, Jorge Campos da. *Os enigmas do nome*. Porto Alegre: AGE, 2004.

interface, onde o importante para uma pesquisa não é apenas a visão desta ou daquela área, mas a análise conjunta de uma ou mais áreas de um objeto construído internamente a essa pesquisa.

2.1.1. A Semântica e suas Interfaces

Os estudos de interface, entretanto, não se esgotam na união de grandes áreas de conhecimento ou apenas nas relações intra-disciplinares, como nas interfaces Sintaxe/Semântica ou Ciências Naturais/Ciências Sociais; em estudos desse tipo, pode-se desenvolver interfaces de praticamente quaisquer duas ou mais áreas, desde que se observe uma disposição amigável para a formatação da interface em questão.

Assim, podemos construir estudos de interface entre áreas tão diferentes quanto a Matemática e a Cognição, a Psicologia e a Computação e a Lógica e a Semântica. Essa é a postura do Programa de Pesquisa em Lógica e Linguagem Natural.

O Programa de Pesquisa em Lógica e Linguagem Natural adota uma abordagem de constituição de interfaces entre diferentes áreas de conhecimento, visando a construir objetos de investigação que sejam relevantes nas interfaces, um ponto muitas vezes ignorado por pesquisadores em estudos intra-, inter-, ou multidisciplinares: a interface entre duas ou mais áreas só faz sentido quando o objeto de estudos é construído dentro da interface, relevante para todas as áreas envolvidas, e não apenas quando observado ou analisado sob o ponto de vista dessa ou daquela área, para uma comparação posterior dos pontos de vista envolvidos. Não existe qualquer ganho, por exemplo, se em uma interface entre Matemática e Neurociência o pesquisador primeiro verificar os resultados de um sujeito em uma prova de geometria – sua nota – para, depois, em um momento posterior, verificar que partes do cérebro desse mesmo sujeito são ativadas quando ele se concentra em formas geométricas ou em cálculos matemáticos de maneira abstrata – só haverá ganho real se o estudo de interface entre Matemática e Neurociência tiver um objeto construído dentro dessa interface, relevante ao mesmo tempo para as duas áreas, como, por exemplo, quês partes do cérebro são ativadas no

momento exato em que o sujeito da pesquisa está usando seus conhecimentos de geometria e matemática.

No caso específico dos estudos em Semântica, o número de interfaces é alto, tanto de maneira intra quanto interdisciplinar. Dentro da Ciência da Linguagem, a Semântica pode fazer interface com todas as outras subáreas ou subteorias da Lingüística. Em um estudo de interface entre Semântica e Fonologia, por exemplo, um pesquisador poderia construir um objeto de maneira a verificar a mudança de significado quando da mudança da ênfase da entonação do falante – “**João** ama Maria” (quem ama Maria é o *João*, não o Paulo), “João **ama** Maria” (é *amor* o que João sente por Maria, e não amizade), ou “João ama **Maria**” (é a *Maria* quem o João ama, não a Mônica). Já em uma interface entre Semântica e Sintaxe, por exemplo, o pesquisador poderia investigar como a ordem e a organização das palavras em uma sentença influencia na interpretação do significado dessa sentença – “Amo muito tudo isso”, “Tudo isso amo muito”, “Amo isso muito tudo”, ou “Tudo muito isso amo”.

Em um estudo de interface com outras áreas do conhecimento, a Semântica pode ser articulada com a Neurociência, por exemplo, buscando investigar que áreas do cérebro são responsáveis pela interpretação de sentenças. Ou com a Sociologia, visando a descobrir como as mesmas palavras podem adquirir significados diferentes para diferentes grupos sociais. Ou a Semântica poderia ser articulada com a Computação, em uma pesquisa sobre a constituição do significado das palavras e as relações entre conceitos compartilhados por palavras diferentes. As possibilidades de interface são grandes, e os ganhos são muitos, desde que se assuma uma postura de interface amigável entre todas as áreas envolvidas.

2.1.2 A Semântica em Interface com a Lógica

Em uma interface com as Ciências Formais, e, mais especificamente, com a Lógica, a Semântica se beneficia de toda uma tradição de precisão do raciocínio, lapidada em pelo menos dois milênios de investigação, e cujas origens remontam à Antigüidade Clássica.

Na época dos grandes filósofos gregos, os fundadores do pensamento ocidental, a preocupação com a verdade e, por conseguinte, com a precisão da

condução para a verdade, levou à investigação dos mecanismos que, se seguidos, garantem um raciocínio preciso e conclusão adequada às premissas envolvidas em qualquer argumentação.

Em outras palavras, o que os gregos antigos buscavam eram maneiras de garantir que, uma vez apresentada uma argumentação qualquer, a conclusão dessa argumentação não fosse díspare com aquilo que era apresentado como premissa para conduzir à conclusão. Por exemplo:

(1)

Premissa (A)	Todos os homens são mortais.
Premissa (B)	Platão é homem.
Conclusão (C)	Platão é mortal.

O exemplo, apesar de simples, ilustra bem o que os filósofos gregos buscavam – precisão na passagem das premissas para a conclusão. E, para alcançar essa precisão na passagem das premissas para a conclusão, eles investigaram quês mecanismos garantiam a precisão de raciocínio. Fundou-se, assim, a Lógica, a partir dos estudos do filósofo grego Aristóteles.

A Lógica é a disciplina que estuda os princípios e critérios válidos de inferência. ‘Inferência’ é a passagem de premissas para uma conclusão, baseado somente naquilo que é apresentado como premissas em um argumento qualquer. Por exemplo, em (1), acima, a inferência é a passagem das premissas (A) e (B) (o argumento) para a conclusão (C). Das premissas apresentadas, seria impossível concluir que Platão é imortal, que a PUC é uma universidade, ou que Pégaso é o cavalo alado, por exemplo – essas não são inferências válidas para as premissas/argumento apresentados.

Como o que é importante na passagem das premissas para a conclusão é a precisão do raciocínio, e não o conteúdo das premissas, a Lógica não trabalha com **conteúdos específicos**, mas com a **forma dos raciocínios**. Por isso dizemos que a Lógica, assim como a Matemática, são Ciências Formais: elas lidam com a forma, e não com o conteúdo. Na Matemática, por exemplo, não importa se estamos contando maçãs ou laranjas; o que importa é que, se somarmos uma maçã com outra maçã, teremos duas maçãs, e esse mesmo raciocínio – o da soma – vale para qualquer tipo de fruta, pessoa, veículo ou

qualquer coisa que se possa imaginar, mesmo coisas diferentes (se você juntar uma maçã com uma laranja, perceberá que o raciocínio não se perde – você fica com duas frutas ou, se você somar uma maçã com um carro, fica com dois objetos). Assim, por esse caráter formal, livre de conteúdo específico, os estudos em Lógica e em outras áreas formais causam certo choque em pesquisadores de outras áreas, ou em pessoas comuns que se deparam com aparentes incongruências de raciocínio. Observe-se (2), abaixo:

(2)

Premissa (A)	Todo queijo tem buracos.
Premissa (B)	Buracos no queijo indicam menos queijo no total.
Premissa (C)	Quanto mais queijo, mais buracos.
Conclusão (D)	Quanto mais queijo, menos queijo.

Perceba-se que, na passagem das premissas acima para a sua conclusão, segue-se o mesmo tipo de raciocínio envolvido no exemplo em (1) – a conclusão é condizente com as premissas apresentadas, embora intuitivamente, para a nossa percepção, seja uma conclusão estranha. Se uma pessoa qualquer tem cada vez mais e mais de alguma coisa, parece óbvio concluir que essa pessoa tem cada vez mais e mais do que quer que seja que tenha, e, não, menos. Mas, como mencionamos, a Lógica – assim como a Matemática – não se preocupa com o conteúdo das premissas, apenas com a precisão na passagem das premissas para a conclusão. E é isto que a Lógica garante, mesmo que algumas conclusões sejam contra-intuitivas ou muito estranhas para a percepção humana, como no exemplo em (2).

Para garantir que o conteúdo das premissas não interfira no processo de raciocínio lógico, a Lógica se baseia em regras. As regras, por princípio, são livres de conteúdo e garantem a precisão na passagem de premissas para a sua conclusão. Uma das regras é aquela usada nos exemplos em (1) e (2), acima, chamada de Modus Ponendo Ponens ou, simplesmente, Modus Ponens. Essa regra diz que “se P, então Q, e P, portanto, Q”, ou, em linguagem lógica, $(P \rightarrow Q) \wedge P \vdash Q$. Isso quer dizer que, se temos determinadas premissas, e se essas premissas levam para determinada

conclusão, então, necessariamente, sempre que tivermos essas premissas, teremos a sua mesma conclusão.

Além da regra de Modus Ponens, existem outras regras lógicas, e todas têm o mesmo objetivo, o objetivo mais geral da Lógica: garantir a precisão na passagem das premissas de um argumento para a sua conclusão.

Como o importante é a passagem das premissas para a conclusão, e não o conteúdo das premissas e da conclusão em si, a Lógica lida com valores de verdade. Um argumento pode ser válido ou inválido, mas não ambos. Todo argumento ou é válido, ou é inválido. Isso é relevante no sentido de que o que é válido ou inválido é a precisão do raciocínio e, por conseguinte, a conclusão do argumento. Observe-se o exemplo em (3):

(3)

Premissa (A)	Todos os homens são mortais.
Premissa (B)	Sócrates é homem.
Conclusão(C)	Sócrates é imortal.

O argumento apresentado em (3) é válido ou inválido? Inválido, porque as premissas dizem que todos os homens são mortais e, dessa forma, se Sócrates é homem, então Sócrates *deve* ser mortal. Perceba-se que a precisão da Lógica é tal que a conclusão (C) nem mesmo poderia ser cogitada, uma vez que o predicado 'imortal' não aparece nas premissas do argumento.

Mas qual a vantagem de se estudar Semântica em interface com a Lógica?

O Programa de Pesquisa em Lógica e Linguagem Natural do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-RS visa a estudar, principalmente, os *fundamentos* das disciplinas Semântica e Lógica. Visto as dificuldades enfrentadas por qualquer área de pesquisa em países em desenvolvimento, cujas condições não são as ideais, esse tipo de abordagem, de estudo dos fundamentos de uma área, permite que aqueles engajados em pesquisas na área apliquem esses fundamentos em estudos de interface com quaisquer outras áreas. A Lógica, nesse sentido, é a pedra fundamental das ciências da computação, por exemplo. A Semântica também é uma área de alta relevância para a computação, e um pesquisador com conhecimentos bem-

fundamentados nas duas áreas têm ampla vantagem sobre aqueles que não possuem esse mesmo tipo de conhecimento.

Mantendo a interface Semântica/Lógica, o pesquisador pode construir objetos que sejam relevantes para as duas áreas. Assim, pode-se investigar com a riqueza dos estudos lingüísticos e a precisão dos mecanismos formais propriedades da natureza de certos fenômenos da significação. Observe-se o exemplo em (4):

(4) João sonhou com Maria e beijou-a.

Para a Lógica, a inferência é a de que temos duas proposições unidas por um conetivo, e nada mais: João sonhou com Maria, e João beijou Maria. Simples assim, duas proposições sem qualquer outro vínculo entre elas que o conetivo 'e'. Mas, em uma interface com a Semântica e com a Pragmática, podemos interpretar que João sonhou com Maria e beijou Maria no sonho, e não no mundo real, inferência essa que escapa à Lógica. Nesse tipo de investigação de interface é relevante descobrir como as propriedades do conetivo 'e' em linguagem natural parecem contribuir para o significado composicional da expressão em (4), uma vez que, para a Lógica, o conetivo 'e' não tem qualquer outra função que não seja a de conectar proposições. Esse é o tipo de investigação que o Programa de Pesquisa em Lógica e Linguagem Natural propõe para aqueles interessados em investigações lingüísticas – pesquisas onde um objeto seja construído de maneira relevante para todas as áreas envolvidas na interface.

E, para os interessados em estudos de outra natureza, em interfaces com outras áreas, os conhecimentos de base adquiridos nos cursos de Semântica garantem os fundamentos necessários para a construção de interfaces. Um aluno pode se propor a um estudo de interface com as Ciências Cognitivas, e investigar como o significado é interpretado pelo cérebro humano quando tem diferentes origens – será que as mesmas regiões do cérebro que são ativadas quando uma pessoa vê uma foto de alguém fazendo o número dois com os dedos são as mesmas de quando essa pessoa lê o número dois em uma folha de papel?

Assim, a riqueza maior do Programa de Pesquisa em Lógica e Linguagem Natural reside no objetivo de garantir aos pesquisadores interessados em investigações na área as bases necessárias para estudos ainda mais arrojados, bem-fundamentados pelo conhecimento da construção de interfaces, pelos conhecimentos em Semântica e pelos conhecimentos em Lógica.

O Programa de Pesquisa em Lógica e Linguagem Natural se propõe, enfim, a prover o que é mais básico, mas que também é aquilo que é mais importante: o que é realmente fundamento e fundamental.

3. Teses e Dissertações na linha Lógica e Linguagem Natural defendidas na PUCRS

O Programa de Pesquisa em Lógica e Linguagem Natural já tem 20 anos dentro do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-RS. Fizemos o levantamento de todas as dissertações de Mestrado e teses de Doutorado que já foram defendidas na PUC e que se inscrevem dentro do programa.

Além disso, duas obras também são fruto do Programa de Pesquisa em Lógica e Linguagem Natural – [Os Enigmas do Nome](#)²⁵ e [Na Interface Semântica/Pragmática](#)²⁶. A primeira, como mencionado, é a pedra fundamental dos estudos de interface, escrita por Jorge Campos da Costa, o idealizador e guia do Programa de Pesquisa em Lógica e Linguagem Natural. A segunda, de organização de Ana Maria Tramunt Ibaños e Jane Rita Caetano da Silveira, ex-orientandas do Prof. Jorge Campos, é fruto direto de trabalhos de investigação de interface, reunindo textos de diversos pesquisadores que seguem a linha norteadada pelos cursos e orientações do Prof. Jorge Campos.

A relação 1 mostra as dissertações de Mestrado. A relação 2 apresenta as teses de Doutorado. Ambas estão organizadas cronologicamente e apresentam a referência completa do trabalho: autor, título, ano e orientador. Ao passar os olhos por essas relações, tenha em mente a riqueza das múltiplas possibilidades de pesquisa e estudo uma vez que os conhecimentos de base tenham sido assentados – a partir dos conhecimentos mais

²⁵ COSTA, Jorge Campos da. *Os enigmas do nome*. Porto Alegre: AGE, 2004.

²⁶ IBAÑOS, A. M. T.; SILVEIRA, J. R. C. da. (orgs). *Na interface semântica/pragmática*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

fundamentais, de uma boa base, torna-se mais fácil atingir conhecimentos mais elevados, construir prédios mais altos.

COSTA, Jorge Campos da. A relevância da pragmática na pragmática da relevância (a lógica não-trivial da linguagem natural). 1984. 188p. Or.: Feryal Yavas.
FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. A teoria dos modelos cognitivos idealizados de George Lakoff: um projeto experiencialista para a semântica do conceito. 1992. 330p. Or.: Jorge Campos da Costa.
PERNA, Cristina Becker Lopes. A competência pragmática na realização de pedidos de desculpas em inglês como L2. 1992. 195p. Or.: Jorge Campos da Costa.
SIMÕES, Luciene Juliano. Aquisição da distinção semântica entre nominais contáveis e não-contáveis em língua portuguesa. 1992. 329p. Or.: Jorge Campos da Costa.
ZILLES, Jussara Maria. A distinção will/be going to – da gramática à teoria da relevância. 1993. 284p. Or.: Jorge Campos da Costa.
GEDRAT, Dóris Cristina. A relevância da relevância na inferência não-trivial e na significação implícita. 1993. 196p. Or.: Jorge Campos da Costa.
CHISHMAN, Rove Luiza de Oliveira. A natureza da interface sintaxe-semântica em Ray Jackendoff. 1995. 182p. Or.: Leda Bisol.
EICK, Paula Fernanda de Souza. A evolução histórico-teórica do componente semântico no programa gerativista de investigação. 1997. 113p. Or.: Jorge Campos da Costa.
WERTHEIMER, Ana Maria Coelho Silva. Sobre a natureza problemática das expressões idiomáticas: aspectos lingüísticos e psicológicos. 1998. 105p. Or.: Jorge Campos da Costa.
GOBBI, Silvana Silveira. Inferências pragmáticas do tipo implicatura e pressuposição no slogan publicitário em inglês. 1999. 140p. Or.: Jorge Campos da Costa
GOLDNADEL, Marcos. Pressuposição e implicatura de relevância: uma proposta de resolução do problema da projeção. 1999. 221p. Or.: Jorge Campos da Costa.

ROSSA, Carlos Ricardo Pires. Relações lexicais que geram implicaturas escalares em língua inglesa: um estudo teórico. 1999. 183p. Or.: Jorge Campos da Costa.
SARTORI, Roberta. A relevância da inferência relevante: uma abordagem da significação implícita na teoria das implicaturas. 1999. 180p. Or.: Jorge Campos da Costa.
SIQUEIRA, Maity Simone Guerreiro. Metáfora: intersecção entre abordagens lógicas e cognitivistas. 1999. 128p. Or.: Jorge Campos da Costa.
VIÉGAS - FARIA, Beatriz. A teoria das implicaturas de Grice vista à luz dos diálogos de Romeu e Julieta e parcialmente aplicada à sua tradução. 1999. 99p. Or.: Jorge Campos da Costa.
FREITAS, Neiva Morawski Fontoura. O processo inferencial no diálogo psicopedagógico através da teoria das implicaturas da Grice. 2000. 126p. Or.: Jorge Campos da Costa.
LIMA, Lucia Helena Ferreira de Araújo. A polidez em inglês através da Teoria das Implicaturas. 2000. 155p. Or.: Jorge Campos da Costa.
HODARA, Ricardo Holmer. A inferência pragmática computável na interface psicologia cognitiva e lingüística. 2001. 202p. Or.: Jorge Campos da Costa.
LIMA, Moacir Costa de Araújo. Inferência e linguagem jurídica: sobre a natureza da significação implícita. 2001. 141p. Or.: Jorge Campos da Costa.
OLIVEIRA, Maria do Socorro Borges de. Teoria da Relevância: uma resposta pragmático-cognitiva para os implícitos na linguagem publicitária. 2001. 215p. Or.: Jorge Campos da Costa.
ALVES, Ana Cristina dos Santos. Os implícitos nos diálogos on-line na interface lingüística e comunicação. 2002. 130p. Or.: Jorge Campos da Costa.
LEME, Andreza da Costa. A natureza do significado implícito das expressões idiomáticas da língua inglesa através da Teoria das Implicaturas de Grice. 2002. 123p. Or.: Jorge Campos da Costa.
BARRETO, Fernanda Menna. As implicaturas conservacionais generalizada na interface

entre a semântica e a pragmática. 2003. Or: Jorge Campos da Costa.
BRAUNER, Gustavo. Sobre a Teoria Semântica Lexical: Fodor & Lepore X Pustejovsky. 2003. Or: Jorge Campos da Costa.
RIBAS, Paulo Antônio Viegas. Estudo inferencial sobre a negação lingüística nas interfaces semântica/lógica e pragmática/comunicação. 2004. Or: Jorge Campos da Costa.
MACHADO, Claire Ducatti. Inferências Pragmáticas: uma abordagem do diálogo tipo <i>chat</i> . 2005. 128 f. Or: Jorge Campos da Costa.
MOLSING, Karina Veronica. The Role of Semantics in the Linguistic Relativity of Time. 2005. Or: Jorge Campos da Costa.
FORNECK, Kári Lúcia. A Metáfora na Linguagem Publicitária: uma Abordagem Cognitivo-comunicativa. 2006. Or: Jorge Campos da Costa.
LEDUR, Paulo Flávio. O Impacto da Revisão de Textos sobre a Interface Semântica/Pragmática. 2006. Or: Jorge Campos da Costa.
ARAÚJO, Daniela. As Palavras e seus Efeitos: O Sexismo na Publicidade. 2007. Or: Jorge Campos da Costa.

Relação 1: dissertações de Mestrado

COSTA, Jorge Campos da. O status lógico-lingüístico da nomeação (uma questão problemática da filosofia da linguagem). 1988. 307p. Or.: Feryal Yavas.
IBAÑOS, Ana Maria Tramunt. O enigma das atitudes proposicionais: significados estruturados x sentencialismo. 1994. 226p. Or.: Jorge Campos da Costa.
ALONSO, Loar Chein. A polidez e o ato de recusa em inglês como língua estrangeira – um estudo comparativo. 1995. 398p. Or.: Jorge Campos da Costa/Ana Maria Sthal Zilles.
PORTANOVA, Rui. A pragmática das implicaturas e a linguagem jurídica. 1997. 486p. Or.: Jorge Campos da Costa.
PORTANOVA, Ruth. Propriedades e limitações das gramáticas categoriais como

formalismo de interface sintaxe-semântica. 1997. 176p. Or.: Jorge Campos da Costa.
SILVEIRA, Jane Rita Caetano da. Teoria da relevância: uma resposta pragmática-cognitiva à comunicação inferencial humana. 1997. 400p. Or.: Jorge Campos da Costa.
FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. Naturalização da semântica das representações mentais: o programa de pesquisa de Jerry A. Fodor. 1998. 258p. Or.: Jorge Campos da Costa.
GEDRAT, Dóris Cristina. Relevância na composição semântica das estruturas conceptuais lexicais. 1999. 189p. Or.: Jorge Campos da Costa.
QUADROS, Ronice Müller de. Phrase structure of brazilian sign language. 1999. 301p. Or.: Jorge Campos da Costa.
CHISHMAN, Rove Luiza de Oliveira. A teoria do léxico gerativo: uma abordagem crítica. 2000. 184p. Or.: Jorge Campos da Costa.
FINGER, Ingrid. Acquisition of L2 English verb morphology: the aspect hypothesis tested. 2000. 250p. Or.: Jorge Campos da Costa.
ANDRADE, Gilberto Keller de. Possibilidades e limitações da DRT no tratamento de propriedades pragmáticas do tipo implicatura. 2002. 216p. Or.: Jorge Campos da Costa.
MOZZILLO, Isabella Ferreira. Sobre a natureza da conversação bilíngüe: uma abordagem via Teoria da Relevância. 2002. 175p. Or.: Jorge Campos da Costa.
LAMB, Clarice Schneider. The inferential process of the English language learner. A study of the communicative approach. 2003. Or: Jorge Campos da Costa.
PERNA, Cristina Becker. The Translation of contracts and the principle of relevance. 2003. Or: Jorge Campos da Costa.
GOLDNADEL, Marcos. Pressuposição radicalmente pragmática. 2004. Or: Jorge Campos da Costa.
VIEGAS-FARIA, Beatriz. Implicaturas conservacionais e tradução teatral. 2004. Or: Jorge Campos da Costa.

Relação 2: teses de Doutorado

ESTUDOS SOBRE O TEXTO/DISCURSO

Susana de Quinteros Creus

Os estudos sobre línguas maternas e estrangeiras, delineados com base em uma perspectiva funcional, interativa, e interdisciplinar, fazem voltar o pensamento às duas posturas tradicionais sobre a linguagem: a linguagem como sistema formal e a linguagem como sistema de significados que se codificam formalmente. As atuais disciplinas que tratam da análise da linguagem passam a priorizar o estudo do significado e da forma em relação com o significado, fazendo com que a gramática identifique o **texto/discurso** como unidade de linguagem em uso.

Uma ampla gama de áreas temáticas centradas no texto/discurso ou que veiculam propostas de estudos em torno do texto/discurso abrem diversas possibilidades de pesquisa. No caso das línguas maternas e estrangeiras, a prática da leitura e da produção textual, em todos os níveis, contempla as diferentes modalidades textuais e discursivas, com vistas ao aprimoramento de habilidades de produção e compreensão oral e escrita. O estudo da gramática se organiza em função do texto/discurso numa visão da língua em uso, e a prática da leitura e da produção de textos e discursos de diversos gêneros responde à noção de “adequação comunicativa”.

Todo texto se apresenta como uma “configuração regulada por diversos planos em constante interação” (ADAM, 1999: 39) e, por sua vez, tais planos estão constituídos de unidades que mantêm uma interação permanente, regular, mas também, assimétrica (ADAM, 1999).

Entender una **gramática textual** supone adoptar una perspectiva funcional, es decir, un punto de vista que entiende el lenguaje como un sistema de significados que se codifican formalmente. [...] Lo que los hablantes de una determinada lengua intercambian son significados; lo que negocian, cuando se relacionan, son significados; lo que producen son lo que analizamos como unidades de significado, es decir, **textos**²⁷ (MARTÍN MENÉNDEZ, 2006:10). (grifado nosso).

²⁷ Entender uma gramática textual supõe adotar uma perspectiva funcional, i.e., um ponto de vista que entende a linguagem como um sistema de significados que se codificam formalmente. [...] O que os falantes de uma determinada língua intercambiam são significados; o que negociam, quando se relacionam, são significados; o que produzem são o que analisamos como unidades de significado, i.e., **textos** (tradução nossa).

Escapando a uma definição banalizada da palavra **texto** e seguindo a linha de raciocínio de Fiorin (2006), o **texto** não deve ser entendido como um amontoado de frases com significados autônomos, i.e., os significados das partes de um texto não podem ser considerados de forma isolada e sim, dentro de correlações que vão se articulando internamente para criar uma trama de sentido. “Todo texto contém um pronunciamento dentro de um debate de escala mais ampla” (FIORIN, 2006:13). “[...] é nos textos e pelos textos que o aluno vai adquirir a competência de operar criativamente, com os dados armazenados, um tipo de saber cada vez mais raro na contemporaneidade e que precisa ser recuperado” (FIORIN, 2002:3).

Para atingir os objetivos das novas tendências curriculares, é preciso desenvolver metodologias de ensino de texto nas quais as questões teóricas sejam adotadas como um conjunto de opções disponíveis para serem aplicadas na análise do funcionamento concreto da língua. Os recursos gramaticais são, então, alternativas às quais o falante recorre quando produz um texto, sendo que ele “é uma unidade semântico-pragmática e está determinado a partir do uso” (MARTÍN MENÉNDEZ, 2006:15). Como já foi expresso por VAN DIJK:

Tal como foi dito, o estudo das línguas com freqüência se limita à gramática (comparada) de um idioma determinado e fica longe de levar em consideração uma análise sistemática dos diferentes tipos e contextos de uso da língua. [...] a análise das estruturas e funções dos textos requer um modo de proceder interdisciplinar. A tarefa da ciência do texto consiste em descrever e explicar as relações internas e externas dos diferentes aspectos das formas de comunicação e uso da língua, tal e como são analisados nas diferentes disciplinas (VAN DIJK, 1997: 10-17) (tradução nossa).

Abordando o conceito de texto em uma concepção interacional, KOCH (2002:17) afirma que o texto pode ser considerado o “próprio lugar da interação” e o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos ou texto-co-enunciadores, i.e., o texto não preexiste a essa interação. A autora conclui que a ciência do texto está, cada vez mais, intensificando o diálogo com as demais ciências, e não apenas com as ciências humanas. Através da construção do sentido do texto desvendam-se as funções da linguagem; “o uso

da linguagem e a produção de textos se fazem na interação” (MOURA, M.H., 2006: 15).

Utilizar a linguagem é, enfim, interagir a partir do intercâmbio de textos. Vem daí, a necessidade de propiciar aos alunos condições para o desenvolvimento de competências, habilidades e estratégias lingüístico-textual-discursivas para a produção, compreensão e interpretação de textos orais e escritos, oportunizando o desenvolvimento do senso crítico, ético e estético.

Conforme pode ser visto a seguir, os estudos do texto são realizados a partir de diferentes caminhos teóricos, construídos ou seguidos por reconhecidos lingüistas.

Dentre os possíveis modelos de gramática textual a proposta de M.A.K. Halliday se insere em uma teoria lingüística sistêmico-funcional, que, conforme o autor, é em si mesma uma teoria social. Para Halliday, o significado se realiza na linguagem em forma de texto e se configura conforme o contexto situacional. O texto é considerado como um produto e um processo; como uma entidade semântica; como uma forma de intercâmbio social de significados (Halliday, 1989).

Por sua parte, Beaugrande (1983), outro estudioso da Lingüística Textual, define o texto como um fato comunicativo que consta de determinados critérios para definir sua textualidade: a coesão e a coerência, a informatividade, a situacionalidade, a intencionalidade, a aceitabilidade e a intertextualidade. Conforme o autor, a ciência dos textos requer noções próprias, dada a natureza de seu objeto de estudo.

O ponto de partida de Van Dijk no desenvolvimento de uma teoria textual foi a incorporação e adaptação das noções gerativistas na organização do discurso, tais como as de estrutura profunda e superficial - macro e micro-componentes textuais - bem como as de transformações macro e micro-textuais (Van Dijk, 1995).

Em uma outra direção, Adam (1996:12), no seu estudo sobre a estrutura da composição nos textos, define o texto como um objeto de estudo de difícil delimitação metodológica e argumenta que a tipologia seqüencial apresentada no seu artigo constitui apenas um ponto de vista parcial sobre um objeto totalmente heterogêneo. Para o autor, um texto pode ser considerado “como uma configuração regulada por diversos módulos ou sub-sistemas em

constante interação”; uma estrutura hierárquica complexa que comporta seqüências do mesmo tipo ou de tipos diferentes (Adam (1992:21;34).

Com base na proposta estruturalista, a Teoria da Argumentação na Língua inicialmente desenvolvida por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, e atualmente continuada por Oswald Ducrot e Marion Carel, com a versão técnica dos Blocos Semânticos, é um modelo que se propõe estudar a linguagem tendo como unidade de sentido o enunciado. Um enunciado é a realização de um encadeamento argumentativo que é, por sua vez, uma unidade semântica. Para Ducrot, o sentido de um enunciado pode ser definido apenas na inter-relação com outros enunciados, i.e., no discurso. Ao longo do percurso teórico de Ducrot, encontram-se conceitos relativos a texto e a discurso; o primeiro relacionado com a entidade abstrata e o discurso concebido como a realização do texto.

Outra proposta teórica que tem por objeto de estudo o texto é a Semiótica. Sob o enfoque de uma teoria semiótica, um texto define-se pela sua estruturação, como “um todo de sentido”, i.e., como objeto de significação; mas também como objeto de comunicação mediante as relações que se estabelecem entre um destinador e um destinatário. Em outros termos, o texto só pode ser concebido nessa dualidade que o define (Barros, 1990).

Para explicar “o que o texto diz” e “como o diz”, a semiótica trata, assim, de examinar os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e de recepção do texto (Barros, 1990: 8).

Com relação ao estudo do texto, a autora explica:

A lingüística foi, durante muito tempo, uma teoria da língua e da linguagem que não ia além das dimensões da frase, seja por acreditarem alguns, ser a frase a unidade lingüística por excelência, seja por dificuldades práticas de outros que reconhecem unidades maiores que a frase. [...] A mudança de posicionamento frente aos fatos de linguagem levou ao aparecimento de propostas teóricas diversas que concebem o texto, e não mais a frase, como unidade de sentido e que consideram, portanto, que o sentido da frase depende do sentido do texto (Barros, 1990:8).

A multiplicidade de definições, concepções e abordagens sobre o texto/discurso não se esgota nesses breves comentários, tendo sido intenção a de mostrar algumas delas.

Com o objetivo de favorecer a compreensão do leitor, o uso desses entendimentos encontra-se presente em uma [pesquisa \(1\)](#), apoiada na Teoria da Argumentação da Língua, descrita, de forma sucinta, no que se refere a título, autor, objetivo, metodologia, corpus, resultados e sugestões. Do mesmo modo, para que o leitor conheça possibilidades de temas de pesquisa na área do texto/discurso, são alistadas [Dissertações de Mestrado \(2\)](#) e [Teses de Doutorado \(3\)](#) realizadas no Programa de Pós-Graduação em Letras da FALE/PUCRS.

Referências

- ADAM, J.M.; LORDA, C.U. **Lingüística de los textos narrativos**. Barcelona: ARIEL, 1999.
- ____.; REVAZ, F. **La estructura de la composición en los textos**. In: Textos de Didáctica de la Lengua y de la Literatura, n. 10, p. 9-22, 1996.
- ____ **Les textes: types et prototypes**. Edition Nathan, 1992.
- FIORIN, J.L.; SAVIOLI, Platão F. **Para entender o texto**. São Paulo: Ática, 2006.
- ____ **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2002.
- HALLYDAY, M.A.K.; HASAN, R. **Language, Context, and Text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- KOCH, I. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- MARTÍN MENÉNDEZ, S. **¿Qué es una gramática textual?** Buenos Aires: Littera Ediciones, 2006.
- MOURA, M.H. **Texto e gramática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006
- PESSOA DE BARROS, D. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo : Ática S.A., 1990.
- VAN DIJK, T. A. **La ciencia del texto**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1997.
- ____ **Texto y contexto**. Madrid: Cátedra, 1995.

(1) Descrição sucinta de uma pesquisa

Título: Expressões idiomáticas: un enfoque semántico-argumentativo

Autora: Susana de Quinteros Creus

Objetivo geral: Partindo da idéia de que a capacidade no manejo das expressões idiomáticas é fundamental para o domínio de uma segunda língua, o trabalho propõe sistematizar a análise dessas unidades lingüísticas, cuja complexidade e heterogeneidade geram problemas de carácter interpretativo.

Metodologia: Esta pesquisa se fundamenta no modelo teórico geral da Argumentação na Língua (Anscombe; Ducrot, 1984) e se vale especificamente de duas versões técnicas: topoi argumentativos (Anscombe; Ducrot, 1983; Raccah, 1990; Bruxelles, Ducrot, Raccah, 1995) e blocos semânticos (Carel, 1992). Centra-se nas expressões idiomáticas identificadas como combinações

idiomáticas figurativamente claras (CIFC), com base na classificação efetuada por outros autores (Cacciari, Glucksber, 1993 e Nunberg, Sag, Wasow, 1994). Cria-se um construto teórico definido como Princípio Argumentativo de Inferências Progressivas (PAIP). O processo descritivo, desenvolvido através de um fluxograma, focaliza o aspecto semântico do léxico, bem como as relações argumentativas manifestadas no transcurso de tal processo.

Corpus: As expressões idiomáticas que ilustram o trabalho foram extraídas do *Diccionario fraseológico del español moderno* (1996); *Spanish Idioms* (1996); *La enseñanza de las unidades fraseológicas* (1999); *Dictionnaire des expressions idiomatiques* (1995); *Diccionario de dichos y frases hechas* (2003). O método de investigação proposto é aplicado à análise de expressões idiomáticas em espanhol, português e francês com resultados satisfatórios.

Conclusões: Contribuição metodológica eficaz para a análise semântica de expressões idiomáticas, discernimento preciso sobre suas propriedades e conseqüente interpretação do sentido figurado e detecção dos elementos indispensáveis para demonstrar o processo de cristalização das expressões idiomáticas.

Sugestões: Realizar estudo sistemático de expressões idiomáticas à luz da Semântica Argumentativa - além de auxiliar na descrição dos processos de cristalização lexical, ajudaria para uma melhor compreensão das línguas especialmente no que concerne à tradutologia. Detectar os traços tópicos nos elementos lexicais componentes das expressões idiomáticas. Investigar o processo de evolução semântica prévio à cristalização de tais expressões idiomáticas. Aproveitar a linha de pesquisa para detectar os mecanismos evolutivos do processo de *protolocalização* das expressões idiomáticas em geral.

(2) Dissertações de Mestrado realizadas no PPGL/FALE/PUCRS

ABREU, Francisco de Sales. **O emprego da anáfora como elemento de coesão referencial, em redações escolares, por alunos do Ensino Fundamental:** um estudo evolutivo. 2001. 110f. Dissertação (Mestrado em

Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

ACIOLI, Maria Teresa Freitas Valle. **Tópico, conversação e ameaça**. 1989. 232 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1989.

AITA, Ana Lúcia Gubiani. **Crítérios de textualidade em narrativas de 1º grau**. 1997. 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1997.

AZEVEDO, Tânia Maris de. **Argumentação, conceito e texto didático: uma relação possível**. 1995. 103 f.: il. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1995.

BALDO, Alessandra. **Abordagens pragmáticas à distribuição da informação em enunciados**. 2000. 169 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2000.

BARBISAN, Leci Borges. **As relações paradigmáticas de sinonímia e as relações sintagmáticas no dicionário de língua**. 1980. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa (Linguística Aplicada)) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.

BOCCHESE, Jocelyne da Cunha. **Sujeito polifônico e argumentação no editorial e na publicidade**. 1993. 286 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1993.

BOTH, Joseline Tatiana. **Por uma abordagem enunciativa da leitura no ensino fundamental: o livro didático**. 2007. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2007.

CREUS, Susana Quinteros de. **Descripción semântico pragmática del movimiento argumentativo en enunciados en lengua española**. 2000. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2000.

DRESCH, Márcia. **O discurso do Cepergs-Sindicato: uma abordagem discursiva**. 1994. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1994.

FRANCO, Aida Germann da Silva. **O uso da conjunção na narrativa escrita infantil.** 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

GUEDES, Rosália. **A posição do sujeito na revista "Veja": uma análise do conector de oposição.** 1997. 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1997.

IBAÑOS, Ana Maria Tramunt. **Análise de argumentação por uma leitura do subentendido.** 1989. 235 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1989.

JACOBUS, Artur Eugênio. **Previsibilidade referencial e emprego de recursos anafóricos no português escrito.** 1996. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

KOLBERG, Lia Terezinha. **O sujeito e seu outro no discurso jornalístico impresso.** 1992. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1991.

KRÁS, Cléia Silva Biasi. **A substituição lexical como mecanismo de coesão na produção do texto.** 2002. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

LE MOS, Janaína Pimenta. **Descrever é argumentar: análise da articulação argumentativa entre seqüências descritivas referentes a personagens e seqüências narrativas.** 2003. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

MACHADO, Rejane Flor. **O uso de estruturas tópicas características do oral em narrativas escritas.** 1994. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1994.

MATSUMURA, Sandra. **O resumo à luz da teoria polifônica da enunciação.** 2003. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

MATTES, Marlene Gonçalves. **A coerência de textos de alunos de alemão como língua estrangeira.** 1989. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1989.

MAURER, Karen Luciana. **Aposto**: uma forma de argumentação. 2005. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

MELLER, Janine. **A subjetividade no discurso citado**. 2005. 62 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

MOLINAS, Alejandra Silvia Bentolilla de. **A manchete televisionada**: bloco monolítico ou heterogeneidade discursiva? 1991. 228 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1991.

MÜLLER, Liane Filomena. **O movimento referencial em textos argumentativos**. 1999. 155 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

OLIVEIRA, Viviane Maria Heberle de. **Leitura de textos argumentativos em inglês**: uma aplicação pedagógica. 1988. 216 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1988.

POLONIA, Eunice. **A leitura do texto publicitário**: uma investigação no ensino de inglês. 1989. 361 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1989.

PORTO, Daniela Ilha. **A reinterpretação**: um estudo a partir da semântica argumentativa. 2004. 143 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

RAMOS, Patrícia Chittoni. **Intertextualidade e traduzibilidade**. 1992. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1992.

RICO, Sandra Jacqueline. **O comportamento da anáfora conceitual no texto argumentativo**. 2002. 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

ROCHA, Viviane Sobral Ribas da. **A argumentação em tiras**. 2006. 89 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, Porto Alegre, 2006.

RYPL, Mariana Martinez. **A construção do sentido pela substituição lexical no discurso.** 2006. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

SANTOS, Noemi Luciane dos. **A polifonia no movimento argumentativo do discurso.** 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

SARTORI, Adriane Terezinha. **O uso inadequado de "onde" e "mas" em textos de alunos.** 1995. 261 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1995.

SARTORI, Elisa Martins Marques. **Os advérbios na publicidade: em busca da subjetividade e da intersubjetividade.** 2002. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

SCHULTZ, Erica Sofia Luiza Foerthman. **A descrição das partículas de matização doch e wohl nos dicionários bilíngües alemão-português.** 1991. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, Porto Alegre, 1991.

SCHULZ, Elisa Ludwig. **O diminutivo na fala de homens e mulheres em Porto Alegre e São Borja.** 1997. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1997.

SILVA, Adriana Lopes da. **O estudo do 'mas' no português falado do Rio Grande do Sul.** 2000. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2000.

SILVA, Aida Germann da. **O uso da conjunção na narrativa escrita infantil.** 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre.

SILVA, Alessandra Gomes da. **Estudo da subjetividade no resumo através da anáfora conceitual.** 2003. 198 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

SILVA, Antonio Ribeiro da. **A elipse em textos jornalísticos de opinião em língua francesa.** 2001. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

SILVA, Magda Teresinha da. **A expressão do tópico em textos narrativos e em textos argumentativos de língua portuguesa.** 2001. 162 f. Dissertação

(Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

SILVEIRA, Maria Izabel da. **Teoria da argumentação na língua: uma perspectiva de aplicação ao ensino.** 2005. 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

SOARES, Fabiane Pereira. **O mecanismo coesivo da elipse do sujeito na narrativa escrita infantil.** 2002. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

SPOHR, Marlene Isabela Bruxel. **Um olhar sobre o funcionamento argumentativo da ironia.** 2003. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

TEIXEIRA, Terezinha Marlene Lopes. **Enunciação e produção de narrativas na escola de 2º grau.** 1990. 235 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1990.

TREVISAN, Janine Bendorovicz. **As formações imaginárias do sujeito italiano: uma abordagem discursiva acerca das imagens de si e do outro na definição das identidades.** 2000. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2000.

WELCHEN, Dirce. **O pronome tu: uma das marcas da linguagem do gaúcho.** 1998. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

(3) Teses de Doutorado realizadas no PPGL / FALE / PUCRS

ANDERSEN, Eleinice Maria Larroza. **O tu construído no discurso do eu: uma abordagem polifônico-discursiva da segunda pessoa.** 2006. 149 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

AZEVEDO, Tânia Maris de. **Semântica argumentativa: uma possibilidade para a descrição do sentido do discurso.** 2003. 132 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

BARBISAN, Leci Borges. **Queleques aspects du rapport tâche-activité interlangagière des productions d'étudiants brésiliens apprenant le**

- français.** 1983. Tese (Doutorado em Linguistique Et Phonétique) - Universite Grenoble III, UNIGREIII, França.
- BARROS, Nina Célia. **As múltiplas faces da incongruência:** uma introdução ao texto humorístico. 1994. 171 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1994.
- BIER, Helena Beatriz. **A verdade desvelada pelo sujeito da enunciação no discurso médico.** 2004. 330 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.
- BRISOLARA, Oscar Luiz. **O discurso do predador:** uma análise discursiva de contos de João Simões Lopes Neto. 2002. 245 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.
- CREUS, Susana Quinteros de. **Expresiones idiomáticas:** un enfoque semántico-argumentativo. 2004. 202 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.
- DICK, Lauro João. **A construção da identidade na redação escolar.** 1997. 180 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1997.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Subjetividade e enunciação:** as formas de discurso indireto e a hipótese de uma semântica metaenunciativa. 1997. 307 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1997.
- FREITAS, Ernani César. **A teoria da argumentação na língua:** blocos semânticos e a descrição do sentido no discurso. 2006. 235 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.
- GIERING, Maria Eduarda. **Heterogeneidade e organização discursiva.** 1998. 336 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1998.
- KRÁS, Cléa Silvia Biasi. **A sinonímia como mecanismo coesivo em substituição lexical na produção de textos argumentativos.** 2003. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.
- _____. **Sinonímia e textura.** 2007. 370 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2007.

MACHADO, Rejane Flor. **Papéis semânticos, sintáticos e pragmáticos:** fatores concorrentes para a organização da linguagem. 1999. 222 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

NÓBREGA, Mônica. **O mesmo e o outro:** a constituição dos sentidos na articulação entre linguística e psicanálise. 2002. 280 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

OLIVEIRA, Dermeval da Hora. **A palatalização de oclusivas dentais:** variação e representação não-lineAr. 1990. 292 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1990.

OLIVEIRA, Emília Pimenta. **Mecanismos argumentativos na reportagem.** 2001. 224 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

ORTIZ, Elsa Maria Nitsche. **O povo cala e fala;** o discurso do samba-enredo de 1964/65 a 1989/90. 1995. 2 v. Tese ((Doutorado em Letras(Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1995.

PEREIRA, Aracy Ernest. **Na inconsistência do humor, o contraditório da vida:** o discurso proverbial e o discurso de alterações. 1994. 165 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1994.

PIRES, Vera Lúcia. **Discurso e relações de gênero:** sob o signo da contradição, o rompimento com o senso comum e a instauração do sentido/outro. 1999. 188 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

SANTOS, Sílvia Costa Kurtz dos. **Articulando linguística e linguística aplicada:** semântica argumentativa e ensino de inglês. 2003. 172 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

SETTINERI, Francisco Franke. **Quando falar é tratar;** o funcionamento da linguagem nas intervenções psicanalíticas. 2001. 142 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

TASCHETTO, Tânia Regina. **A presença do sujeito no discurso acadêmico.** 2002. 220 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

TEIXEIRA, Terezinha Marlene Lopes. **A presença do outro no um:** um exercício de análise em canções de Chico Buarque. 1998. 314 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

TOLDO, Cláudia Stumpf. **A relação palavra e imagem no texto publicitário:** linguagens que argumentam. 2002. 250 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

VOESE, Ingo. **O discurso citado:** um estudo do humor político. 1991. 142 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1991.

WITTKÉ, Cleide Inês. **O valor argumentativo da oração relativa no discurso:** uma proposta para o ensino da língua materna. 2006. 194 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

ZANDWAIS, Ana. **Formações discursivas da classe operária brasileira na Primeira República.** 1993. 224 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1993.

A PESQUISA EM PSICOLINGÜÍSTICA

Joselaine Sebem de Castro

Acredita-se que o termo “psicolingüística” tenha aparecido pela primeira vez em um artigo de Proncko, em 1946, no qual se colocava como abordagem central o relacionamento entre o pensamento (comportamento) e a linguagem. Contudo, foi somente em 1951 que se deu a publicação de um livro para tratar especialmente das relações entre lingüística ([fatos lingüísticos \(1\)](#)) e psicologia ([problemas de comunicação \(2\)](#)).

Nessa fase, os estudos abarcados por esse campo interdisciplinar constituíam uma tentativa de encontrar respostas para questões comuns às duas disciplinas. Identificava-se, ainda, a existência de dois caminhos opostos: um que partia da Psicologia para a Lingüística e outro que partia da Lingüística para a Psicologia.

Na Psicologia, os estudiosos buscavam compreender o funcionamento da linguagem como um meio para se chegar a uma melhor compreensão da mente humana, pois acreditavam que esta se organizava de forma análoga à linguagem e através dela. Vislumbravam-se, então, duas correntes: a mentalista, que explorava o pensamento através da linguagem, e a comportamentalista, que buscava entender o comportamento lingüístico, reduzindo-o a uma série de mecanismos de estímulo-resposta.

Na Lingüística, a busca pela teoria psicológica apareceu especialmente pelos introdutores do método histórico, que tentavam fundamentar suas explicações sobre as mudanças lingüísticas no [associacionismo psicológico \(3\)](#). A demonstração feita por [Wundt \(4\)](#) de que a linguagem poderia ser em parte explicada com base em princípios psicológicos motivou a adesão de muitos lingüistas, especialmente porque as propostas e métodos do psicólogo obedeciam ao rigorismo científico, o que contribuiria para uma abordagem mais científica da linguagem.

A dificuldade de aplicar análises psicológicas aos fenômenos contemporâneos a partir de uma perspectiva histórica acabou por reduzir a colaboração entre as duas áreas. Com a introdução da descrição sincrônica

das línguas, feita pelo estruturalismo lingüístico, Psicologia e Lingüística reaproximaram-se.

Esse período foi bastante produtivo, principalmente devido ao sucesso do estruturalismo (5) e do comportamentalismo (6). Também, destaca-se um relacionamento mais igualitário entre Psicologia e Lingüística, com contribuições e descobertas de ambos os campos. De acordo com Kess (1992), essa relação mais simétrica foi possibilitada pelo fato de os dois paradigmas serem operacionalistas, isto é, buscavam construir suas teorias com base nos fenômenos observáveis e através de um conjunto de operações verificáveis que são facilmente explicitadas. No entanto, uma colaboração mais estreita entre as duas ciências foi dificultada, por um lado, porque os comportamentalistas reduziram a linguagem a atos de fala observáveis, minimizando o papel das estruturas mentais e, por outro, porque os estruturalistas julgavam a semântica inacessível à pesquisa lingüística. Como explica Scliar-Cabral (1991), uma psicologia que não estuda a mente e uma lingüística que não estuda o significado têm pouco a oferecer uma à outra.

A Teoria da Informação (7), surgida logo após a Segunda Guerra, ofereceu à Psicolingüística uma base epistemológica mais consistente. Por volta dos anos 50, a Psicolingüística era definida como o estudo dos “processos de codificação e decodificação no ato da comunicação, na medida em que ligam estados das mensagens e estados dos comunicadores” (Osgood e Sebeok, 1954, ap. Titone, 1976: 24). Seguindo a definição, a unidade de comunicação, objeto de análise dessa ciência, era descrita como englobando os seguintes elementos:

fonte → transmissor/codificador → canal → receptor → decodificador → destino
--

Com o crescente aumento de pesquisas e descobertas, surge a necessidade de agrupar e organizar tais materiais que tratavam de problemas comuns. Em 1954, Osgood e Sebeok editam o material apresentado em um famoso simpósio realizado no ano anterior, na Universidade de Indiana. A partir de então, a ciência Psicolingüística ficou mais bem definida, assim como mais bem esclarecidos seus métodos e limites de atuação.

Em 1959, o operacionalismo, característico tanto do comportamentalismo como do estruturalismo, é fortemente criticado por Noam Chomsky, lingüista que propõe uma abordagem racionalista e dedutiva para a ciência. Assim, os fundamentos da Psicolingüística foram abalados, ocasionando uma diminuição gradativa do comportamentalismo e uma revigoração do mentalismo, embora em novas bases. A partir daí, a Psicolingüística assume como paradigma teórico central o modelo chomskyano, proposto para a Lingüística, o qual propunha, principalmente, que:

a) as sentenças faladas (estruturas superficiais) seriam derivadas de estruturas profundas, através de regras transformacionais, que se organizam numa gramática ou sintaxe;

b) este componente sintático (Gramática Universal - GU), capaz de gerar qualquer e somente uma língua, deveria ser inato à espécie humana;

c) se distinguísse entre a competência (conhecimento que um falante nativo ideal tem de sua língua) e a performance (atividade do falante numa situação comunicativa concreta).

À teoria lingüística cabia o estudo da competência – tendo como componente central a sintaxe – e o seu objetivo seria a construção e descrição de uma Gramática Universal que permitisse entender como a linguagem surge e se diferencia, em línguas distintas, na mente humana. A dificuldade de encontrar evidências experimentais que sustentassem as teorias, assim como a verificação de que não apenas a estrutura sintática, mas também a semântica e a pragmática seriam importantes no processamento de sentenças foi ocasionando o abandono dessa linha de pesquisa.

As mudanças na teoria lingüística chomskyana, juntamente com a consideração de fatores semânticos e pragmáticos, propiciaram uma ampliação e enriquecimento da Psicolingüística. Atualmente, observa-se, então, uma abordagem mais cognitivista, na qual os aportes da teoria lingüística, embora ainda importantes, perderam seu caráter de exclusividade, sendo a linguagem apenas um dos fatores da cognição.

Os [novos experimentos sobre a realidade psicológica das estruturas e operações sintáticas](#) (8) mostraram que tais estruturas desempenham função

na memória e na organização cognitiva. Também se verificou que as estruturas lingüísticas não são adquiridas separadamente dos conceitos semânticos e das funções discursivas, além de estarem submetidos aos princípios cognitivos. A aquisição da linguagem passou a ser explicada como o resultado da interação entre vários fatores. Rejeitando a centralidade e independência da gramática, o [paradigma cognitivo](#) (9) ampliou e tornou mais variado o campo dos estudos psicolingüísticos, aproximando-os de outras [ciências relacionadas](#) (10) (como a Antropologia, a Filosofia da Linguagem, a Inteligência Artificial).

Scliar-Cabral (1991) apresenta os seguintes assuntos como de interesse da Psicolingüística:

- relações entre pensamento e linguagem;
- aquisição da linguagem;
- neurofisiologia da linguagem;
- fatores inatos, maturacionais e experienciais;
- processamento dos sinais lingüísticos;
- processamento textual;
- memória semântica;
- distúrbios de aquisição e processamento da linguagem.

Pode-se perceber, conforme essa lista, que predomina o enfoque de questões como a relação entre linguagem e cérebro, incluindo os fundamentos biológicos da linguagem, sua neurofisiologia e os prejuízos do processamento causados por lesão cerebral; as relações entre pensamento e linguagem, como um produto do sistema cerebral; os sistemas de processamento mental da linguagem, incluindo os subsistemas lingüísticos (fonética, sintaxe, semântica, etc.) e os subsistemas psíquicos (percepção, memória, conhecimento de mundo, etc.); processamento de unidades amplas como o texto e o discurso; e a aprendizagem de outros sistemas lingüísticos como a leitura e a escrita.

Dada a relevância natural dos tópicos abordados pela Psicolingüística, são bastante numerosas, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da PUCRS as [dissertações de mestrado](#) (11) e as [teses de doutorado](#) (12) que recaem nessa área do saber, mais especificamente na linha de pesquisa denominada “Processamento cognitivo da linguagem e

conexionismo (13)”, como pode ser exemplificado através do estudo realizado por Castro (2004) (14). Do mesmo modo, no Centro de Referência para o Desenvolvimento da Linguagem – CELIN, vinculado a esse programa, vêm sendo realizadas pesquisas (15) nessa mesma linha, tendo como eixo temático a compreensão da leitura. As descobertas científicas, possibilitadas especialmente pelo desenvolvimento das técnicas de imageamento cerebral (16), com certeza ainda instigam mais a curiosidade sobre as bases neurológicas do fenômeno da linguagem, fomentando novos e importantes conhecimentos.

Referências

ENGELKAMP, J. **Psicolingüística**. Madrid: Gredos, 1981.

KESS, J.F. **Psycholinguistics**: psychology, linguistics and the study of natural language. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.

MCCLELLAND, J. D. & RUMELHART, D. E. **Parallel distributed processing**: explorations in the microstructure of cognition: psychological and biological models. V.2. Cambridge: MIT, 1986.

SCLIAR-CABRAL, L. **Introdução à Psicolingüística**. São Paulo: Ática, 1991.

TITONE, R. **Psicolingüística aplicada**. Buenos Aires : Kapelusz, 1976.

(1) Fatos lingüísticos

Estrutura da língua, níveis lingüísticos e mudança lingüística.

(2) Problemas de comunicação

Interferência dos estados mentais do falante na elaboração e compreensão da mensagem lingüística.

(3) Associacionismo psicológico

Corrente da Psicologia que demonstrou o princípio da associação, segundo o qual eventos percebidos ao mesmo tempo estão associados. Com base nesse princípio, tentava-se explicar o uso da linguagem, assim como os outros fenômenos mentais.

(4) Wundt

É um dos fundadores da Psicologia.

(5) Estruturalismo

O Estruturalismo representa uma forma de pensar e um método de análise praticado nas ciências do século XX, especialmente nas áreas humanas. Propõe-se a analisar sistemas em grande escala, a fim de averiguar as relações e as funções dos elementos que constituem tais sistemas. Na Lingüística, o estruturalismo teve como expoente maior Ferdinand de Saussure. Sua preocupação centrou-se nas regras e convenções subjacentes que permitem o uso da língua como comunicação. Para melhor entendimento

do estudo da linguagem separou-a em *langue* (língua, o sistema formal da linguagem que governa os eventos da fala) e *parole* (palavra propriamente dita, o discurso, ou os eventos da fala). Saussure estava interessado na estrutura básica da língua, aquilo que é comum a todos os falantes e que funciona em um nível inconsciente.

(6) Comportamentalismo

Teoria psicológica que estabelece que o comportamento deve ser explicado através de experiências observáveis e não por processos mentais. O comportamento é tudo aquilo que se faz e que se pode observar diretamente. Desse modo, os processos mentais, os pensamentos, motivos e sentimentos, não devem ser objetos de estudo da psicologia, pois não são diretamente observáveis.

(7) Teoria da Informação

A teoria da informação é um ramo da teoria da probabilidade e da matemática estatística que trata de sistemas de comunicação, transmissão de dados, codificação, teoria do ruído, correção de erros, entre outros. Claude E. Shannon é considerado o pai da teoria da informação, por ter sido o primeiro a considerar a comunicação como um problema matemático rigorosamente embasado na estatística.

(8) Novos experimentos sobre a realidade psicológica das estruturas e operações sintáticas

Destacam-se especialmente Fodor, Garret e Bever.

(9) Paradigma cognitivo

De acordo com o paradigma cognitivo, a cognição lingüística é cognição, não sendo, portanto, um fenômeno separado da cognição humana global. Isso significa que se esperam encontrar na língua os mesmos padrões de cognição observados por psicólogos e neurobiólogos. Baseados nesse paradigma, os estudos psicolingüísticos integram a língua no sistema cognitivo geral do ser humano. Nem a língua é vista como um sistema autônomo e nem a faculdade da linguagem é vista como uma faculdade autônoma.

(10) Ciências relacionadas

Uma vez que a linguagem é considerada como uma parte integrante da cognição e em interação com outros sistemas cognitivos (percepção, atenção, memória, raciocínio, etc.), a Psicolingüística está aberta à interdisciplinaridade com as outras ciências cognitivas. Ela não só incorpora dados relevantes dessas ciências na descrição da linguagem, mas também contribui com as mesmas para o estudo da cognição humana.

(11) Dissertações de Mestrado em Psicolingüística realizadas no PPGL/FALE/PUCRS

ALVES, Sandra Maria Leal. **A regra de apagamento no processo de compreensão leitora e na atividade de resumos.** 2005. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

AMORIM, Luciana Motta. **Predição leitora de vocábulos em associação por contigüidade e conhecimento prévio.** 2004. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

AQUINI, Janice Pinheiro Machado. **A leitura oral expressiva como facilitadora da compreensão.** 2007. 80 f.: il. Dissertação (Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2007.

ARAÚJO, Célia Câmara de. **Pontos de convergência entre leitura e escritura:** um estudo sobre domínio lexical e desempenho em produção de textos escritos. 2005. 171 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

BAMBARÉN, Iván Nelson Angues. **La comprenson del texto y los los niveles de construcción del sentido en el aprendizaje del español como lingua extranjera.** 2003. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

BARBOSA, Christiane Jaroski. **Influência de atividades de análise após a leitura de textos, na elaboração de resumos.** 1995. 95 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Lingüística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1995.

BORBA, Valquíria Claudete Machado. **Preditibilidade de conjunções e compreensão leitora:** um estudo com crianças de 4ª série do ensino fundamental. 2005. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

BROSOWICZ, Denise Mecking. **A relação entre a compreensão em leitura e o resumo.** 2000. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2000.

CASTRO, Joselaine Sebem de. **A influência de elementos contextuais no processo de construção da macroestrutura pragmática de textos.** 1998. 198 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

CHAVES, Jésura Lopes. **Compreensão leitora e domínio das seqüências argumentativas da crônica.** 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

CHIELE, Luciana Kerber. **A compreensão em leitura como indicadora do nível de inteligência.** 1996. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

CIELO, Carla Aparecida. **Relação entre a sensibilidade fonológica e a fase inicial da aprendizagem da leitura.** 1996. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

CONCEIÇÃO, Celso Augusto Nunes da. **Criação de um programa computacional de banco de dados para a implementação do Heureka - o dicionário remissivo.** 1997. 106 f.:il. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1997.

CORREA, Vanessa Loureiro. **Os dez verbos do português segundo modelo verbo-cêntrico.** 1998. 208 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

COSTA, Jussara Rosanelli Dalla. **A influência da tipologia textual na relação entre o conhecimento prévio do assunto e o nível de compreensão em leitura.** 1999. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

COSTA, Maria Inês Dornelles da. **Processamento auditivo e compreensão leitora.** 2001. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

DELAVI, Anderson Alves. **A alteração da mensagem escrita como recurso facilitador da compreensão de textos trabalhados nas aulas de inglês.** 2001. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

DURO, Maria Eulália Pitrez. **A estruturação e a aquisição do signo verbal como pistas para a elaboração de um dicionário remissivo.** 1997. 75 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1997.

FERRARI, Magaly. **Ampliação e reforço do vocabulário em língua estrangeira através da narração e da leitura de histórias infanto-juvenis.** 2002. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

FLORES, Beatriz Teresinha Marcante. **Relação entre consciência linguística e compreensão leitora em inglês como língua estrangeira.** 2006. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

FLORIANI, Kátia Baltoré. **A influência da leitura na aprendizagem implícita de estruturas complexas da língua portuguesa.** 2005. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

GABRIEL, Rosângela. **O uso das construções passivas em português.** 1996. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

GEHRKE, Nara Augustin. **Na leitura, a gênese da reconstrução de um texto.** 1993. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1993.

GERHARDT, Liane Beatriz. **A correlação entre a compreensão dos mecanismos coesivos e a produção de textos coerentes em inglês como língua estrangeira.** 1996. 95 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

GUARESI, Ronei. **Correlações entre experiência em leitura e desempenho em produção em produção escrita em educandos de 8ª série do ensino fundamental.** 2004. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

JAIME, Eleonora Elba Sobreiro. **A produção de textos na fase inicial da aquisição da escrita - escribas ou escritores?.** 1994. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1994.

KESSLER, Magda Luiza. **Tradução: uma sucessão de atividades de leitura e de escritura.** 1993. 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1993.

LEITE, Anelise de Souza. **Aprendizado lexical em língua inglesa.** 2006. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

LIED, Justina Inês Faccini. **Alterações de fala do professor de língua inglesa relativas à motivação dos alunos para a aprendizagem da língua.** 2000. 84 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2000.

LISBOA, Jussara Pedroso. **Conhecimento da superestrutura argumentativa e a compreensão leitora de universitários.** 2004. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

MARTINS, Maria Cristina dos Santos. **Os elementos lingüísticos contextualizadores na compreensão leitora.** 2002. 227 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

MOREIRA, Cláudia Martins. **O uso de estratégias de leitura na fase inicial de aprendizagem da lectoescrita.** 1999. 189 f.:il. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

PEREIRA, Maria Ceres. **Um estudo sociolingüístico lexical e fonológico na fala dos guias turísticos em Foz do Iguaçu.** 1994. 200 f.:il. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1994.

PORSCHÉ, Sandra Cristina. **O grau de correlação entre conhecimento prévio e compreensão do texto de opinião.** 2004. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

POZENATO, Maria Helena Menegotto. **Ensino e aprendizagem de inglês como língua estrangeira: tratamentos diferenciados.** 2001. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

PRESSANTO, Isabel Maria Paese. **Produção e compreensão de pronomes pessoais oblíquos de 3ª. pessoa em textos escritos.** 1993. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1993.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A leitura comentada e a elaboração de organizadores gráficos no ensino e na produção de textos expositivos de causação.** 1994. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1994.

RAHAL, Cláudia Belmonte. **Superestrutura da notícia: marcas da moldura ativadas na leitura e na escritura.** 2006. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

RAYMUNDO, Valéria Pinheiro. **O papel do tratamento de erros na ativação da experiência consciente e na promoção do desempenho de alunos adultos de língua estrangeira: um estudo em língua inglesa.** 2001. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

ROSSA, Adriana Angelim. **Atividades em tradução oral promotoras de consciência linguística: um estudo em língua inglesa.** 1999. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

ROWELL, Vania Morales. **A definição como recurso linguístico e sua relação a formação de conceitos científicos no Ensino Fundamental.** 2006. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

SCAPINI, Isabel Körbes. **Associações Interlexicais:** contribuição para um dicionário remissivo. 1997. 169 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1997.

SIGOT, Ana Elisa Gaelzer. **O procedimento “cloze” e a compreensão em leitura em inglês como língua estrangeira.** 1996. 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

SILVA, Maria Auxiliadora Baggio da. **A relação entre a motivação para a aprendizagem de língua portuguesa e o desempenho na produção escrita de alunos surdos utentes de libras.** 2007. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2007.

SOARES, Adriana. **Estratégias de leitura centradas no léxico como facilitadoras da compreensão leitora em língua inglesa.** 2003. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

SOARES, Débora de Araujo. **O resumo como instrumento facilitador da compreensão leitora em inglês como língua estrangeira.** 2004. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

SÖHNGEN, Clarice Beatriz da Costa. **O procedimento cloze como indicador do conhecimento prévio.** 1998. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

SOROKA, Jaqueline Golbspan. **Conexões entre produção textual e consciência metalingüística.** 1996. 281 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

SOUZA, Ana Paula Dias. **Avaliação da compreensão leitora de alunos de Ensino Médio:** escores de teste cloze, representações do professor e boletim escolar. 2003. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

SPOHR, Maria de Lourdes. **Referências pessoais:** compreensão leitora e consciência lingüística de alunos do Ensino Médio. 2006. 88 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

STEFAN, Heloísa. **A influência da instrução escolar no processo de formação de conceitos em portadores de deficiência mental leve.** 1998. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

TODD, Sarah Patrícia Altoe. **A influência da compreensão do conceito codificado pelo *present perfect* na aquisição de sua estrutura.** 2004. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

VARES, Marília Marques Lopes. **A atividade de resumo para avaliar a compreensão de textos em provas de proficiência de língua estrangeira.** 2002. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

WELP, Anamaria Kurtz de Souza. **A conscientização lingüística como promotora do desempenho em inglês como língua estrangeira na fase adulta.** 2001. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

ZANESCO, Liane Mroginisky. **A influência de atividades de versão escrita no aumento da consciência lingüística no processo ensino/aprendizagem de inglês como língua estrangeira.** 2001. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

ZIMMER, Marcia Cristina. **A relação entre a memória de trabalho e a recodificação leitora em crianças de 1ª série.** 1999. 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

(12) Teses de Doutorado em Psicolinguística realizadas no PPGL/FALE/PUCRS

BALDO, Alessandra. **Estratégias de leitura em língua materna e em língua estrangeira.** 2006. 198 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

BECKER, Bertilo Frederico. **Tratamento computacional de indicadores lingüísticos.** 1993. 293 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1993.

CASTRO, Joselaine Sebem de. **A influência do conteúdo emocional na recordação de textos:** uma abordagem conexionista. 2004. 198 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

CIELO, Carla Aparecida. **Habilidades em consciência fonológica em crianças de 4 a 8 anos de idade.** 2001. 144 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

CHIELE, Luciana Kerber. **Dificuldades na compreensão em leitura:** uma proposta de diagnóstico e intervenção. 2001. 115 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

FLORES, Onici Claro. **Consciência metapragmática:** uma abordagem multidisciplinar. 1994. 397 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1994.

FERRARI, Magaly. **A hipótese da idade crítica no aprendizado da língua estrangeira vista à luz da teoria conexionista.** 2004. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

GABRIEL, Rosângela. **A aquisição das construções passivas em português e inglês:** um estudo translinguístico. 2001. 213 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

POZENATO, Maria Helena Menegotto. **A produção e o ensino/aprendizagem de resumo em inglês como língua estrangeira sob o paradigma conexionista.** 2005. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

RAYMUNDO, Valéria Pinheiro. **Elaboração e validação de um instrumento de avaliação do nível de Consciência Linguística.** 2006. 243 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

ROSSA, Adriana Angelim. **Análise semântica latente:** uma nova visão sobre o processamento da informação textual. 2005. 192 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

ROSSA, Carlos Ricardo Pires. **A implicatura pragmática nos verbos modais em língua inglesa na visão do paradigma conexionista**. 2001. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

_____. **O uso do programa LSA para analisar a implicatura pragmática de verbos modais em inglês: uma interface conexionista**. 2005. 248 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

SIGOT, Ana Elisa. **O processo inferencial na leitura em língua inglesa sob uma abordagem conexionista**. 2002. 159 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

SMITH, Marisa Magnus. **Por uma pragmática da pontuação: um estudo dos sinais de pontuação em textos referenciais opinativos**. 1998. 214 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

WELP, Anamaria Kurtz de Souza. **A consciência lingüística como atenuante da ansiedade no aprendizado de língua estrangeira**. 2006. 166 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

ZIMMER, Marcia Cristina. **A transferência do conhecimento fônico-fonológico do português brasileiro (L1) para o inglês (L2) na recodificação leitora: uma abordagem conexionista**. 2004. 184 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

(13) Conexionismo

A busca pelo conhecimento sobre o funcionamento do cérebro, no que se refere à aprendizagem, começou em meados da década de oitenta do último século, com Rumelhart e McClelland (1986) e seu grupo de pesquisa sobre o Processamento Distribuído Paralelo (PDP); ou seja, sobre a forma como tudo o que sabemos sobre o mundo se configura em nosso cérebro. Surgia, então, o **conexionismo**, um novo e audacioso modelo cognitivo que trazia consigo a possibilidade de desvendar, através de complexas técnicas de investigação – eletroencefalograma, tomografia computadorizada, ressonância magnética, etc – o modo como processamos as informações.

(14) Estudo realizado por Castro (2004)

Título: A influência do conteúdo emocional na recordação de textos: uma abordagem conexionista

Autor: Joselaine Sebem de Castro

Objetivo: Estudar a relação entre recordação e carga emocional da informação em leitura. Verificar se os textos emocionantes são mais recordados que textos neutros e se trechos textuais emocionantes são mais recordados que trechos neutros.

Sujeitos: 120 alunos do Ensino fundamental, cursando o 3º Ciclo (correspondente, em linhas gerais, às séries 6ª, 7ª e 8ª do currículo seriado) de escola municipal de Porto Alegre / RS, com idades entre 12 e 15 anos, sendo 60 deles do sexo masculino e os outros 60 do sexo feminino.

Metodologia: Os instrumentos utilizados foram três textos narrativos – dois heterogêneos (trechos neutros e trechos emocionantes) e um texto homogêneo (totalmente neutro), os quais foram aplicados a 120 sujeitos. A coleta de dados compreendeu dois encontros: 1º) leitura do texto e 2º) relato da história (após 25 dias). Aos dados coletados foram aplicados os testes T-Student e ANOVA (Análise de Variância de um Fator). Para esse procedimento, os textos foram segmentados em unidades de informação (palavras/expressões). Cada texto originou duas versões, dependendo do modo como essas unidades foram consideradas. Em uma versão exata, foram validadas apenas as unidades literais recordadas pelos sujeitos; na versão aceitável, validaram-se ainda sinônimos e palavras com significado equivalente.

Conclusões: Por meio da análise estatística, verificou-se que textos que apresentam conteúdo emocionante são significativamente mais recordados que textos neutros. Os trechos emocionantes também apresentaram, em geral, média de recordação estatisticamente superior à dos trechos neutros.

(15) Pesquisas em Psicolinguística realizadas no Centro de Referência para o Desenvolvimento da Linguagem – CELIN / FALE / PUCRS

PEREIRA, Vera Wannmacher. **Aprendizado da leitura e da escrita através do computador, por alunos do Ensino Fundamental (ALEC)**, 2001/2002.

PEREIRA, Vera Wannmacher. **Alfabetização: a leitura no fio da história (ALFALHI)**, 2002/2003.

PEREIRA, Vera Wannmacher. **Preditibilidade: uma estratégia de leitura nas séries iniciais (PRELE1)**, 2002/2003.

PEREIRA, Vera Wannmacher. **Preditibilidade: procedimentos utilizados por crianças de séries iniciais e escores de compreensão leitora e produção escritora (PRELE2)**, 2003/2004.

PEREIRA, Vera Wannmacher. **Avaliação da compreensão leitora de alunos do Ensino Médio: escores e instrumentos em correlação (ACOL)**, 2004/2005.

PEREIRA, Vera Wannmacher. **Predição leitora em ambiente virtual e ambiente não-virtual: ensino, pesquisa e extensão (PRELE3)**, 2005/2007.

PEREIRA, Vera Wannmacher. **Aprendizado da leitura: produção, aplicação, investigação e socialização de jogos em ambiente virtual e ambiente não-virtual (ALEJogos)**, 2005/2007.

PEREIRA, Vera Wannmacher; SILVEIRA, Milene Selbach; KELLER, Gilberto de Andrade; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Processamento Cognitivo da Leitura em Livros Eletrônicos (E-Book)**, 2007.

(16) Técnicas de imageamento cerebral

Técnicas que permitem obter imagens do cérebro humano em atividade, nas quais se pode observar a anatomia estrutural, metabólica e neuroquímica do funcionamento desse órgão.